

# EXU

Adérito Simões



adérito simões

# Sumário

UMA EXPLICAÇÃO SOBRE QUIMBANDA.....	4
RESUMO .....	4
Palavras-chave.....	4
ABSTRACT .....	4
Keywords .....	4
QUIMBANDA E KIMBANDA .....	7
CONCLUSÃO.....	13
BIBLIOGRAFIA .....	14
NOMES SIMBÓLICOS .....	23
EXUNIZAÇÃO DOS ESPÍRITOS .....	28
LINHAS TRANSITÓRIAS .....	30
ARQUÉTIPO e MANIFESTAÇÃO.....	31
FORMAS PLASMADAS.....	32
CHEFE DE LINHA E CHEFE DE FALANGE .....	33
O MARAFO DE EXU .....	34
MARAFO E INCORPORAÇÃO .....	35
PROFANAÇÃO DO SAGRADO .....	38
A BEBIDA E SEU AXÉ/PODER.....	39
BEBIDA DE PODER VEM DE PLANTAS DE PODER.....	41
FUMO: UTILIZAÇÃO DO TABACO NO RITUAL UMBANDISTA.....	41
MANIPULAÇÃO ENERGÉTICA.....	42
UTILIZAÇÃO MODERADA.....	44
CONCLUSÃO.....	46
CAPA .....	47
CARTOLA.....	48
GARFO.....	49
HORA GRANDE.....	49
PONTO DE FORÇA GERAL .....	50
BREVE ANÁLISE DO ORIXÁ EXU NA CULTURA NAGÔ .....	50
MITOS NAGÔ .....	58

EXU GANHA O PRIVILÉGIO DE COMER PRIMEIRO .....	60
EXU AJUDA UM MENDIGO A ENRIQUECER.....	67
COSMOGÊNESE E TEOGONIA DE UMBANDA SAGRADA: .....	68
FUNÇÃO DO ORIXÁ EXU .....	75
EXU DEVE ESTAR FORA .....	75
BIPOLARIDADE E TRIPOLARIDADE .....	76
OFERENDAR EXU .....	77
OFERENDAR É COMUM? .....	77
POR QUE OFERENDAR EXU?.....	79
CONCEITO FORMAL DE OFERENDA .....	81
QUANDO OFERENDAR EXU?.....	82
ONDE OFERENDAR EXU? .....	82
COMO OFERENDAR .....	84
REGULARIDADE DAS OFERENDAS .....	86
O PADÊ.....	87
EXPLICAÇÕES A SEREM DADAS ANTES DOS EXEMPLOS DE OFERENDAS E SEUS PREPAROS.....	88
EXEMPLO DE PADÊ .....	90
EXEMPLO DE ORAÇÃO AO ORIXÁ EXU PARA SUA OFERENDA .....	92
EXEMPLOS DE OFERENDAS PARA EXU DE TRABALHO .....	93
O que é tronqueira, o que é firmeza e o que é assentamento .....	96
Kimbanda e Quimbanda .....	100
ERVAS DE EXU .....	104
CROWTHER E SUA LIVRE TRADUÇÃO DE EXU PARA DIABO NA BÍBLIA SAGRADA EM IORUBA .....	115
RESUMO .....	116
Palavras-chave.....	116
INTRODUÇÃO.....	117
ANÁLISE HISTÓRIA DA VIDA DE CROWTHER .....	119
CONCLUSÃO.....	123
LISTA DE FIGURAS .....	125
.....	129
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	130
Do Kimbanda à Quimbanda: .....	130
EXU GANHA O PRIVILÉGIO DE COMER PRIMEIRO .....	167
EXÚ AJUDA UM MENDIGO A ENRIQUECER.....	175



# UMA EXPLICAÇÃO SOBRE QUIMBANDA

Adérito Serafim Simões França<sup>1</sup>

**RESUMO:** O texto tem o objetivo de analisar a origem e os significados da palavra quimbanda. Através da etimologia, da revisão bibliográfica e da experiência pessoal do autor como sacerdote de Umbanda desenvolvemos uma linha de raciocínio acerca do tema elucidando seus aspectos mais contundentes.

**Palavras-chave:** Quimbanda. Umbanda. Kimbanda.

**ABSTRACT:** The text aims to analyze the origin and significance of quimbanda word. By etymology, the literature review and personal experience of the author as Umbanda priest developed a line of reasoning on the subject elucidating its strongest aspects .

**Keywords:** Quimbanda . Umbanda . Kimbanda .

---

<sup>1</sup> Sacerdote de Umbanda do Templo Sete Montanhas do Brasil. Advogado. Bacharel em Direito pela Unisanta. Pós-graduado em Direito e Processo do Trabalho pela ESA.



# INTRODUÇÃO

O assunto Quimbanda é um dos mais recorrentes nos encontros e nos grupos de estudos sobre a religião Umbanda e religiões afro-brasileiras.

Há que se destacar que, uma palavra, em qualquer língua, pode ou não ter diversos significados diferentes entre si. Muitas vezes, é o contexto do discurso que outorga o real sentido empregado por aquela palavra naquele momento. Por exemplo, qual o significado de sinistro? Depende de seu contexto. Caso estejamos em contato com um representante de uma agência de seguros, sinistro será sinônimo de evento que gerou prejuízo. Se estivermos conversando com adolescentes é provável que sinistro tenha a conotação de espantoso, assustador ou até mesmo muito interessante. Não é a palavra em si que dará o significado verdadeiro empregado e sim, a palavra associada ao contexto.

NETO (2012, p. 25s) informa que existem diversas escolas umbandistas. CUMINO (2011, p. 83s) explica que temos a Branca, a Popular, a Pura, a Tradicional, a Esotérica dentre outras. Cada uma destas escolas possui uma liturgia, uma ética e uma cosmogonia que lhe são próprias “...mas a essência de todos é a mesma, e, no caso da



Umbanda por exemplo, todas são legitimamente denominadas umbandistas”<sup>1</sup>.

Elucidaremos a origem e as variações de significado desta palavra dentro do contexto umbandista.

---

<sup>1</sup> NETO, Francisco Rivas. Escolas das religiões afro-brasileiras: tradição oral e diversidade. São Paulo: Arché Editora, 2012, pág. 25.



# QUIMBANDA E KIMBANDA



Quimbanda é uma palavra da língua portuguesa. Kimbanda é uma palavra de origem africana. Uma deriva da outra.

A palavra quimbanda (língua portuguesa) tem origem na palavra kimbanda, que faz parte da língua quimbundo, a língua falada pelo grupo etnolinguístico denominado banto (também encontrado com a grafia bantu). Diz o Dicionário Brasileiro da Enciclopédia Mirador do ano de 1979:

“Quimbanda, s.m. (quimbundo kinbanda). 1. Grão-sacerdote do culto banto, ao mesmo tempo médico, feiticeiro e adivinho. 2. Charlatão, curandeiro, mágico. 3. Feitiço. 4. Local de macumba; terreiro”.

Pela definição deste dicionário, quimbanda tem vários significados. Primeiro, é o grão-sacerdote do culto banto. Grão-sacerdote é o principal sacerdote de uma religião. O grão-sacerdote da igreja católica é o Papa. Como as religiões afro-brasileiras não possuem uma unidade central, o grão-sacerdote é o próprio dirigente espiritual do terreiro. É quem outorga a palavra final sobre um assunto



e é aquele que define como o ritual deve acontecer. É o maior grau hierárquico do terreiro. Para o dicionário mirador, este sacerdote é, ao mesmo tempo, médico, feiticeiro e adivinho. O segundo significado de quimbanda seria o de charlatão, curandeiro, mágico que, ao nosso ver, sequer poderiam estar em um mesmo patamar de significação. O compilador da enciclopédia quis dar o mesmo significado de charlatão para o curandeiro e para o mágico retirando qualquer credibilidade ao verbete. O terceiro significado seria o de feitiço. Aqui, o significado se desvincula de uma pessoa e passa a tratar de um ato, o feitiço. O quarto e último significado também se desvincula de uma pessoa passando a designar o local de culto, o terreiro. Para nós, estudiosos de Umbanda e dos cultos afro-brasileiros, apenas o primeiro significado é cabível.

Para LOPES (Novo dicionário Banto do Brasil), o significado de feiticeiro, na língua quimbundo, é outro: *mujoli*. O termo quimbanda serviria apenas e unicamente para designar o sacerdote ou o médico que cura por meio do ritual. Ramos afirma que em Angola, existe uma diferença entre *Kimbanda Kia Diamba*, ou seja, o evocador de espíritos e o *Kimbanda Kia Kusaka*, ou seja, o médico que cura por meio do ritual religioso. Diz TRINDADE que, em algumas regiões de Angola há a distinção entre o Nganga ou Ganga (derivado de Ngana, senhor), que é o sacerdote, do Quibanda (sem “m” mesmo), que é o feiticeiro.



Afirma ainda que o Kimbando faz ponte entre os Makungu (ancestrais divinizados), os Minkisi (espíritos sagrados da Natureza assemelhados aos Orixás da cultura banto) e os seres humanos.

Notamos claramente nas exposições acima que o povo banto diferenciava e ainda diferencia o feiticeiro do sacerdote. O feiticeiro, na cultura banto, é tido como agente especializado. Desempenha papel na vida particular do indivíduo trabalhando com objetos tidos como mágicos a fim de atingir o objetivo daquela pessoa atendida. Já o sacerdote serve a uma comunidade como um todo e é o líder espiritual de um determinado grupo.

Edmundo Pellizari, em seu clássico texto intitulado Quimbando e Kimbando, diz que Kimbando significa “curandeiro” na língua quimbundo. O ofício do kimbando chama-se umbanda. Kimbando e Quimbando se confundem, mas são cultos distintos e com objetivos diferentes. Diz que: “O kimbandeiro é um membro ativo de sua comunidade, um doutor dos pobres e intérprete dos espíritos da Natureza. Ético, ele sempre trabalha para o bem, a paz e a harmonia. O quimbandeiro é um feiticeiro. Normalmente vive afastado, não se envolve socialmente”.

Há um ponto de preto-velho, especificamente para Pai Antônio, que indica a atuação do kimbando:



“Dá licença, Pai Antonio  
Que não vim lhe visitar  
Eu estou muito doente  
Vim pra você me curar  
Se a doença for feitiço  
Pula lá em seu conga  
Se a doença for de Deus  
Pai Antonio vai curar!

Coitado de Pai Antonio  
Preto Velho curador  
Foi parar na detenção  
Por não ter um defensor  
Pai Antonio é Kimbanda  
É curador!  
É Pai de mesa (bis)  
É curador (bis)  
Pai Antonio é Kimbanda  
É curador!



Veja que, neste ponto, o kimbanda é médico (curandeiro) e também sacerdote (Pai de mesa). Podemos dizer que este ponto possui clara influência banto. Outro ponto que fala sobre o kimbanda:

“Eu fui no mato,  
Oh, ganga!  
Cortar cipó,  
Oh, ganga!  
Eu vi um bicho,  
Oh, ganga!  
De um olho só,  
Oh, ganga”!

Como já visto acima, ganga é o sacerdote. Ganga vem de Ngana. Ganga é o kimbanda. O kimbanda de angola, cujo ofício chama-se umbanda, pratica o bem. Em um momento é tratado como o médico e, em outro, como o sacerdote. Em nenhum momento percebemos o kimbanda angolano como um agente causador de discórdia e desgraça.

Trindade, porém, afirma que Quimbanda é um culto afro-brasileiro de influência banto permeado pela magia negra europeia e que a Kimbanda pode ser interpretada como a polaridade executora



da Lei – A paralela passiva da Umbanda. Dá como sinônimo de Quimbanda a bruxaria oferecendo sentido de trabalho espiritual de baixo nível moral e ético. Indica como relação de suas afirmações a obra de Matta e Silva. Em consulta ao livro Segredos da Magia de Umbanda e Quimbanda de Matta e Silva constatamos na página 52, ao discorrer sobre a mediunidade inconsciente:

“Esses raros aparelhos inconscientes – simples veículos ou “cavalos”, estão mais condicionados aos ambientes mediúnicos inferiores, assim como os terreiros de quimbanda, ou seja: a essa mistura humana de “candomblé e umbanda” com seus rituais confusos e espalhafatosos, barulhentos etc”.

Percebemos claramente que o autor categoriza a Quimbanda como um culto de qualidade inferior e confusa. Uma mistura de Candomblé e Umbanda. Já no livro Umbanda do Brasil, o mesmo autor afirma que a Kimbanda é comandada por Exus Guardiões e que constituem a paralela passiva da Umbanda. Contudo, esta não é a tese dominante. O importante é salientar que o autor também encontrou uma Quimbanda que não é Umbanda, bem como denominou a Linha de Trabalho da Esquerda como Kimbanda.



Existem terreiros que só praticam a Quimbanda, ou seja, só trabalham e atendem com entidades denominadas quimbandeiras. Alguns exemplos de entidades quimbandeiras são o Caboclo Pantera Negra, especializado em quebrar demanda e desmanchar trabalho, o Caboclo da Pedra Preta, Ubirajara do Peito de Aço, o Preto Velho Rei do Congo e, certamente, os Exus, as Pombagiras e os Mirins. Estes terreiros praticam o mal? Respondemos esta pergunta com outra pergunta. Existe terreiro de Umbanda que faz o mal? Existe igreja evangélica que faz o mal? Existe policial que faz o mal? Existe médico que faz o mal? Sim. Porém, sempre que encontramos pessoas que, no exercício de suas funções praticam a maldade, dizemos categoricamente que não são umbandistas, não são quimbandeiros, não são evangélicos, não são policiais, não são médicos. São qualquer outra coisa menos isto.

## CONCLUSÃO

Para finalizar nossa abordagem, dizemos que kimbanda é a denominação do curandeiro africano angolano. Já quimbanda é uma palavra da língua portuguesa que possui três significados.



O primeiro, a quimbanda é parte integrante da Umbanda constituída pelas Linhas de Trabalho de Esquerda, momento em que atuam os Exus, as Pombagiras, os Exus Mirins e as Pombagiras Mirins.

O segundo entra na categoria de acusação. Quando um terreiro ou uma pessoa deseja acusar outro terreiro ou pessoa de praticar magia negra, diz-se que está praticando quimbanda ou que é quimbandeiro. Afirmamos que esta é uma interpretação equivocada do termo, contudo, demos preferência por informar do que deixar o estudante de Umbanda ignorante de todos os termos encontrados em seu meio de atuação.

O terceiro significado encontrado é a denominação de um terreiro que só trabalha com entidades denominadas quimbandeiras. Pretos velhos quimbandeiros, caboclos quimbandeiros, bem como Exus, Pombagiras e Mirins.

## **BIBLIOGRAFIA**

CUMINO, Alexandre. História da Umbanda: uma religião brasileira. São Paulo: Madras, 2011.



LOPES, Nei. *Novo dicionário Banto do Brasil*. Rio de Janeiro, Pallas, 2003.

MIRADOR, Enciclopédia Britannica do Brasil. 3ª ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1979.

NETO, Francisco Rivas. *Escolas das religiões afro-brasileiras: tradição oral e diversidade*. São Paulo: Arché Editora, 2012.

PELLIZARI, Edmundo. *Kimbanda e Quimbanda*. Mimeo, 2010.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, 591 p.

SARACENI, Rubens. *Orixá Exu: fundamentação do mistério: Exu na Umbanda*. São Paulo: Madras, 2011.

SILVA, W. W. da Matta e. *Segredos da magia de umbanda e quimbanda*. 5ª ed. São Paulo: Ícone, 2001.

TRINDADE, Diamantino Fernandes. *Você sabe o que é Macumba? Você sabe o que é Exu?* 1ª ed. São Paulo: Ícone, 2013.



# EXU DE TRABALHO

## AULA 01

### INTRODUÇÃO

O mundo em que você vive é uma fachada. Existe outro mundo por trás dele.

Divino, espiritual e natural. A tríade dos planos. O divino é mental. O espiritual é, certamente, espiritual. O plano natural é físico. Mundos tão interligados quanto nossos membros e cabeça junto ao tronco. Sofrem influência entre si e suas portas possuem chaves ocultas à ignorância e exibidas ao conhecimento.

Exu tudo sabe, nada esquece e tudo revela. O esconderijo da mente não é porta fechada para Exu. A vastidão do interior daquele que crê nunca foi e nunca será labirinto para Exu. Exu habita o plano divino por meio do Orixá Exu. Exu habita o plano espiritual por meio do “povo de rua”. Exu habita o plano natural por meio de seu cavalo. Habita a mente, o espírito e o físico. Exu é mais do que o Orixá e é mais do que o povo de rua. Estas, são manifestações de seu poder. Não conhecemos todas as suas chaves e não compreendemos todos os seus poderes e assim, Exu é um Mistério da Criação. Mistérios de Exu, Mistérios da Criação que Exu guarda, Mistérios do qual Exu carrega em si.

Exu não é mau. Exu não é bom. Exu não é justo, injusto, feio ou bonito. Exu é o que a Lei manda ser. Cumpre tirando ou cumpre entregando. Ordem é ordem, Lei é Lei, carma é carma. Tira com a ponta esquerda do tridente,



entrega com a direita e anula com o meio. Quando Exu ri, o mundo cala. Uma sentença foi proferida pela balança de Xangô e Ogum entregou ao Guardião.

De baixo para cima, Exu de trabalho não é o mesmo que Orixá Exu, apesar de estar subordinado a este último. Não diretamente, por óbvio, já que Orixá Exu é um Mistério Original da Criação de nosso Deus Olorum. Contudo, sua hierarquia é remetida ao pico da pirâmide em que Orixá Exu é o senhor. Há Exu de Ogum, de Omolu, de Oxum, de Oxalá e de todos os demais Orixás. Contudo, antes, todos são de Exu Orixá.

Como um espírito torna-se um Exu de Trabalho? Primeiro, permita-me lhe apresentar um conceito, a do Exu Natural. Exu natural é um ser que foi gerado no poder de Exu e não encarnou. Os seres naturais não tiveram uma experiência de encarnação. É fácil imaginar que o mundo espiritual e todas as suas dimensões abarcam uma infinidade de seres e não há espaço suficiente para todos terem uma experiência humana. Também é forçoso dizer que não é objetivo final dos seres que habitam o cosmos passar por uma experiência carnal humana. Alguns seres, senão a grande maioria, evolui sem uma encarnação. Os caminhos que levam ao Criador Olorum são infinitos assim como é a sua sabedoria. A Lei Divina seria injusta se os seres só pudessem evoluir por meio do ciclo encarnatório humano. Justiça, falemos sobre Justiça. Uma qualidade herdada de nosso Pai Xangô, o senhor das pedreiras e do fogo. Sim, Xangô é fogo. Ogum é forja, é ferro, é construtor de ferramentas e de armas. Justiça essa que passa por Exu, já que Exu em tudo está. Olorum está em onipresença e onipotência. Exu é sentinela. Uma lei justa trata igualmente os iguais e desigualmente os desiguais. É pedir mais a quem tem mais e menos



a quem tem menos. Ter também se revela no sentido de saber, conhecer. Àquele que lhe foi dado muito, muito lhe será cobrado. Àquele que pouco recebeu, pouco lhe será cobrado. A Lei é uma só e é justa, equilibrada na balança, nos dois lados do machado. Quanto mais sabemos mais de nós será pedido. Então, por que continuar a conhecer? Não é melhor permanecer ignorante e ter uma vida mais leve de responsabilidades? Não, pois temos sede. Criamos um mundo de seres que buscam o relaxamento. Não precisamos de seres relaxados e sim, de seres vivos, pensantes e ativos. Seres que se levantam diante das injustiças e que lutam por suas ideias. Ghandi não se sentou em lótus e relaxou para libertar seu povo. Sidarta Gautama não parou até encontrar o caminho da iluminação e após, não descansou até que seus ensinamentos fossem transmitidos a quem quisesse ouvi-lo. Jesus não se calou diante dos fariseus, foi crucificado quando podia ter fugido. Sua mente era aguçada e sua vontade, inquebrável. Sócrates morreu defendendo a inquietude de sua mente desperta. Nietzsche nos apresentou o espírito livre. Então, mandam-nos relaxar para aguentar a vida com mais calma e não morrer dos males do coração. Quem me dera morrer por esta inquietude! O que querem? Que sejamos cada vez mais submissos. Nunca! A vontade se sobressai e acorda a mente que busca e deixa para trás a mente que para. É o que penso e o que defendo. Respeito as divergências e exijo respeito às minhas. Desta forma, irmãos, Exu também é esta vontade, é este vigor. Exu tem seu ogó como fonte de axé, um falo rígido e pronto para gerar nova vida, novas colheitas, novas ideias, novos caminhos, nova fé.



Voltemos aos naturais. Alguns seres foram criados originalmente no fator vitalizador de Olorum cujo domínio é por completo regido pelo Orixá Exu e suas hierarquias. Pense em uma fôrma<sup>1</sup> onde os seres são criados. Existe uma fôrma de Exu, onde os Exus Naturais são gerados. Esses Exus Naturais vivem em universos em que somente Exus Naturais vivem. São como irmãos. Em sua aparência e comportamento são iguais, como se fossem um só povo. Podemos criar uma analogia com as etnias humanas ou as raças de todo o mundo animal que nos rodeia (mundo material). Formam uma raça porque compartilham as mesmas características.

Pois bem, em um plano maior, esses Exus Naturais formaram sete hierarquias. Estas hierarquias estão relacionadas com as Sete Linhas de Umbanda ou, de acordo com a Umbanda Sagrada, as Sete Irradiações Divinas, os Sete Tronos Divinos, que são (sob o aspecto de Tronos):

1. Fé – Elemento Cristalino – Oxalá e Logunan
2. Amor – Elemento Mineral – Oxum e Oxumarê
3. Conhecimento – Elemento Vegetal – Oxossi e Obá
4. Justiça – Elemento Ígneo – Xangô e Oroiná
5. Lei – Elemento Eólico – Ogum e Iansã
6. Evolução – Elemento Terra – Obaluaê e Nanã
7. Geração – Elemento Aquático – Iemanjá e Omolu

---

<sup>1</sup> Pedimos desculpas pela grafia ultrapassada. Se escrevêssemos de outra forma muitos não entenderiam o sentido.



Assim, no momento da geração os Exus Naturais foram qualificados por uma das linhas formando Exus dos Cristais ou do Tempo, Exus dos Minerais, Exus dos Vegetais, Exus do Fogo, Exus do Ar, Exus da Terra e Exus da Água.

Estes Exus, como todas as demais hierarquias de Orixás, formaram suas subdivisões. Exus de Oxalá e de Logunan ligados aos aspectos da fé e religiosidade. Exus de Oxum e Oxumarê ligados à irradiação do amor e sua concepção. Exus de Oxossi e Obá ligados ao conhecimento e raciocínio. Exus de Xangô e Oroiná ligados à razão e ao equilíbrio. Exus de Ogum e Iansã ligados à ordenação e direcionamento dos seres. Exus de Obaluaê e de Nanã ligados à evolução e transmutação. Exus de Iemanjá e Omolu ligados à geração e criatividade.

Esses Exus são classificados como Exus dos Orixás, são Exus Puros, pois só existem sete linhagens deles, como visto acima e descrito pelos elementos. Exus dos Orixás são os Exus Guardiões dos Orixás Planetários. Eles não incorporam.

Por outro lado, todos os médiuns possuem um Exu Guardião natural em nossa esquerda. Logo, você médium possui um Exu Guardião natural que atua em sua vida. Esses Exus raramente incorporam em seus médiuns. Esse Exu Guardião natural não depende de nada ou de ninguém, senão dos Orixás para atuar.

Há, por fim, o Exu de Trabalho, que atua por hierarquia. Como mensageiro e como executor o Exu de Trabalho transmite os comandos de seus superiores.



As pessoas que não são médiuns possuem apenas o Exu Natural que atua em suas vidas por meio das pessoas e dos seres que a rodeiam.

## CONTINUAÇÃO

Exu é grau espiritual. Como é caboclo, boiadeiro, marinheiro. Todos são graus espirituais. Dito isto, podemos acrescentar que somente quem é médium possui Exu de Trabalho.

Exu de Trabalho também é conhecido como Exu de Lei, já que seguem à Lei de Umbanda. Assim, não podem fazer o mal. Como fecharam um contrato espiritual para seguir à risca a Lei de Umbanda, estes Exus não têm escolha, ou seja, devem cumprir as determinações superiores seja a favor ou contra seus médiuns. Sim, Exus de Trabalho também podem atuar contra a vontade de seus médiuns. Este fato ocorre quando o médium se desvirtua da Lei de Umbanda e deixa de cumpri-la. A Lei vale para todos e suas reações são justas. O médium faz mal a si mesmo, seja por ação ou por omissão. Quando passa a praticar a maldade e age por interesse próprio em detrimento aos necessitados que lhe procuram. Neste caso, Exu esgota seu vigor criando confusão mental, apatia ou qualquer outra reação inerente ao esvaziamento das forças que dominavam o médium a fim de equilibrá-lo. O Exu de Trabalho só pode operar desta forma em seu médium quando a Lei de Umbanda determina. Caso contrário, seu contrato espiritual com a Lei de Umbanda é rompido imediatamente e é expulso das linhas de trabalho.



Digo que nunca vi um Exu de Lei operar contra a Lei de Umbanda. O que encontramos é o contrário, o próprio médium agir por seus próprios interesses maldosos. Forças negativas assumem a coroa do médium e a lei do retorno toma conta da situação. Contudo, podemos dizer que, nesta etapa, o Exu de Trabalho que acompanha o médium já tentou de tudo um pouco a fim de reconduzi-lo no caminho da lei. Saibam que, quando o médium se encontra envolto a uma legião de espíritos malignos, seu Exu de Trabalho encontra-se esgotado de suas forças, pois já lutou bravamente, contudo foi opção do médium continuar a agir negativamente. O Exu de Trabalho já está com a capa rasgada e a roupa fluídica em farrapos de tanto lutar contra as forças negativas, mas não há força maior que o livre arbítrio do médium. No final das contas, quando o médium já estiver no fundo do poço, ainda irá praguejar contra o Exu que lhe acompanha dizendo que nada fez por ele e o coitado do executor da Lei está lá rastejando pelo chão sem forças e ainda recebendo as densas energias emanadas contra seu médium a fim de lhe diminuir as dores e o sofrimento. O Exu de Trabalho é um espartano. Nunca desiste e nunca recua. Mas também é um Executor da Lei. Quando não há mais nada a ser feito, quando o fundo do poço se apresenta ao médium e a Lei de Umbanda determina, o Exu de Trabalho tem que cumprir as determinações que lhe foram dadas e desvitalizar o médium.



## NOMES SIMBÓLICOS

Os Exus de Trabalho atuam por meio de nomes simbólicos já bastante conhecidos por nós. Alguns destes nomes contêm relação com mistérios de Umbanda como, por exemplo, Exu Sete Espadas, Exu Sete Caveiras.

Alguns apresentam-se com nomes simbólicos contendo elementos como Exu do Fogo, outros com animais como o Exu Morcego, outros com lugares como o Exu das Encruzilhadas e assim por diante.

Os nomes contêm significados que remetem ao seu campo de atuação e domínio.

Desta forma, os nomes simbólicos indicam seus campos de ação e os locais em que recebem suas oferendas. Apresentamos abaixo nosso método de leitura dos nomes simbólicos aplicados não só aos Exus, mas a todas as entidades de Umbanda. A forma de raciocínio não é decorativa. É lógica e interpretativa dos mistérios de nosso Criador Olorum por meio de seus verbos criadores, bem como suas próprias criações. Vejam, um Exu das Estradas é de Ogum, não faz sentido? Exu das Pedreiras é de Xangô, correto? Há tantos nomes de Exus e a cada dia surgem novos agrupamentos e novos nomes, pois a Umbanda está em crescimento e seus mistérios estão sendo revelados. Não dizemos que os demais métodos das diferentes escolas de Umbanda estão incorretos. Isto nunca! Apenas e simplesmente mostramos os nossos fundamentos embasados em pensamento lógico e interpretativo dos mistérios de nosso Pai Olorum e repassados por meio das tão queridas entidades que nos acompanham. Agimos da mesma forma como ensinamos, ou seja, com fé e crença em uma Umbanda fundamentada e com suas chaves interpretativas



assimiladas pelos irmãos que levam o nome da Umbanda mundo afora. Todas as escolas umbandistas estão corretas e duvidem de quem disser o contrário, bem como não dê ouvidos aos que chamam os outros irmãos de burros e ignorantes, fetichistas ou atrasados. Quem enxerga defeitos é porque porta estes mesmos defeitos dentro de si, que os incomoda e precisa aponta-los para outros irmãos a fim de lhe aliviar a carga pesada que é carrega-los. Defendamos nossas ideias e respeitemos as ideias alheias. Diz o ditado: “Não concordo com suas ideias, mas lutarei até o fim pelo seu direito de dize-las” e também “Quando duas pessoas concordam em tudo é porque uma delas não está pensando”.

Vejamos, então, a interpretação do nome Exu Sete Porteiras.

**Exu = vitalizador**

**Sete = sete irradiações (linhas)**

**Porteiras = passagens**

**Passagens = o Senhor das passagens é Obaluaê**

Exu Sete Porteiras é um Exu de Obaluaê que atua nas sete irradiações divinas. Seu ponto de força é o Cruzeiro ou o próprio cemitério (calunga pequena).

**Exu do Lodo**

**Exu = fator vitalizador**

**Lodo = água mais terra**



## Água mais terra = Nanã Buruquê

Exu do Lodo é um Exu de Nanã e atua na evolução dos seres.

### Exu Tranca Ruas

Tranca = trancar e destrancar

Ruas = caminhos

Trancar e destrancar caminhos = mistério de Ogum

Exu Tranca Ruas é um Exu de Ogum que domina os caminhos. Tranca e destranca estes caminhos mantendo a ordem.

Outros nomes e associações:

Exu Tranca-Tudo – Oxalá (tudo e agregar, agregar é função de Oxalá)

Exu Tranca-giras – Logunan/Oiá-Tempo (girar é movimento do tempo, é movimento de Logunan)

Exu Sete Trancas – Obaluaê (trancas é portão, portão é passagem, passagem é Obaluaê)

Exu Tranca Rios – Oxum

Exu Tranca Raios (Iansã)

Exu Sete Cachoeiras (Oxum)

Exu Tranca Matas (Oxossi)



Exu Quebra Ossos (Omolu)

Exu Sete Lanças (Ogum)

Exu Veludo (Oxum)

Exu Marabô (Oxossi)

Exu Cobra (Oxumarê)

Podemos dizer que:

Congregar é função de Oxalá;

Conduzir é de Logunan;

Agregar é função de Oxum;

Renovar é função de Oxumarê;

Expandir é de Oxossi;

Amadurecer é função de Obá;

Equilibrar é função de Xangô;

Purificar é função de Oroiná;

Ordenar é função de Ogum;

Direcionar é função de Iansã;

Transmutar é função de Obaluaê;

Decantar é função de Nanã;



Estabilizar é função de Omolu;

Transformar é função de Exu.

## **SIGNIFICADO DOS SÍMBOLOS**

Cruz – fé ou passagem de níveis

Espada – lei, ordenação, procedimento reto

Lança – caminho, direção, rumo

Porta – passagem dimensional

Porteira – passagem de nível vibratório ou de campos

Pedra – agregação, fusão, união

Pedreira – Justiça, equilíbrio de agregações

Lodo – terra e água viciadas ou negativadas

Setas – expansão, direção, caminho

Estrelas – fé, geração, justiça, equilíbrio

Raios – fogo, justiça, equilíbrio

Cova – vibrações negativas, o embaixo, polo negativo

Túmulo – passagem de nível

Irmãos, agora você tem algumas das chaves interpretativas para reconhecer os Orixás regentes de cada Exu, seus devidos pontos de força e suas principais especialidades para melhor cultuá-los. Esperamos que estes



conhecimentos lhes sirvam de base para suas oferendas e fundamentação de seus rituais. Lembrando sempre que são as entidades que determinam o rumo de nossa Umbanda e não nós mesmos. Escutemos nossos guias sejam incorporados ou por intuição.

## EXUNIZAÇÃO DOS ESPÍRITOS

Exunização é um termo usado para designar a transformação de um ser em Exu.

Como é que um espírito que teve uma vida no plano material encarnado como um de nós torna-se Exu? Isto não é intrigante? Já ouvimos muitas histórias sobre esse assunto. O ponto em que tocam todas estas histórias é a de que os Exus de trabalho, em um determinado momento, sofreram queda evolutiva e tiveram uma nova chance.

Um espírito pode tanto evoluir quanto sofrer uma queda e regredir. Da mesma forma que um ser humano encarnado pode um dia estar no ápice de sua evolução e em outro dia começar seu declínio moral, o mesmo pode acontecer com um espírito não encarnado. Quando a regressão é muito severa, esse espírito é recolhido para uma faixa dimensional mais densa e que terá regência de Exu em uma de suas hierarquias.

Não é muito diferente do que ocorre em nosso plano. Quando uma pessoa não cumpre as regras da sociedade em que vive como, por exemplo, mata outra pessoa é retirada do convívio de seus semelhantes e enviado a outro local (prisão) para regenerar-se. Estes espíritos enviados às dimensões



mais densas são acompanhados de perto por Exus. Temos inúmeros livros que contam as histórias particulares de alguns Exus de trabalho e aconselhamos a leitura de algum destes romances para entenderem a vastidão destas simples linhas. Contudo, em linhas gerais, em um determinado momento este espírito em declínio pode receber o chamado para integrar uma das inúmeras Linhas de Trabalho de Esquerda, caso tenha manifestado o desejo de assim proceder ou caso seja dominado por um Exu Chefe de Falange. Este Exu resgata ou escraviza este espírito dentro de seu agrupamento.

Isto não quer dizer que Exu é bom ou mau. Esta é sua função na criação. Exu é o executor da Lei Divina. Veja por este lado. Quando um ladrão entra em nosso lar não telefonamos para o padre ou para o médico. Ligamos para a polícia e esperamos que enviem homens armados e prontos para combater os bandidos que entraram pela porta. Os policiais não são maus. Cumprem o seu dever e têm autorização da lei para tanto.

Assim, retornando ao assunto, os espíritos humanos (que encarnaram) podem evoluir e também podem decair. Quando atingem uma decadência muito grande, seus espíritos são enviados para uma dimensão mais densa e negativa. Caem para dimensões da esquerda e embaixo. Quando despertos nesta faixa vibratória densa, passam a lutar por sua sobrevivência, tendo em vista que neste local falta-lhes tudo. O espírito entra em estado de incompreensão e sentimento de injustiça. Sua visão de mundo se deturpa e a loucura espiritual pode tomar conta de seu ser. Quando este espírito chega a um estado em que não há mais forma de ser reconduzido às esferas evolutivas superiores por sua bestialidade, são recolhidos às esferas de domínio do



Mistério de Exu e são esgotados em todo o seu ser. Há o esgotamento íntimo, o esvaziamento completo. Cai em sono profundo e é neutralizado em suas forças. Nem positivo, nem negativo. Neutralizado. Aqui, inicia-se o processo de exunização. O Exu Guardião de domínio que o acolher passa a imantá-lo com seu poder transformando-o. Passado este processo, o espírito desperta em uma dimensão afim à sua nova condição que ainda é muito densa. Este espírito foi modificado por dentro e por fora como Exu e assim, encontra outros na sua mesma condição e agrega-se ao grupo por imposição de seu líder ou por vontade própria. Sobe graus na ordem do grupo de acordo com seu merecimento e dedicação. Adquirem nomes simbólicos de seu grupo como, por exemplo, Exu Tranca Ruas. Logo, há o chamamento para integrar uma linha de Lei de Umbanda e assim, retoma seu caminho evolutivo na seara espiritual tornando-se um Exu de Lei.

Assume a esquerda de um médium e passa a proteger e aconselhar o mesmo. Não pode fazer o mal. Deve seguir os ditames da Lei de Umbanda. Este é o caminho resumido e geral da exunização do espírito humano.

### LINHAS TRANSITÓRIAS

As linhas de sustentação da Umbanda são a Linha de Trabalho dos Caboclos, a Linha de Trabalho dos Pretos Velhos e a Linha de Trabalho das Crianças. As demais linhas são denominadas de Linhas de Trabalho Transitórias.

Estas linhas transitórias são verdadeiro degrau de acesso para a evolução contínua dos espíritos. Um Exu que receber o chamado para subir de grau em sua hierarquia e mudar do lado do embaixo para o lado do em cima, ocupará



uma destas linhas transitórias. Como linhas transitórias temos os boiadeiros, os marinheiros, os ciganos e baianos.

Não estamos afirmando que as linhas transitórias são menores. As linhas transitórias têm a sua função. Contudo, o grau caboclo, o grau criança e o grau preto velho formaram a tríade base do ritual de Umbanda e as demais linhas vieram ao longo dos anos agregando-se às tradicionais linhas de trabalho anteriores. Não foi o que ocorreu com a Linha dos Ciganos? Já havia Exu Cigano e Pombagira Cigana, mas não havia Linha de Trabalho dos Ciganos. O que um Cigano faz só um Cigano pode desfazer. Com o passar do tempo, os ciganos receberam do astral autorização e fundamentação para abrirem uma nova Linha de Trabalho. Assim, surge a Linha de Trabalho dos Ciganos.

## ARQUÉTIPO e MANIFESTAÇÃO

Arquétipo é como o guia se apresenta e que mistérios ele traz em si.

O arquétipo de Exu é de um ser misterioso, brincalhão, cheio de força e energia. É um espírito que está à nossa banda, ou seja, ao nosso lado. Vestem-se de preto, usam capas, cartolas, bebem marafo e fumam charutos em sua grande maioria.

Contudo, não nos enganemos. O guia Exu tem a característica especular, ou seja, reflete o interior do médium. Especular no sentido de espelho, de reflexo. Exu vitaliza as emoções do médium e transborda o conteúdo reinante e escondido no interior de seu cavalo. Logo, temos:



Médiuns tímidos	Exus circunspectos
Médiuns briguentos	Exus encrenqueiros
Médiuns chulos	Exus desbocados
Médiuns mandões	Exus soberbos
Médiuns generosos	Exus prestativos
Médium compenetrado	Exu rigoroso
Médium estudioso	Exu sábio
Médium correto	Exu vigilante

Irmãos, revejam as atitudes de seus Exus de Trabalho quando incorporados para perceberem suas virtudes e seus defeitos. Estejam sempre atentos, pois a função reveladora de Exu é implacável. Exu tudo sabe e tudo revela porque sua função também é oracular. Exu é o revelador de tudo e o mensageiro entre os mundos espiritual, divino e natural. Ao invés de teme-lo, entenda-o.

### FORMAS PLASMADAS

Quanto à sua forma de apresentação teremos que revelar o mistério das formas plasmadas dos espíritos. Sabemos que o espírito não tem forma. O corpo espiritual residual de quem falece é a aparência de sua última encarnação. O espírito, ao desencarnar, se vê com sua última aparência. Caso seja um espírito atrasado, poderá se apresentar, no mundo espiritual denso a que foi por afinidade encaminhado, totalmente nu ou com vestes precárias. Somente os espíritos de maior grau tem a força necessária para plasmar suas



vestes e sua aparência. Quanto maior o grau do espírito, mais facilmente consegue plasmar seu corpo e suas roupas.

Os Chefes de Falange garantem a seus subordinados a sua própria aparência. Por esta razão, todo Exu Tranca Ruas se apresenta com as mesmas características físicas e com as mesmas vestes. Não aquelas que as imagens nos mostram. Exu Tranca Ruas não caminha pelo mundo espiritual de sunga preta, cinto de couro, bota, sem camisa e capa azul como se fosse um dos 300 de Esparta. Todos os membros da hierarquia Tranca Ruas concordaram em abdicar de sua individualidade no ato da incorporação para se apresentar em sua forma plasmada e arquetípica.

#### CHEFE DE LINHA E CHEFE DE FALANGE

O Exu Chefe de Linha comanda toda a linha sob o mesmo nome. Por analogia, assemelha-se ao Exu Coroado de outras escolas umbandistas.

O Exu Chefe de Falange está subordinado ao Exu Chefe de Linha, mas também tem seus subordinados. Assemelha-se ao Exu Cruzado.

Exu de Trabalho assemelha-se ao Exu Espadado.

Há um Chefe de Linha, porém há inúmeros chefes de falanges. Imagine uma empresa. O Chefe de Linha é o presidente, o Chefe de Falange é um gerente e o Exu de Trabalho o funcionário operacional. Por exemplo, o Chefe de Linha Exu Tranca Ruas comanda toda a linha de Tranca Ruas que conhecemos. Todos aqueles espíritos que se denominam Tranca Ruas estão subordinados a um Exu Tranca Ruas Chefe de Falange e este Chefe de Falange



responde ao Chefe de Linha Exu Tranca Ruas Maior. As formas hierárquicas das Linhas de Trabalho e do mundo espiritual não são tão diferentes do mundo natural, ou seja, do nosso mundo. Existe o líder e existe o liderado.

## AULA 02

### O MARAFO DE EXU

Adérito Serafim Simões França<sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

O tema álcool gera inúmeras controvérsias seja na área do senso comum, da ciência, da filosofia, da arte e da religião. O álcool está relacionado, nos dias atuais, à imagem de irresponsabilidade, falta de cuidado próprio e falta de cuidado com a unidade familiar e também a um vício chamado alcoolismo. É correto dizer que o abuso e a irresponsabilidade na ingestão de álcool geram inúmeras mortes no trânsito, por exemplo. Estamos cientes destes acontecimentos. Também estamos cientes que estes fatos não guardam relação com o ritual de Umbanda.

Quando falamos no emprego do álcool para fins ritualísticos, precisamos separar sua utilização profana de sua utilização sagrada. Veremos a seguir, que as acusações perpetradas contra a religião Umbanda insinuando-a como sendo propagadora e incentivadora de rituais atrasados e encabeçados por espíritos de baixa vibração ou até mesmo negativos, que bebem e fumam

---

<sup>2</sup> Sacerdote de Umbanda do Templo Sete Montanhas do Brasil. Advogado. Bacharel em Direito pela Unisanta. Pós-graduado em Direito e Processo do Trabalho pela ESA.



desenfreadamente, não passam de ignorância religiosa ou, em alguns casos, de notável preguiça de pensamento por parte do acusador.

## MARAFO E INCORPORAÇÃO

O álcool, quando ingerido minimamente, realmente em pequeníssima dose, gera excitação, desinibição e euforia<sup>3</sup>. Caso a pessoa continue a beber, o efeito será o contrário. *A priori*, a ingestão de pequena dose de álcool facilita a completa incorporação, tendo em vista o efeito primário da bebida sobre nosso sistema nervoso. A desinibição gera o relaxamento muscular e abaixa as barreiras de nossa mente para completar o processo de incorporação.

Frisaremos de antemão que, beber antes do ritual ou minutos antes da incorporação não fará com que o médium incorpore mais facilmente! Não foi isso o que dissemos. O correto é afirmar que, após a incorporação, é decisão da entidade incorporada, verificando as condições psíquicas do médium (cavalo de Umbanda) a real necessidade de utilização deste método para tal finalidade. Só a entidade incorporada pode solicitar uma bebida de poder, neste caso, o marafo do Exu de Trabalho.

Contudo, é importante salientar que, do mesmo modo que a ingestão da bebida de poder do Exu de Trabalho facilita a incorporação desta entidade, também facilita a incorporação do quiumba, bem como facilita o animismo e a mistificação. Sim, meus irmãos. É e sempre será dever do médium e do sacerdote verificar e corrigir as manifestações mediúnicas permanecendo

---

<sup>3</sup> Os efeitos do álcool. Acessado em 12 de janeiro de 2015.  
[http://www.chabad.org.br/biblioteca/artigos/efeitos\\_alcool/home.html](http://www.chabad.org.br/biblioteca/artigos/efeitos_alcool/home.html)



todos nós atentos às investidas dos seres negativos. Devemos então, deixar de utilizar a bebida no ritual? A resposta é não. O que devemos fazer é estudar seus efeitos, sua composição e sua correta utilização. As entidades estão constantemente à nossa volta para elucidar estes assuntos e raramente paramos para ouvi-las falar. É raro um médium se desocupar de suas preocupações e ambições rotineiras para adentrar firmemente no estudo de nossa religião. O praticante de Umbanda aprende vendo e vivenciando os afazeres de seu sacerdote com seu terreiro, aprende por meio da leitura e discussão sobre as religiões (sua e de outros) e principalmente escutar o que as entidades dizem. Não confundam estudo com somente leitura! Estudar o mundo é observá-lo e, desta observação, seja de que modo for, extrair conclusões.

O assunto marafo gera incompreensão e necessidade de uma pausa para reflexão. É o que estamos fazendo agora.

Saraceni<sup>4</sup> diz que:

“Essas afirmações acima nos dizem muito sobre Exu, e, trazendo-as para o plano material, vemos como as primeiras incorporações dos Exus em seus médiuns são contratoras dos músculos e dos movimentos, chegando a acontecer de alguns Exus “mais novos” ou recém-saídos do “vazio” travarem completamente seus médiuns, só conseguindo uma descontração parcial após alguns “goles de marafo.”

---

<sup>4</sup> SARACENI, Rubens. Orixá Exu. Fundamentação do Mistério Exu na Umbanda. São Paulo: Madra, 2011, p.57.



Também, eles começam a incorporar de forma contraída, taciturna e bravia e, novamente, após uns goles de “marafo” e umas baforadas de charuto, descontraem-se, alegam-se e tornam-se amigáveis e falantes, começando a se oferecer para nos ajudar na solução dos nossos problemas ou dificuldades.

Aqui, abrimos um espaço para comentarmos esse fenômeno que não acontece só com Exu.

As pombagiras iniciantes no mistério da incorporação vibram tanto que suas médiuns têm dificuldade em mantê-las incorporadas. Mas, após uns goles de champagne e umas baforadas em suas cigarrilhas, não só se equilibram como passam horas incorporadas dando consultas. E, de vez em quando, tomam um gole de champagne para manter sob controle seus magnetismos, que, na sua irradiação vertical, são ondeantes e, na horizontal, são giratórios.

Os marinheiros da Umbanda, quando incorporam em seus médiuns só esporadicamente, têm dificuldade para se manter parados no lugar e acabam como que lançados para a frente e para trás, como se estivessem no tombadilho de um barco que está sobre a ação de grandes ondas. Mas, após tomar uns goles de rum e dar umas baforadas de cigarro ou de charuto, estabilizam-se e até conseguem permanecer mais ou menos parados para dar consultas”.



Estes são nossos fundamentos. Evolua-os por meio de seu livre pensamento e conduza a nossa Umbanda a um patamar mais elevado juntamente conosco, irmão!

## PROFANAÇÃO DO SAGRADO

A profanação de algo sagrado traz dor e sofrimento. Foi o que ocorreu com as bebidas de poder. Foi o que ocorreu com as ervas de poder. Foi o que ocorreu com os templos naturais e seus pontos de força e assim por diante. Sempre que um local ou uma coisa é profanada, seu conteúdo sagrado se afasta ou se esgota deixando de fluir e de beneficiar seus usuários. A profanação habitual do local ou da coisa retira este poder por tempo indefinido. Isto também se aplica ao local de trabalho de nosso templo. O uso não ritualístico, ou seja, o uso profano e irracional dos poderes e fontes de energia que a natureza nos oferece gerou, no seio da nossa sociedade, filhos alcoólatras, lares desestabilizados, irmãos perdidos no mundo das drogas e uma natureza devastada.

Há uma música muito conhecida do carioca Gabriel, o pensador, que fala exatamente sobre isso. Conta a história da música que um índio trouxe para a cidade seu cachimbo xamânico juntamente com suas ervas de poder. Quando os não índios provaram das ervas de poder houve um alvoroço. Abrimos um parêntese para explicar que, no caso, a música faz alusão à maconha, mas contamos esta história como uma alegoria e não como um estudo de caso de liberação do uso comum de drogas hoje consideradas ilícitas. Voltando, a erva de poder do índio foi considerada ilegal, o índio foi preso e na cadeia morreu. Aqueles que mataram o índio viraram traficantes daquelas ervas fechando-se



o círculo de sofrimento gerado pela profanação das ervas de poder. Repetimos, trata-se de uma alegoria que se encaixa naquilo que estamos estudando e não de apologia às drogas ilícitas.

A profanação das bebidas de poder, sejam alcoólicas ou não, não alcançará os mesmos benefícios destas mesmas bebidas consumidas de modo sagrado. Eu, Adérito Simões, posso dizer por experiência própria que até mesmo a cerveja preta quente do caboclo é deliciosa. Em nenhum outro local, a não ser pela mão do caboclo, é possível beber cerveja preta quente. Do mesmo modo, por mais que eu tente reproduzir a feijoada de preto-velho em casa, o gosto sequer se compara. Dou a esta diferença o nome de axé.

### A BEBIDA E SEU AXÉ/PODER

Conforme o parágrafo anterior e por experiência própria de cada umbandista que lê este texto, existe algo na bebida de poder das entidades e dos Orixás. Sejam elas consagradas por meio de ritual ou simplesmente cruzadas pela mão da entidade incorporada, seu gosto, sua ação no corpo e suas consequências em nossas vidas indica que existe algo a mais ali dentro daquele copo ou daquela cuia. Algumas escolas umbandistas chamam este algo a mais de axé. Outras, dão o nome de poder, de força ou de energia. O nome é o que menos importa neste momento, já que estamos interessados em seus benefícios.

Por meio da evolução de argumentos efetuada até este momento, constatamos que a ingestão de bebida alcoólica em pequeníssima dose (esta dose varia de acordo com o peso, a idade e outros fatores não cabíveis aqui)



favorece a incorporação mediúnica. Também verificamos que a continuidade da ingestão de bebida alcoólica gera o efeito contrário. Por fim, identificamos que a bebida da entidade possui algo a mais que denominamos de axé ou simplesmente de energia. Após esta revisão, fica mais fácil verificar que a bebida e seu axé estão mais à disposição dos necessitados (consulentes e corpo mediúnico) do que propriamente da entidade incorporada. Podemos dizer que a ingestão imoderada de bebida durante as sessões mediúnicas (giras) deve ser corrigida pelo sacerdote responsável pois, é ação do médium e não da entidade. Respeitamos as teses contrárias mas, esta é a nossa.

O axé é depositado na bebida. A bebida é ingerida e atua de dentro para fora. Enquanto o tabaco age de fora para dentro, a bebida age de dentro para fora. A exemplo dos remédios, guardadas as devidas proporções óbvias, existem os que devem ser ingeridos, existem outros que devem ser inalados, outros aplicados sobre a pele e assim por diante. Nas aplicações ritualísticas da religião Umbanda, os diversos problemas espirituais encontrados pelas entidades durante as consultas exigem uma gama elevada de instrumentos, métodos e técnicas à disposição. O Exu introjeta suas determinações na bebida que, após a ingestão, passa a atuar na vida do necessitado que lhe procurou.

Contudo, devemos salientar que, para aproveitar o axé da bebida ritualística, da bebida de poder, do marafo de Exu, não é necessário o consulente literalmente beber da mesma. É possível absorver o axé apenas sorvendo-o mediunicamente. Faz-se da seguinte maneira, quando uma entidade lhe entrega o copo de bebida não se negue a recebê-lo, caso não possa beber álcool naquele momento por qualquer motivo que seja. Pegue o



copo, coloque próximo à sua boca como se fosse realmente beber, pare o movimento e puxe o seu axé mediunicamente para si. É uma ação mental. Sinta aquela energia sendo transmitida para você e agradeça. Esta é a forma que consideramos correta para lidar com esta situação dentro de um terreiro de Umbanda.

### BEBIDA DE PODER VEM DE PLANTAS DE PODER

Do mesmo modo que o tabaco, as bebidas de poder provêm de plantas de poder. A cana-de-açúcar é um grande exemplo. A cana-de-açúcar pertence a Exu. Suas folhas secas e bagaços são usadas em defumações para purificar o ambiente antes dos trabalhos ritualísticos, pois essa defumação afasta eguns e quimbas<sup>5</sup>.

Além disto, a planta absorve força da terra (energia telúrica), do sol (energia ígnea), das chuvas (energia aquática), das tempestades e dos ventos (energia eólica), absorve os minerais da terra (energia mineral) e, por si só, é um vegetal. A bebida ritualística possui fundamento. É preciso compreender.

Esperamos ter elucidado os principais fatores relativos à utilização da bebida por parte de Exu.

### FUMO: UTILIZAÇÃO DO TABACO NO RITUAL UMBANDISTA INTRODUÇÃO

---

<sup>5</sup> Verificar material anexo intitulado Ervas de Exu.



Grande parte das escolas umbandistas utilizam o fumo dentro de seus rituais. Não só a religião Umbanda, mas a Encantaria e as demais religiões afro-brasileiras possuem em seu núcleo litúrgico a presença do tabaco. Cada escola de Umbanda, por sua vez, oferece sua explicação utilizando os termos que mais se adequam à sua doutrina de base. Não nos cabe neste texto analisar cada uma das explicações encontradas, pois o trabalho se estenderia por muitas folhas e por muitas horas.

É valioso ressaltar que, em uma sociedade focada na saúde e no bem-estar e sabendo de forma incontestável que o tabaco gera grandes malefícios ao corpo físico, precisamos revisar algumas explicações e minimizar os riscos decorrentes de sua utilização ou até mesmo retirá-los do uso comum deixando esta erva de poder restrito a trabalhos específicos e não habituais.

## **MANIPULAÇÃO ENERGÉTICA**

Para a Umbanda Sagrada, escola umbandista fundamentada e constituída pelo corpo doutrinário, ético e litúrgico apontado por Rubens Saraceni, através de seus livros inspirados pelo espírito do Preto Velho Pai Benedito de Aruanda e do Sr. Ogum Megê, a utilização do tabaco se dá por pura manipulação energética. Extratos de energia são retirados da planta constituindo verdadeiro remédio ao consulente que necessita de purificação espiritual. A necessidade de purificação do espírito da qual nos referimos aqui é demasiadamente densa ao ponto de, nas devidas circunstâncias, não ser possível limpá-lo e restituí-lo por meio de irradiação luminosa emanada do médium incorporado



diretamente à pessoa. As lesões em sua aura são profundas demais para serem curadas de outra forma e em tempo tão curto quanto uma consulta mediúnica.

O instrumento de fumo (charuto, cigarro ou cigarrilha) é constituído de ervas (tabaco), que possui as forças e os poderes da terra. O tabaco é uma erva de poder. Toda erva de poder contém dentro de si, como o próprio nome diz, um poder oculto e que só pode ser ativado pelo médium iniciado já que, este, possui e conhece as chaves que ativam este mistério divino.

A erva tabaco foi devidamente plantada e cultivada. Foi introduzida na terra e absorveu sua fonte telúrica de energia. Quando colocamos nossos pés descalços na terra sentimos a energia natural fluir por nosso corpo. As ervas usufruem do mesmo princípio. Contudo, de forma mais direta e contundente, já que estão ligadas vitalmente ao solo. Se retirarmos o céu ou a terra do tabaco, esta erva morre. Ao longo de seu crescimento recebe verdadeira e literal energia solar, que é sintetizada dentro de si. Recebe o poder da chuva e das tempestades. Suga também o minério do solo. As ervas são verdadeiras alquimistas naturais.

A Umbanda é uma religião mágica por natureza e assim, obter e transformar a energia natural do meio em que vivemos é vital para a ação umbandista de resultado satisfatório. Ao ser processado pelas mãos do homem, o tabaco adquire caráter combustível e, com a ajuda de uma fonte de fogo (energia ígnea) produz ar (energia eólica) conjuntamente com o hálito, ou seja, o sopro do médium mantido em transe mediúnico (sopro da vida).



Esta fumaça, dotada de história e poder, é tão adaptável quanto a água. Ao ir de encontro a um obstáculo, tem o poder de seguir o fluxo das correntes de ar e encontrar uma saída levando dentro de si os miasmas e as larvas astrais e curando ferimentos presentes na aura do consulente. Uma baforada de charuto feita por um caboclo, por exemplo, é capaz de dissolver instantaneamente toda uma capa de sujeira espiritual que envolve a pessoa necessitada. A fumaça atua, portanto, na forma de um agente/fator limpador e também reparador. Terra, fogo, água, ar e a força vital (sopro) do médium mais a entidade incorporada atuam por meio do fumo.

A explicação acima, certamente é religiosa e não, científica. Tampouco pseudocientífica. Nós, como produtores de conteúdo teológico dentro de nossa religião Umbanda, temos a clareza de caminhar pelo ramo do conhecimento denominado religião, solo em que são plantadas a fé. Neste momento, desenvolvemos explicações religiosas de acordo com nossas convicções doutrinárias pois, é desta forma que progride o pensamento dos praticantes.

### UTILIZAÇÃO MODERADA

Sabemos, pela explicação acima, que o tabaco e a fumaça produzida são benéficos em determinadas situações. Contudo, nos dias atuais, não é necessário ser médico para saber que o tabaco faz mal à saúde. Os charutos causam câncer bucal porque não são tragados. O tabaco contido no charuto é elaborado para que as mucosas bucais absorvam suas propriedades. Assim, o fato de não tragar a fumaça do charuto não retira seus efeitos prejudiciais.



O cigarro, mesmo que não tragado, também prejudica a saúde. Os médiuns presentes inalam tal fumaça tornando-se fumantes passivos. O mesmo se diz da assistência e das crianças que ali se encontram.

Salientemos um pouco mais o ato de tragar o fumo. Uma entidade, quando incorporada, não traga a fumaça de forma alguma. Utiliza a fumaça por meio de baforadas. Basta notarmos que, quando uma entidade fala, por meio do médium incorporado, não solta fumaça como assim o faz o tabagista. O uso do tabaco é puramente ritualístico. Algumas correntes doutrinárias umbandistas e também não umbandistas criticam a presença deste elemento considerando-o fruto de comportamentos atrasados das entidades manifestantes ou dos próprios médiuns praticantes de uma determinada escola umbandista. Sequer iremos abordar estes argumentos retrógrados, tendo em vista já terem sido vencidos há tempos e gastaríamos apenas papel e tempo desnecessário. O fumo ritualístico não é vício. É operação mágica que, muitas vezes, não pode ser realizada de outra forma.

Porém, o tabaco pode ser substituído por outras ervas, bem como o uso do charuto pode ser restrito a momentos pontuais do ritual. Não é necessário que a entidade permaneça baforando insistentemente enquanto espera seus consulentes se posicionarem caso não haja motivo algum para tanto. Baforar de forma descontrolada consumindo inúmeros charutos ou um cigarro atrás do outro dentro do ritual (gira) é ação do médium. Pedimos desculpas aos irmãos que discordam deste argumento e respeitamos as opiniões contrárias. Contudo, é dever nosso expor o posicionamento que adotamos. Não temos o



intuito de ofender e sim, esclarecer por meio do diálogo. Sempre estaremos abertos ao diálogo e às mudanças de paradigma.

## CONCLUSÃO

Restando claro que o fumo é utilizado de forma pontual e que pode ser substituído por outras ervas tão eficiente quanto, o que pode ser feito para melhorar a saúde do ar de nossos terreiros? Vejam, irmãos, aprendemos com um irmão que pratica rituais indígenas na cidade de Itanhaém que a sálvia é excelente para a queima no cachimbo. Além disto, sabemos que a sálvia possui propriedades capazes de atuar como o tabaco atua no plano espiritual. Juntamente com a sálvia podemos acrescentar outras ervas de impacto energético, secas obviamente, que queimarão e atuarão de forma mais benéfica em todos os integrantes da corrente mediúnica.

O mesmo princípio pode ser utilizado nos cigarros de palha, nos charutos confeccionados pelo médium ou em outras aplicações que exijam o tabaco.

Vamos um pouco mais a fundo na questão. Sabemos que são raros os médiuns inconscientes. Sabemos que a grande maioria está presente no momento da incorporação de alguma maneira. Seja somente observando de longe, seja somente comandando uma pequena parte de seu corpo. Estamos falando de médiuns já desenvolvidos e com suas entidades firmadas. Desta forma, conhecemos médiuns que são ex-fumantes e que entraram em acordo com as entidades que lhe assistem para que só utilizem o tabaco (charuto ou cigarro) no chão ou em local outro local como, por exemplo, o ponto riscado, sem a necessidade de leva-lo à boca e deflagrar possivelmente o gatilho



psicológico que poderá retomar o velho hábito tabagista abandonado a duras penas e a duros 8 ou 12 passos.

Neste último parágrafo falarei por mim. Sou sacerdote de Umbanda e tenho no corpo mediúnico adolescentes de 16 a 18 anos, dentre outras idades, logicamente. Estes adolescentes não fumam e não tiveram contato com o tabagismo. Sua geração não tem este hábito. Fico, portanto, responsável pelo futuro dos mesmos. Caso algum dia estes meus filhos de santo comecem a fumar ou forem pegos fumando por seus pais, a quem irão acusar? Provavelmente, o terreiro. Irmão, acha improvável? Quando algo mínimo não dá certo ouvimos sempre a acusação: “Esse negócio de macumba só faz a vida ir para trás”! Concluindo, entendo que estou e sou responsável pela formação religiosa destas pessoas. Aqui, incluo as explicações doutrinárias pertinentes. Também marco a vida destes adolescentes em uma época em que seu caráter está em formação. Se sou considerado um exemplo para os mesmos, o que eu deveria fazer? Estou em processo de análise destes atos litúrgicos e ainda não cheguei a uma conclusão final. Somente as entidades que nos acompanham e suas sábias explicações poderão fornecer a luz de conhecimento necessária que iluminará esta questão de forma mais clara. Assim, aos senhores estudantes, desejo saúde.

## CAPA

O mistério dos mantos sagrados também é de conhecimento de Exu. Seu manto, sua capa, isola Exu das energias instintivas e absorvedoras que os



espíritos negativos possuem. Sua capa é tanto um escudo quanto uma espada. É ferramenta e é arma.

Além disto, é vestimenta simbólica, ou seja, traz o poder de sua hierarquia. As vestimentas simbólicas só são concedidas aos espíritos ligados a uma corrente espiritual, que plasmam a aparência e as vestes de seu chefe. Um Exu Tranca Ruas possui as mesmas características físicas e as vestimentas simbólicas de seu Chefe de Linha, o Sr. Tranca Ruas Guardião do Mistério.

## CARTOLA

Além de ser uma vestimenta simbólica representativa do Chefe de Linha, a cartola é uma proteção da coroa do médium e um potencializador das capacidades mediúnicas. Serve como verdadeiro estabilizador de energias e da própria incorporação.

A cartola possui duas funções. A conectiva, que conecta Exu e seu médium às forças do alto e do embaixo e também protetiva, que protege a coroa do médium de investidas mentais de espíritos mal intencionados. A cartola expande as faculdades mentais e magísticas do médium quando incorporado. O Exu de Trabalho pode utilizar sua cartola como ferramenta. Pode, por exemplo, decantar as energias negativas que emperram a evolução de uma pessoa através da colocação do nome da mesma dentro de sua cartola por um curto período de tempo. Pode também guardar este mesmo nome na fita constante do lado de fora para manter sob sua proteção até o momento de sua subida ou até quando entender cabível. Pode transferir sua cartola



momentaneamente para outra pessoa a fim de lhe descarregar ou de lhe conectar com outra força. Há inúmeras aplicações para a cartola.

## GARFO

O garfo de Exu possui três pontas, obviamente, é um tridente e é reto. O tridente de Pombagira é curvo e será tema de outro curso.

Em seu lado esquerdo temos a ponta negativa, absorvedora. Ao meio, temos a ponta neutra. A ponta da direita é positiva e irradiadora. O garfo de Exu, portanto, possui a capacidade de absorver as energias negativas, anulá-las e também irradiar energias positivas. Tudo em um único símbolo de poder. O tridente também é um ternário, uma tríade, uma trindade o número que na magia abre os portais do mundo divino, espiritual e natural.

## HORA GRANDE

É comum as entidades se referirem à hora grande para a realização de oferendas. Hora grande é meia-noite, quando o final de um dia encontra o início de outro. Quando um dia morre e o outro nasce. Quando o antigo é substituído pelo novo. Meia-noite é renovação, é passagem, é caminho. Meia-noite é a hora zero.

À meia-noite as forças de Exu estão em plena ascensão. Não estamos dizendo que nos demais horários Exu não tem força. Estamos afirmando que à meia-noite sua força é maior. Seu poder de realização é maior. Outro horário



propício às oferendas de Exu é as 18h ou quando o sol acaba de se por. Assim, se as 18h o sol ainda está no céu, aguarde o pôr-do-sol e faça sua oferenda.

## PONTO DE FORÇA GERAL

O ponto de força geral de Exu é nas encruzilhadas. Contudo, deve o médium estar atento ao ponto de força específico do Exu que irá oferecer. Caso venha a oferecer Exu Caveira, deve-se fazê-lo no cemitério. Já Exu Marabô deverá fazer nas matas.

Outro sentido que deve ser dado é o tipo de encruzilhada. As encruzilhadas que possuem quatro saídas são denominadas de encruzilhadas macho e servem às oferendas a Exu. As encruzilhadas de três saídas são denominadas de encruzilhadas fêmeas e servem às oferendas de Pombagira. Não importa se a encruzilhada é rural ou urbana. O encontro de dois caminhos formando o ternário (cruz) é o ponto de força geral de Exu. Há teses contrárias que respeitamos, mas esta é a nossa.

## BREVE ANÁLISE DO ORIXÁ EXU NA CULTURA NAGÔ

Adérito Serafim Simões França<sup>6</sup>

## INTRODUÇÃO

---

<sup>6</sup> Sacerdote de Umbanda do Templo Sete Montanhas do Brasil. Advogado. Bacharel em Direito pela Unisantia. Pós-graduado em Direito e Processo do Trabalho pela ESA.



Não é nosso papel ou nosso objetivo discorrer sobre toda a cultura nagô. Iremos percorrer apenas e unicamente a superfície deste grupo étnico africano. O nome do texto é claro neste sentido; “Breve análise do Orixá Exu na cultura nagô”.

## QUEM SÃO OS NAGÔS?

Quando nos referimos ao termo Orixá, estamos ligados diretamente a um grupo africano etnolinguístico chamado nagô, que fala, em sua maioria, a língua ioruba. Os nagôs também são conhecidos como iorubas ou iorubanos. Ocupam uma região chamada de Iorubalândia. Este território, nos dias de hoje, compreende parte da Nigéria e do Benim (antigo Daomé), conforme foto abaixo:



*Figura 1- Região da Iorubalândia*

Para sermos mais precisos, termos como "nagôs", "jejes", "angolas", "congós" e "fulas" representavam identidades étnicas criadas pelo tráfico de escravos, onde cada termo continha um leque de tribos escravizadas de cada



região. "Nagô" era o nome que se dava ao iorubano ou a todo negro da Costa dos Escravos que falava ou simplesmente entendia o ioruba.

## QUANDO E COMO CHEGARAM AO BRASIL?

A pesquisa do legado dos nagôs no Brasil não é tarefa fácil. SANTOS<sup>7</sup> informa que é difícil analisar a evolução e a importância da população de ascendência africana no Brasil porque, no ano de 1890, o Ministro das Finanças, Dr. Rui Barbosa, determinou a destruição dos documentos e arquivos referentes à escravidão. Estima-se que os nagôs foram a última cultura a se estabelecer no Brasil. Provavelmente, no final do século XVIII e início do século XIX.

Como é de conhecimento geral de quem estuda este período, eram os próprios africanos que escravizavam seus inimigos e os vendiam aos traficantes de escravos. No caso dos nagôs, os inúmeros ataques dos daomeanos contra os vizinhos do Sul, do Norte e do Leste somada à pressão dos Fulani sobre Oyó, a capital do reino Ioruba, levou à captura e a venda de grupos como os egba, egbado, bem como os ketu. Todos estes grupos são grupos nagôs. Os ketu foram os mais atingidos. Em contrapartida, foi a nação africana que mais influenciou a cultura afro-baiana dando base e origem ao candomblé de ketu.

Os africanos de origem banto, congo e angola foram distribuídos pelas plantações e espalhados em pequenos grupos por um imenso território, com ênfase em São Paulo, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, o que demonstra a forte influência destes grupos junto aos cultos de nação destes

---

<sup>7</sup> SANTOS, Juana Elbein dos. Os Nago e a morte: Pade, Asese e o culto Egun na Bahia. 14ªed. Petrópolis: Vozes, 2012.



Estados. Já os jejes de Daomé e os nagôs, como vieram mais tarde do que aqueles, concentraram-se em áreas urbanas de grande expansão como Salvador e Recife.

## POR QUE FALAR DOS NAGÔS?

O leitor deve estar se perguntando: Por que estamos falando dos nagôs se eu estou interessado em saber sobre Exu na Umbanda? A resposta é simples. É dos nagôs que herdamos a cultura dos Orixás. Os nagôs cultuam Orixás, os bantos cultuam Nkice ou Inquice e os jejes, Voduns. Sempre que apresentamos isto aos estudantes umbandistas não acostumados com os devidos termos, os olhos se arregalam e a atenção se concentra. Normalmente, a próxima pergunta é: Como assim? Não é tudo Orixá? Resposta. Não, senhores. Nem todo culto de nação cultua Orixá. Só os nagôs. Vejamos a tabela a seguir, que relaciona (apenas relaciona) os Orixás nagô com os Voduns e os Mikisi (plural de Inquice):

*Tabela 1 - Tabela comparativa entre Orixás, Voduns, Mikisi*

Orixá dos nagôs	Vodun dos jejes	Inquice de angola	Inquice do congo
Olodumaré ou Olorum	Mawu	Nzambi ou Zambi	Nzambi Mpungo ou Zambiapongo



Oxalá ou Obatalá	Olissará ou Lissá	Lombarengenga ou Cassumbeca	Lomba ou Lembá Dilê
Exu ou Elegbará	Elegba ou Legbá	Aluvaiá	Bombongira ou Pambu Njila
Ogum	Gun	Rocha Mucumbe	Nkoce Mucumbe
Oxossi	Odé ou Aguê	Mutalombo	Mutacalombo
Obaluaiê ou Omolu ou Xapanã	Azoani ou Sakpatá	Zaze ou Kibuco	Kambaranguajê
Iansã ou Oyá		Matamba	Nunvurucemavula ou Kaiangô
Yemanjá		Dadalunda	Pandá ou Kailá ou Aziri Kaiá
Oxum	Aziri Tobossi	Kisimbi	Kiximbi
Ossaim		Mene Panzu	Katendê
Nanã Burukê	Nanã	Nzumbarandá	Karamoxe
Ibeji	Hoho	Wunje	Wunje

Pela leitura da tabela acima, podemos constatar facilmente que, ao chamar Deus pelo nome de Zambi, estamos sofrendo forte influência da cultura banto de angola. Se adentrarmos a um terreiro de candomblé de angola encontraremos o culto de Inquice e não de Orixá. Se visitarmos um terreiro jeje encontraremos o culto aos Voduns. Lembrando que a tabela acima é voltada



para o estudo da Umbanda. Assim, não contém o Orixá Odudua, Orunmilá – Ifá, Onilé, Ajê Xalugá entre outros.

Determinada esta divisão e estabelecendo a importância da cultura nagô dentro da formação da religião de Umbanda é dever analisarmos o objeto de nosso tema, a visão deste grupo étnico sobre o Orixá Exu.

## ORIXÁ EXU ENTRE OS NAGÔS

Logo abaixo, meus irmãos, vocês poderão encontrar alguns mitos iorubanos sobre Exu. O mito, para a cultura nagô tradicional, possuía mais significado do que nos dias atuais. Diz Prandi:

“Durante a iniciação a que é submetido para o exercício da atividade oracular, o babalaô aprende essas histórias primordiais que relatam fatos do passado que se repetem a cada dia na vida dos homens e mulheres. Para os iorubas antigos, nada é novidade, tudo o que acontece já teria acontecido antes. Identificar no passado mítico o acontecimento que ocorre no presente é a chave da decifração oracular... Acredita-se que um determinado segmento de um determinado capítulo mítico, que é chamado *odu*, contém uma história capaz de identificar tanto o problema trazido pelo consulente como sua solução... Aqui, pouco a pouco a adivinhação praticada no candomblé no jogo de búzios foi sendo simplificada e o corpo de mitos foi sendo desligado da prática divinatória, preservando-se, contudo, os nomes o *odus*, as previsões e os *ebós*



ou oferendas propiciatórias, além do nome dos orixás que eram os protagonistas das histórias originais de cada *odu*”.

Exu recebe o caráter de mensageiro. Sem Exu, humanos e Orixás não podem se comunicar. Conta Santos:

*“Segundo as próprias palavras de Ifá, ‘cada um tem seu próprio Exu e seu próprio Olorum em seu corpo’ ou ‘cada ser humano tem seu Exu individual, cada cidade, cada casa (linhagem), cada entidade, cada coisa e cada ser tem seu próprio Exú’, e mais, ‘se alguém não tivesse seu Exu em seu corpo, não poderia existir, não saberia que estava vivo, porque é compulsório que cada um tenha seu Exu individual’”.*

De fato, cada Orixá possui seu Exu individual ou guardião de seus mistérios, que come junto com ele, ou melhor, antes do Orixá. Assim, para alguns cultos de origem nagô, Exu possui 16 qualidades:<sup>8</sup>

**Exu Yangui:** a laterita vermelha, é a sua múltipla forma mais importante e que lhe confere a qualidade de Imolê ou divindade nos ritos da criação. Exu ligado a antigas e grandes sacerdotizas de Oxun.

**Exu Agbà:** o ancestral, epíteto referente à sua antiguidade.

**Exu Igbá ketá:** o Exu da terceira cabaça.

**Exu Okòtò:** o Exu do caracol, o infinito.

---

<sup>8</sup> Tabela extraída e acessada em <https://ocandomble.wordpress.com/2008/09/02/qualidades-de-exu/>



Exu Oba Babá Exu: o rei pai de todos os Exus.

Exu Odàrà: o senhor da felicidade ligado a Orinxa'Lá.

Exu Òsìjè: o mensageiro divino.

Exu Elérù: o senhor do carrego ritual.

Exu Enú Gbáríjo: a boca coletiva dos Orixás.

Exu Elegbàrà: o senhor do poder mágico.

Exu Bàrà: o senhor do corpo.

Exu L'Onan: o senhor dos caminhos.

Exu Ol'Obé: o senhor da faca ritualística.

Exu El'Ébo: o senhor das oferendas.

Exu Alàfiá: o senhor da satisfação pessoal.

Exu Oduso: o senhor que vigia os *Odus*.

## NOMES DE EXUS QUE ACOMPANHAM ALGUNS ORIXÁS

Exu Akesan: acompanha Oxumarê.

Exu Jelu ou Ijelu: acompanha Osolufun.

Exu Ína: responsável pela cerimónia do Ipade regulamentando o ritual.

Exu Ònan: acompanha Oxun, Oyá, Ogun, responsável pela porteira do Ketu.

Exu Ajonan: tinha o seu culto forte na antiga região Ijesa.

Exu Lálú: acompanha Odé, Ogun, Oxalá.

Exu Igbárábò: acompanha Yemanjá, Xangô.

Exu Tìrírí: acompanha Ogun.

Exu Fokí ou Bàra Tòkí: acompanha Oyá e vários orixás.

Exu: Lajìkí ou Bàra Lajìkí: acompanha Ogun, Oyá e as porteiras.

127



Exu Sijídì: acompanha Omolú, Nanã.

Exu Langirí: a companha Osogiyán.

Exu Álè: acompanha Omolú.

Exu Àlákètú: acompanha Oxóssi.

Exu Òrò: acompanha Odé, Logun.

Exu Tòpá/Eruè: acompanha Ossayin.

Exu Aríjídì: acompanha Oxun.

Exu Asanà: acompanha Oxun.

Exu L'Okè: acompanha Obá.

Exu Ijedé: acompanha Logun.

Exu Jinà: acompanha Oxumarê.

Exu Íjenà: acompanha Ewá.

Exu Jeresú: acompanha Obaluaiye.

Exu Irokô: acompanha Iroko.

## MITOS NAGÔ

Os mitos iorubanos são de suma importância para entendermos o Orixá Exu. Seguirão adiante alguns mitos relativos ao Orixá Exu extraídos do livro Mitologia dos Orixás do Prof. Reginaldo Prandi.

## EXU GANHA O PODER SOBRE AS ENCRUZILHADAS



*Neste mito, explica-se o motivo do Orixá Exu ter seu ponto de força nas encruzilhadas.<sup>9</sup>*

Exu não tinha riqueza, não tinha fazenda, não tinha rio, não tinha profissão, nem artes, nem missão.

Exu vagabundeava pelo mundo sem paradeiro.

Então um dia, Exu passou a ir à casa de Oxalá.

la à casa de Oxalá todos os dias.

Na casa de Oxalá, Exu se distraía, vendo o velho fabricando os seres humanos.

Muitos e muitos também vinham visitar Oxalá, mas ali ficavam pouco, quatro dias, oito dias e nada aprendiam.

Traziam oferendas, viam o velho Orixá, apreciavam sua obra e partiam.

Exu ficou na casa de Oxalá dezesseis anos.

Exu prestava muita atenção na modelagem e aprendeu como Oxalá fabricava as mãos, os pés, a boca, os olhos, o pênis dos homens, as mãos, os pés, a boca, os olhos, a vagina das mulheres.

Durante dezesseis anos ali ficou ajudando o velho Orixá.

Exu não perguntava.

Exu observava.

Exu prestava atenção.

Exu aprendeu tudo

Um dia Oxalá disse a Exu para ir postar-se na encruzilhada por onde passavam os que vinham à sua casa.

---

<sup>9</sup> Explicação de Adérito Simões.



Para ficar ali e não deixar passar quem não trouxesse uma oferenda para Oxalá. Cada vez mais havia mais humanos para Oxalá fazer.

Oxalá não queria perder tempo recolhendo os presentes que todos ofereciam.

Oxalá nem tinha tempo para as visitas.

Exu tinha aprendido tudo e agora podia ajudar Oxalá.

Exu coletava os ebós para Oxalá.

Exu recebia as oferendas e as entregava a Oxalá.

Exu fazia bem o seu trabalho e Oxalá decidiu recompensá-lo.

Assim, quem viesse à casa de Oxalá teria que pagar também alguma coisa a Exu.

Quem estivesse voltando da casa de Oxalá também pagaria alguma coisa a Exu.

Exu mantinha-se sempre a postos guardando a casa de Oxalá.

Armado de um *ogó*, poderoso porrete, afastava os indesejáveis e punia quem tentasse burlar sua vigilância.

Exu trabalhava demais e fez ali sua casa, ali na encruzilhada.

Ganhou uma rendosa profissão, ganhou seu lugar, sua casa.

Exu ficou rico e poderoso.

Ninguém pode mais passar pela encruzilhada sem pagar alguma coisa a Exu.

## **EXU GANHA O PRIVILÉGIO DE COMER PRIMEIRO**

Exu era o filho caçula de Iemanjá e Orunmilá, irmão de Ogum, Xangô e Oxóssi.

Exu comia de tudo e sua fome era incontrollável.



Comeu todos os animais da aldeia em que vivia. Comeu os de quatro pés e comeu os de pena. Comeu os cereais, as frutas, os inhames, as pimentas. Bebeu toda a cerveja, toda a aguardente, todo o vinho. Ingeriu todo o azeite-de-dendê e todos os *obis*.

Quanto mais comia, mais fome sentia Exu.

Primeiro comeu tudo o que mais gostava, depois começou a devorar as árvores, os pastos, e já ameaçava engolir o mar.

Furioso com a situação, Orunmilá compreendeu que Exu não pararia e acabaria por devorar até mesmo o Céu. Então pediu a Ogum que detivesse o irmão, a todo custo. Para preservar a Terra, os seres humanos e até mesmo os Orixás, Ogum teve que matar o próprio irmão.

Mas a morte, entretanto, não aplacou a fome de Exu.

Mesmo depois de morto, podia-se sentir sua presença devoradora, sua fome sem tamanho.

Assim, os pastos, os mares, os poucos animais que restavam, todas as colheitas e até mesmo os peixes foram sendo consumidos. Os homens, sem ter o que comer foram definhando, e de fome foram morrendo, um a um.

Um sacerdote da aldeia consultou Ifá, e alertou a Orunmilá que: "Exu, mesmo em espírito, estava aclamando por sua atenção. Era preciso dar atenção a Exu, era preciso aplacar sua fome, Exu queria comer".

Orunmilá obedecendo o Oráculo, ordenou:

"Daqui por diante, para que Exu não provoque mais catástrofes, sempre que fizerem oferendas aos Orixás, deverão em primeiro lugar servir comida a ele".

Para haver paz e tranquilidade entre os homens, é preciso dar de comer a Exu, em primeiro lugar.



## EXU VINGA-SE POR CAUSA DE EBÓ FEITO COM DISPLICÊNCIA

*Por este mito, o povo nagô explica que não adianta somente oferecer. É preciso oferecer de forma correta. É a eterna luta entre o equilíbrio da forma e do conteúdo. A forma do ritual, suas diretrizes, seus fundamentos, suas regras e seus protocolos contra seu conteúdo que se caracteriza pelo estado de espírito do praticante da religião, por sua fé. “Tem que fazer direito e tem que fazer com fé”.*

Alumã era um lavrador que precisava de chuvas, pois seus campos estavam secos e a plantação toda ia se perder. Alumã ofereceu um ebó para Exu mandar chuva.

Ofereceu a Exu pedaços de carne de bode.

Como a comida estava muito apimentada, Exu ficou com muita sede.

Exu procurava água para matar a sede implacável, mas água não havia, estava tudo seco no lugar. Exu então abriu a torneira da chuva.

Ela jorrou como nunca, fazendo com que o povo se regozijasse com Alumã. As colheitas estavam salvas!

Mas a chuva não cessou.

Alumã percebeu dias depois que já bastava de chuva. Já chovera em excesso e as colheitas corriam perigo, agora era água em demasia; uma inundação.

Alumã tornou a oferecer a Exu carne de bode, mas agora cuidou que a pimenta estivesse no ponto certo. Exu aceitou o ebó e estancou a chuva. Exu é justo, cantou Alumã.



## **EXU RECEBE EBO E SALVA UM HOMEM DOENTE.**

Havia um homem que tinha muitos discípulos.

Um dia quando este homem adoeceu, mandou seus discípulos a todas as partes do mundo em busca de quem pudesse cura-lo.

Mas, mesmo tendo feito o ebó como lhe indicaram, todos o abandonaram.

Exu, porém, que recebera o ebó, disse-lhe: "Levanta-te e segue adiante de mim, que vou te escorando por detrás, até chegar aos pés de quem possa te salvar nesta emergência".

E assim, Exu o ajudou a chegar até Orunmila, que não o desprezou no pior momento de sua vida e o curou.

## **EXU CORTA O NARIZ DO ARTESÃO QUE NÃO FEZ O EBÓ PROMETIDO**

Era uma vez um marceneiro muito competente no ofício, mas que não tinha jeito de arranjar trabalho.

O artesão teve um sonho com um negrinho que disse que ele ia ter muito serviço e ia ganhar um bom dinheiro.

O negrinho do sonho, com seu barrete vermelho, disse ao marceneiro que após completar o primeiro serviço ele tinha que fazer um ebó para Exu.

Devia providenciar um galo preto, sete tocos de lenha, fósforos e uma vela, um pouco de azeite-de-dendê, sete ecôs, fumo picado e muitos búzios.



Que fosse para o mato fechado. Acendesse a vela, passasse o galo no corpo, fizesse a fogueira com a lenha e o fósforo. Que matasse o galo e cozinhasse com os temperos estipulados e oferecesse os búzios.

Era assim o ebó que Exu queria. Se ele não fizesse o ebó, ameaçou, Exu tomaria o seu nariz.

No sonho o artesão concordou com tudo. Quando acordou, porém, não deu a menor importância ao que sonhara.

No mesmo dia apareceu um grande serviço, que o marceneiro fez com capricho e rapidez, e ganhou um bom dinheiro.

E depois outro e mais outro e assim foi ele ficando de bem com a vida. Mas para Exu, nada.

Ele nunca se preocupou em cumprir a obrigação.

Um dia, trabalhava sob o sol alisando as tábuas, quando o negrinho do sonho apareceu e disse:

Olha, não vais cortar o nariz com esse enxó?

Ele respondeu?

Como é que eu posso cortar o nariz com este enxó?

E fez um gesto aproximando o instrumento do rosto. E sem querer decepou o seu nariz com a

lâmina do enxó. Aí o moleque disse:

Te lembras da promessa do ebó? Exu deu-te trabalho e dinheiro. Não deste nada para Exu, então vim buscar o teu nariz.

Pegou o nariz que caíra no chão, deu as costas para o marceneiro que sangrava horrivelmente e foi-se embora levando o nariz do artesão.



## EXU LEVA AOS HOMENS O ORÁCULO DE IFÁ

Em épocas remotas os deuses passaram fome.

Às vezes, por longos períodos, eles não recebiam bastante comida de seus filhos que viviam na Terra.

Os deuses cada vez mais se indispunham uns com os outros e lutavam entre si guerras assombrosas.

Os descendentes dos deuses não pensavam mais neles e os deuses se perguntavam o que poderiam fazer. Como ser novamente alimentados pelos homens?

Os homens não faziam mais oferendas e os deuses tinham fome.

Sem a proteção dos deuses, a desgraça tinha se abatido sobre a Terra e os homens viviam doentes, pobres, infelizes.

Um dia Exu pegou a estrada e foi em busca de solução.

Exu foi até Iemanjá em busca de algo que pudesse recuperar a boa vontade dos homens.

Iemanjá lhe disse: "Nada conseguirás. Xapanã já tentou afligir os homens com doenças, mas eles não vieram lhe oferecer sacrifícios".

Iemanjá disse: "Exu matará todos os homens, mas eles não lhe darão o que comer. Xangô já lançou muitos raios e já matou muitos homens, mas eles nem se preocupam com ele. Então é melhor que procures solução em outra direção.

Os homens não tem medo de morrer. Em vez de ameaçá-los com a morte, mostra a eles alguma coisa que seja tão boa que eles sintam vontade de tê-la.

E que, para tanto, desejem continuar vivos".



Exu retornou o seu caminho e foi procurar Orungã. Orungã lhe disse: "Eu sei por que vieste. Os dezesseis deuses tem fome. É preciso dar aos homens alguma coisa de que eles gostem, alguma coisa que os satisfaça.. Eu conheço algo que pode fazer isso. É uma grande coisa que é feita com dezesseis caroços de dendê. Arranja os cocos da palmeira e entenda seu significado. Assim poderás conquistar os homens".

Exu foi ao local onde havia palmeiras e conseguiu ganhar dos macacos dezesseis cocos.

Exu pensou e pensou, mas não atinava no que fazer com eles. Os macacos então lhe disseram: "Exu, não sabes o que fazer com os dezesseis cocos de palmeira? Vai andando pelo mundo e em cada lugar pergunta o que significam esses cocos de palmeira. Deves ir a dezesseis lugares para saber o que significam esses cocos de palmeira. Em cada um desses lugares recolheras dezesseis odus. Recolherás dezesseis histórias, dezesseis oráculos. Cada história tem a sua sabedorias, conselhos que podem ajudar os homens. Vai juntando os odus e ao final de um ano terás aprendido o suficiente. Aprenderás dezesseis vezes dezesseis odus. Então volta para onde moram os deuses. Ensina aos homens o que terás aprendido e os homens irão cuidar de Exu de novo".

Exu fez o que lhe foi dito e retornou ao Orun, o Céu dos Orixás.

Exu mostrou aos deuses os odus que havia aprendido e os deuses disseram: "Isso é muito bom".

Os deuses, então, ensinaram o novo saber aos seus descendentes, os homens. Os homens então puderam saber todos os dias os desígnios dos deuses e os acontecimentos do porvir.



Quando jogavam os dezesseis cocos de dendê e interpretavam o odu que eles indicavam, sabiam da grande quantidade de mal que havia no futuro.

Eles aprenderam a fazer sacrifícios aos Orixás para afastar os males que os ameaçavam.

Eles recomeçavam a sacrificar animais e a cozinhar suas carnes para os deuses.

Os Orixás estavam satisfeitos e felizes.

Foi assim que Exu trouxe aos homens o Ifá.

### **EXU AJUDA UM MENDIGO A ENRIQUECER**

Era uma vez um homem pobre e peregrino.

Um dia, ele consultou gente competente

E fez como lhe fora dito.

Preparou um ebó com muita dificuldade.

Exu, então, vendo todo aquele esforço,

Quis muito ajudar aquele homem.

Uma vez, quando o mendigo e um milionário

Caminhavam pela mesma rua, Exu preparou

A estratégia para mudar a sua vida e o instrui.

A ridicularizar sem parar o milionário.

Em voz bem alta devia o mendigo dizer

Que ali não havia ninguém importante,

Senão ele mesmo, o mendigo.

Enquanto isso, Exu instigava o milionário, dizendo:

[ 07 ]



Não tolero esse tipo de gente, esses pobres.  
Muda-o com força da tua fortuna, vamos.  
Como o milionário se sentisse de fato  
Ofendido com a petulância do pobre,  
Resolveu ajuda-lo para mostrar quão rico era.  
O rico tomou o pobre pelo braço e pôs-se  
A passear junto com ele aqui e ali, demonstrando  
Terem a maior intimidade.  
Todos viram aquilo e tiraram a mesma conclusão.  
Se o rico lhe dava o braço, rico também seria ele.  
Assim , em todo o comércio, todos ofereceram  
Crédito para tudo o que o mendigo quisesse.  
Tendo assim tanto crédito, pôde ele fazer muitos  
Negócios e com cada negócio mais crédito lhe era oferecido.  
Até que enriqueceu.  
Assim o pobre ficou rico graças à artimanha de Exu.

Esperamos ter cumprido o objetivo deste texto entregando ao leitor umbandista uma breve noção dos conceitos iorubanos sobre o Orixá Exu engrandecendo nosso estudo.

## COSMOGÊNESE E TEOGONIA DE UMBANDA SAGRADA: O surgimento do Orixá Exu



## INTRODUÇÃO

O conjunto de narrativas e de argumentos acerca do surgimento do mundo ou do universo chama-se cosmogênese ou cosmogonia. A genealogia e filiação dos deuses dá-se o nome de teogonia. No presente estudo, analisaremos o surgimento do universo e do Orixá Exu sob a visão da Umbanda Sagrada. Peço licença aos irmãos umbandistas tanto da Umbanda Sagrada quanto das outras escolas religiosas, umbandistas ou não, para explicar que, mesmo afirmando que Umbanda é Umbanda, devemos reconhecer que existe a cosmogonia da Umbanda Esotérica, a cosmogonia da Umbanda Tradicional, a cosmogonia da Umbanda Omelokô e assim por diante. Não podemos negligenciar este fato principalmente diante de nosso argumento fundante de que não temos o condão de codificar a Umbanda e sim, ajudar no esclarecimento de seus conceitos. Caso a Umbanda como um todo, um dia, venha a adotar a cosmogonia da Umbanda Sagrada, que não difere, em linhas gerais, de nenhuma outra cosmogonia da qual analisamos, poderemos dizer, sem embargo, que esta é a origem do universo na visão umbandista. Tendo dito estas palavras iniciais, estamos desembaraçados para o início de nosso estudo.

---

<sup>10</sup> Sacerdote de Umbanda do Templo Sete Montanhas do Brasil. Advogado. Bacharel em Direito pela Unisantia. Pós-graduado em Direito e Processo do Trabalho pela ESA.



Simplificando, Umbanda Sagrada é uma escola umbandista. Existem inúmeras escolas umbandistas, como bem explica e exemplifica CUMINO em seu livro História da Umbanda, editora Madras, p. 83 e seguintes. Temos a Umbanda Branca, a Umbanda Popular, a Umbanda Sagrada dentre outras. Cada uma destas escolas possui doutrina e fundamentação própria. Estas escolas trazem consigo sua cultura regional, o histórico de formação espiritual de seu dirigente etc. Existem terreiros mais voltados à cultura africana, outros mais católicos, outros mais espíritas, outros mais esotéricos. Mesmo dentre os terreiros mais voltados à cultura africana temos os de cultura banto, os de cultura nagô, os de cultura jeje de angola e os de cultura jeje do congo. Indo além, um terreiro de Umbanda localizado no Acre recebe, teoricamente, mais impacto cultural indígena do que africano. Isto se reflete na visão de mundo que este grupo produzirá. Talvez, um dia, estas escolas caminhem para uma cosmogonia comum ou a um panteão único. Talvez, não. Dizemos isto porque há benefícios e malefícios nesta abordagem. Com uma Umbanda única e homogênea perderíamos a pluralidade de cultos e a riqueza cultural contemporânea. Por um outro lado, teríamos uma unidade que, para muitos, significa ordem. Contudo, para chegarmos a uma Umbanda Única alguns grupos teriam que abdicar de sua doutrina e de sua ética já estabelecida para aceitar a de outros. Dentro da história da humanidade, este fato não gerou hegemonia e sim, dissidência. Talvez, o que mais importa para a sobrevivência e o crescimento de nossa religião seja aceitar as diferenças dos irmãos e coexistirmos. Sob uma ótica ampliada, o culto não se diferencia. Temos a abertura da gira, a chamada de entidades, consultas e/ou trabalhos espirituais, subida de entidades e encerramento. Eis o que havia a ser dito por hora.



No que se refere à cosmogonia de Umbanda Sagrada, uma breve passagem de SARACENI, inspirado por Pai Benedito de Aruanda, é capaz de resumir o tema:

“Deus-Olorum é e sempre será a origem de tudo porque Ele está na origem de tudo e de todos”<sup>11</sup>.

## ORIGEM DO UNIVERSO

Os praticantes de Umbanda Sagrada chamam Deus pelo nome de Olorum (SARACENI, 2011, p.17). Olorum é um mistério. Não há mistério maior. Olorum é o mistério dos mistérios. Um sinônimo para a palavra mistério é arcano. Sendo mistério ou arcano, somos incapazes de compreender Olorum. Por mais que examinemos Olorum, sempre algo nos escapará. Tendemos a encarar nosso Deus como nosso semelhante. Talvez, agimos desta forma para preencher o vazio de informações encontrado dentro de nós mesmos. Como filhos criados sem um pai presente de corpo facilmente reconhecível mas, entregue em poder a todos nós, desejamos ser como Ele é. O Pai é o nosso herói. Passamos a cuidar do Pai Olorum na vida adulta através da ritualística umbandista não porque ele está velho e necessita de amparo, mas porque Ele cuidou de todos nós quando ainda não sabíamos caminhar. Contudo, quando olhamos para o céu ou quando olhamos para a vastidão de suas criações

---

<sup>11</sup> SARACENI, Rubens. Orixá Exu: fundamentação do mistério Exu na Umbanda. 1 ed. São Paulo: Madras, 2011, p17.



entendemos que Olorum é muito maior do que nossa compreensão pode alcançar.

Como moscas que, por sua natureza, vivem por ínfimos dias nós, os humanos, em relação ao tempo do universo, assemelhamo-nos a estes insetos. Como uma mosca descobrirá os segredos do universo se esta não possui capacidade cognitiva para tal proeza ou em que momento conseguirá o tempo necessário, dentro de seus poucos dias vida, para empreender tal obra? E nós, humanos, possuímos tal capacidade? Ao longo dos séculos o homem mostrou-se incapaz de asfaltar esta estrada espiritual de forma a sedimentar o assunto. A ciência, por sua vez, não possui e não possuirá métodos capazes de nos responder qual o verdadeiro sentido da vida. Este não é o objetivo da ciência. Nenhum telescópio será forte o suficiente para fotografar a profundidade das emoções (amor, por exemplo) e nenhum ser humano é capaz de completar a si mesmo sem a presença de Olorum. Olorum está em nós e nós estamos em Olorum. Ligamo-nos a Ele por meio de nosso mental percorrendo vias que passam pelos Sagrados Orixás, que são manifestações de Olorum. São suas divindades. São “partes” de Olorum.

Naturalmente somos seres religiosos. Intencionamos acreditar em algo. Desejamos acreditar em algo. Sem este algo, a vida cai no vazio absoluto. A vida deixa de fazer sentido. Quando o vazio está instalado dentro de nós, somos incapazes de prosseguir. Em tempos desfavoráveis à prática religiosa por conta da aversão generalizada às diretrizes retrógradas de alguns líderes do passado e do presente, a humanidade atual só leva a sério realmente a fatura do cartão do crédito e isto, nem sempre. Não podemos condenar uma civilização por este



fato pois, estamos em uma época de transição de pensamentos. Possuímos liberdade e não sabemos o que fazer com a mesma. Escolhemos o que não queremos por meio do desejo. Insistimos em afirmar que estes desejos desenfreados nos trarão felicidade mas, a cada dia que se passa, sentimo-nos cada vez mais infelizes e desamparados. Quando uma mão se estende para buscar uma solução, outro problema é encontrado. Permanecemos à espera do dia do juízo final quando, em verdade, este dia nunca chegará já que a alma é eterna e o juízo final se faz a cada pôr do sol.

Prosseguindo, se Olorum é o próprio mistério em si e nossa limitação impede de apreciá-lo em sua magnitude, devemos ouvir o que os espíritos habitantes de graus mais elevados e mais próximos a Olorum tem-nos a dizer.

Olorum sempre existiu e sempre existirá. Olorum não teve início e não terá um fim.

Disseram-nos as entidades de elevada luz que, no início, só existia Olorum. Nada existia fora de Olorum e, quando dizemos nada, referimo-nos a o não haver absolutamente nada fora Dele. Nem o vazio. Não havia nada. Só havia o “dentro” de Olorum.

O que Olorum pensava<sup>12</sup> adquiria existência imediata dentro de Si. A isto, damos o nome de matrizes-geradoras. O mistério gerador que se encontra dentro de Olorum é caracterizado por suas matrizes geradoras. Aquilo que encontramos, atualmente, fora de Olorum tem uma matriz geradora dentro de Olorum.

---

<sup>12</sup> Pensar é um termo aproximado para nossa melhor compreensão.



Abro um parêntese para indicar a semelhança de argumentos com o mundo das ideias de Platão, filósofo grego. Para Platão, tudo o que existe no mundo real não passa de uma projeção materializada do mundo das ideias, que está muito além da nossa percepção sensitiva. O que está no mundo material tem uma matriz no céu. Fecho o assunto.

## ORIGEM DO ORIXÁ EXU

Dentro do criador Olorum só há pensamentos criadores-geradores. Olorum é, em si, um “estado mental” criador e gerador de tudo aquilo que pensa. Tudo o que existia encontrava-se no interior de Olorum e este era o estado inicial da criação. Quando Olorum pensou o “lado de fora” intencionou este pensamento. O nada existente fora de Olorum foi invadido por Suas intenções criadoras-geradoras. Para que as coisas pudessem existir do lado de fora de Olorum, foi necessário que sua intenção criadora alterasse o estado “nada” existente fora Dele para o estado “vazio” fora Dele. Antes, não havia fora de Olorum. Depois, o nada foi preenchido por um vazio infinito e absoluto, local em que Olorum poderia inserir suas criações externas. Assim, surgiu o primeiro estado da criação, o vazio absoluto. Pelas leis da física moderna, não há vazio absoluto no universo. Contudo, o vazio absoluto é um estado e não algo mensurável. Como a própria nomenclatura diz, é o vazio absoluto. Todos os estados da criação possuem um Orixá que o rege. O vazio absoluto é regido pelo Orixá Exu. Quando o sentimento de vazio surge, estamos nos domínios do Orixá Exu, a divindade do vazio absoluto.



## FUNÇÃO DO ORIXÁ EXU

Sendo a divindade que rege o estado do vazio, o Orixá Exu tem o poder intrínseco de esvaziar tudo aquilo que ingressa em seus domínios. O Orixá Exu veio antes do primeiro. O Orixá Exu é o vazio. A tradução da palavra Exu para o português é esfera. A esfera é o símbolo arábico do zero, do vazio, que, representado no papel é um círculo. Toda criação surgirá e só poderá surgir dentro do vazio que é infinito e assim, acomoda a criação como um todo. Ao unir o primeiro Orixá (Exu) com o primeiro estado da criação (o vazio absoluto), temos a fundamentação do Mistério Exu na Umbanda Sagrada.

## EXU DEVE ESTAR FORA

Exu é o mais velho Orixá e também é o primeiro Orixá que deve ser cultuado. Expliquemos. Por ser e por trazer em si o vazio absoluto, deve ser evocado e oferendado em primeiro lugar e também deve ser “despachado” de dentro do templo para ser firmado no lado de fora. Se assim não for procedido, a presença do Orixá Exu no interior do templo implicará na ausência de todos os outros Orixás, já que seu estado é o do “vazio absoluto”. Aqui está o conceito primordial do Orixá Exu ser assentado e oferendado em local separado dos demais. Contudo, não podemos concordar que um terreiro que não possui quintal ou “o lado de fora” convencional não possa ritualizar. Por esta razão, temos tronqueiras em locais não habituais porém, sempre em separado dos demais Orixás. Este é o conceito que necessita ser seguido.



Juntamente com o Orixá Exu vem o vazio absoluto. Nesse estado de vazio, não é possível fazermos nada. Orixá Exu é colocado para fora do terreiro porque, se seu estado a tudo esvazia, estando dentro do terreiro, nada mais teria condições de existir. Ao colocar o Orixá Exu para fora do terreiro, oferecemos a possibilidade dos demais Orixás se fazerem presentes no lado de dentro do terreiro. Onde Exu está, tudo se esvazia. Ele é o próprio vazio.

SARACENI diz:

“Exu é a ausência e Oxalá é a presença. Em Exu nada subsiste, e em Oxalá tudo adquire existência. Exu, por ser o vazio absoluto, nada cria de si. Em Oxalá, por ele ser o espaço em si mesmo, tudo pode ser criado. Exu e Oxalá são opostos-complementares porque sem a existência do vazio absoluto o espaço não poderia se expandir ao infinito”.

## BIPOLARIDADE E TRIPOLARIDADE

Exu possui dupla polaridade magnética. A criação como um todo só é possível e só é bipolarizada porque Exu carregou, desde sua origem, esta polaridade dupla. Quando Oxalá, dentro do vazio absoluto de Exu, fez nascer o estado do espaço infinito, que é o domínio de Oxalá, viu que o espaço infinito possuía polaridade magnética dupla. De um lado, por assim dizer, era positivo e de outro, negativo. Estas polaridades estavam separadas por uma faixa neutra, que também é de domínio do Orixá Exu. Não confundir com bom ou mau. Os termos são positivo e negativo. O lado positivo era claro, irradiante. O lado negativo era escuro, absorvedor. O lado negativo do espaço infinito não



agradou a Oxalá, que passou este domínio da criação para Exu. A partir deste momento, Exu passou a ser guardião divino dos mistérios de metade de toda a criação. É o guardião do lado negativo da criação. Tudo o que surgiu no início dos tempos, desde os estados primordiais da criação até os seres e coisas, estão metade delas sob o domínio do Orixá Exu. O Orixá Exu tem como campo de atuação, dentre outros, os instintos. É função do Orixá Exu, dentro da criação de Olorum, equilibrar os instintos primitivos humanos com a razão.

O Orixá Exu é tripolar. Sua essência é neutra, mas possui o lado negativo e o lado positivo. As pessoas, ao longo do tempo, perceberam que se Exu consegue devolver o equilíbrio das coisas, poderiam fazer o inverso e conseguir o desequilíbrio de algo. Exu nunca fez o mal. As pessoas, com seus pensamentos e atos nefastos, exerceram e exercem magia negativa umas contra as outras culpando Exu por tais feitos. Assim, dizem que Exu pode fazer o mal e o bem. Orixá Exu é neutro. Quem produz maldade ou bondade são os seres humanos.

## OFERENDAR EXU

Adérito Serafim Simões França<sup>13</sup>

## OFERENDAR É COMUM?

Sim. Oferendar é mais comum do que imaginamos. Partiremos do conceito social para o ritual religioso.

---

<sup>13</sup> Sacerdote de Umbanda do Templo Sete Montanhas do Brasil. Advogado. Bacharel em Direito pela Unisantia. Pós-graduado em Direito e Processo do Trabalho pela ESA.



Presentear alguém é algo habitual. Celebrar datas importantes com presentes e uma mesa farta é mais do que comum, é uma regra social. Ao casar, espera-se a festa. A festa compreende não só o ritual religioso. Esta, estende-se por meio do serviço de comida, bebida, música e dança. Percorrendo este caminho, o ritual do casamento é tido como completo ou quase. Ao se dirigir até um casamento, levamos presentes aos noivos. Presentear também é uma regra social e possui um direcionamento básico de intenção, o conteúdo da embalagem serve para beneficiar a nova vida do casal e seu novo lar. Este é o conceito tradicional, o conceito primordial. Até este ponto, nada de novo nos é apresentado.

Partindo para uma análise do contexto católico, Jesus foi presenteado pelos reis magos no momento de seu nascimento. Reconhecendo eles ser o menino Jesus, detentor dos Mistérios Divinos, foi presenteado com mirra, ouro e incenso.

A Igreja Católica oferece pão e vinho como corpo e sangue de Jesus. Talvez, um dos únicos rituais de conteúdo antropofágico ainda vivo.

Os neopentecostais oferecem, que é sinônimo de oferta, parte de seus ganhos à sua Sagrada Igreja. Dá-se o nome de dízimo. O dízimo é oferta à Deus. Seu valor é monetário. É dizer: - Agradeço a Deus pelo salário recebido, do qual retiro uma décima parte em forma de agradecimento e para que minha vida permaneça próspera. A instituição igreja recebe esta oferta, já que este órgão representa Deus na terra através de seu sacerdote.



Poderíamos falar dos judeus, dos muçulmanos, dos hinduístas e de muitos outros. Porém, desnecessário.

Nós, umbandistas, sabemos que as oferendas são mais do que oferta em agradecimento. As oferendas são procedimentos de magia portadoras da capacidade de agradecer, propiciar, consagrar, solicitar ajuda, descarregar energias, purificar coisas e ambientes, desmagiar e firmar forças.

Por conta de nossa experiência religiosa e por conta de nosso estudo desenvolvido (experiência e estudo umbandista como um todo e não somente da equipe PSUEAD), através da oitiva dos guias, das entidades e dos Orixás, bem como a atenção que demos aos sacerdotes que nos antecederam, temos a forte certeza de que alguns agrupamentos de objetos (grupo de elementos) são mais eficazes para determinados fins do que outros. Sabemos que oferecer marafo (pinga) para Exu é mais eficaz do que oferecer suco de laranja, por exemplo<sup>14</sup>. Sabemos que alguns poderes de certos Orixás respondem melhor com certos objetos e o mesmo acontece com a força das entidades que objetivamos estabelecer conexão energética. É o que vamos expor nas linhas seguintes.

## POR QUE OFERENDAR EXU?

Oferendamos Exu porque Exu não atua sem oferenda.

A chave que ativa Exu é a oferenda. Sem oferenda, Exu não age. Lembrem-se disto, irmãos. Este é o núcleo basilar do ritual que envolve Exu.

---

<sup>14</sup> Sabemos que a frase de referência aparenta ser discrepante ou até mesmo desleixada. Saibam os irmãos umbandistas que se trata de um método didático. É através das diferenças incomuns que gravamos os conceitos pertinentes.



Levando em consideração de que todo ritual de Umbanda necessita ter Exu devidamente oferendado, não estar ciente desta máxima e não saber o seu procedimento primitivo prejudicará o desenvolvimento do ritual a ser seguido e dos benefícios que se deseja obter dos mesmos. Sem a oferenda de Exu, não há ritual que se sustente. Nossos irmãos do candomblé de ketu, marcados pela forte influência iorubana, sabem muito bem disto e levam este preceito a sério. Devemos tomar a seriedade e o cuidado de nossos irmãos candomblecistas como exemplo e agir de forma condizente com Exu para nunca teme-lo e sim, tê-lo como forte aliado.

A neutralidade de Exu reside no fato dele não agir sem sua chave ativadora, a oferenda. Exu é neutro em sua essência. Não é positivo nem negativo. É neutro. Sua neutralidade se altera para positivo ou negativo por meio da oferenda. PEDRO<sup>15</sup>, afirma:

“Que isso fique bem claro: Exu e Pombagira só agem se forem pagos simbolicamente por meio de uma oferenda. Com isso, eles se eximem de culpa pela ação. Quem os pagou torna-se o culpado”.

Paga-se à Exu dando uma prova material de sua ação. Paga-se a Exu por meio da oferenda. Esse é o primeiro ativador da ação de Exu. Existe um ponto que diz o seguinte:

“Exu é moço branco e é faceiro no andar

“Exu é moço branco e é faceiro no andar

---

<sup>15</sup> PEDRO, Domitilde Aparecida. Umbanda: rituais de amaci com oferendas e orações. São Paulo: Madras, 2012, p.45.



Quem não paga pra Exu

Exu dá e torna a tirar

Quem não paga pra Exu

Exu dá e torna a tirar”

*Laroyê, Exu! Exu é mojubá!*

### CONCEITO FORMAL DE OFERENDA

Diz Saraceni<sup>16</sup>:

“As oferendas são atos mágicos-religiosos e são concentrações de elementos de magia e de forças e poderes mágicos dentro de um espaço limitado”.

As oferendas podem ser:

1. de agradecimento;
2. pedido de ajuda;
3. desmamiamento;
4. descarrego;
5. propiciatória;
6. purificadora;
7. ritualística para firmeza de forças;
8. ritualística para assentamento de forças e poderes.

---

<sup>16</sup> SARACENI, Rubens. Rituais umbandistas: oferendas, firmezas e assentamentos. São Paulo: Madras, 2013, p. 13s.



Não adentraremos nos detalhes de cada uma destas oferendas, tendo em vista nosso objetivo, que é o estudo das oferendas ao Orixá e à entidade Exu. Para informações mais detalhadas aconselhamos a leitura do livro *Rituais Umbandistas: Oferendas, Firmezas e Assentamentos* de Rubens Saraceni, editora Madras e também o livro *Exu e seus assentamentos* do irmão Evandro Mendonça, todos indicados na bibliografia deste curso.

### QUANDO OFERENDAR EXU?

Como já exposto no texto *Cosmogênese de Umbanda Sagrada*, Exu deverá ser oferendado antes dos demais Orixás e entidades. Há quem diga que a oferenda de Exu é o verdadeiro início do ritual, seja ele religioso ou mágico.

Exu é um dos Guardiões dos Mistérios Divinos e possui metade da criação, já que Oxalá lhe concedeu todo o polo negativo ao criar o espaço infinito. Tudo está dentro de Exu. Exu é o vazio absoluto e assim, a criação foi e é edificada a partir dele. Assim, oferendar Exu em primeiro lugar é correto, porque, antes de Olorum manifestar os demais Orixás, criou o vazio absoluto à sua volta e entregou o poder sobre este estado da criação a Exu. Lembrando, vazio seja absoluto ou relativo não é empregado aqui como termo proveniente das leis da física. É conceito religioso mais bem explicado na *cosmogênese*, título de nossa outra aula integrante deste curso.

Portanto, Exu deve ser oferendendo antes e deve ser oferendado sempre.

### ONDE OFERENDAR EXU?

Exu deve ser oferendado em seu ponto de força.



O ponto de força generalizado de Exu são as encruzilhadas. A encruzilhada representa (é) o encontro de dois caminhos e pode também representar (é) o limiar entre o mundo material e o espiritual, intersecção em que Exu permanece vigilante. Contudo, a simplicidade não é qualidade predominante em Exu.

Exu está em todos os lugares e todos os lugares possuem um Exu Guardião. Nas porteiras, nos portões, nos becos, nas ruas, nas encruzilhadas, nas matas, na pedreira, no mar, no cemitério, na campina, e onde mais você imaginar. Por este motivo, Orixá Exu pode e deve ser oferendado em qualquer lugar, desde que respeitosa e ritualisticamente. Mas só isto não basta. É preciso determinar qual o sentido da evocação, sob qual força ou poder iremos ritualizar.

Ao oferendar Oxum em suas cachoeiras devemos oferendar antes o Exu Guardião daquela cachoeira. Naquela cachoeira, portanto, há um Exu. Não é exatamente isto o que fazemos quando vamos às matas? Pedimos licença a Exu para ali ritualizar. Se a intenção for oferendar Exu do Ouro para que o mesmo nos traga prosperidade financeira, por exemplo, oferendaremos nas cachoeiras ou na beira dos lagos, tendo em vista que o domínio do ouro é de Oxum. Exu Caveira é oferendado no cemitério e assim por diante. Repetimos. Qual o ponto de força de Exu? Só nos cemitérios, estradas e encruzilhadas? Não. Todos os pontos de força possuem um Guardião Exu. O sentido evocatório determina a quem oferendamos e em que local.

Este assunto já foi visto na aula sobre os nomes simbólicos de Exu.



## COMO OFERENDAR

Antes de tudo, é preciso falar sobre a forma e o conteúdo.

A forma é o protocolo de procedimentos adotado pelo umbandista para realizar sua oferenda. É o como fazer. Como o umbandista deve se dirigir ao ponto de força, quantas palmas deve bater, quantos passos dará etc.

O conteúdo refere-se ao que se encontra no íntimo do umbandista no ato da oferenda. Sua fé, sua seriedade, sua devoção.

Então, perguntamos: - O que vale mais, como o ritual será feito ou a fé que depositamos? Esta discussão sempre vem à tona no momento em que adentramos a este assunto. Respondemos que tanto a forma quanto o conteúdo são importantes. É preciso fé mas, também é preciso procedimento. De que adianta executarmos todos os passos corretamente e não ter fé naquilo que está sendo feito? De que adianta termos fé e não se importar minimamente com o ritual a ser executado? O equilíbrio deve existir. Podemos sair de São Paulo e ir até a Bahia a pé. Porém, o modo mais eficiente é ir de avião.

Outro ponto a ser tomado em consideração é a postura do ofertador. Esta, deve ser condizente com a dignidade de nossa religião. O umbandista, ao se dirigir à prática do ato de oferta, deve se comportar com respeito, reverência, fé e religiosidade. Caso contrário, será apenas um ato profano. O pensamento deve estar concentrado naquilo que está sendo feito. O umbandista deve se manter presente de corpo e alma. Deve entregar-se ao



ritual de oferenda como se fosse oferendar seu próprio corpo e sua própria alma para que o lado sagrado da criação atue. O que se entrega em uma oferenda será revertido ao umbandista. Se o umbandista ofertar displicência, pensamentos esvoaçantes, conversas profanas e descuidado receberá como retorno em sua vida as mesmas coisas. É lei do retorno. É a lei do plantio e da colheita. Não pensem que plantando pedras colheremos uvas.

Outro assunto de extrema importância. Não é a quantidade ou o tamanho dos elementos que torna a oferenda eficaz. É o amor, o respeito e a devoção que faz da oferenda algo realizador. Caso contrário, estaríamos afirmando que Olorum, suas divindades e as entidades só beneficiam as pessoas de alto valor aquisitivo. Isto não se encaixa no conceito de Deus. Isto não se enquadra no conceito de religião. Isto não seria Umbanda se os mais humildes não tivessem vez e voz. A Umbanda é uma religião formada primordialmente por caboclos, pretos velhos e crianças, ou seja, o retrato da ausência de posses, da humildade e da simplicidade. Como já dito antes, a Lei é justa. Trata igual os iguais e desigualmente os desiguais.

Não existe elemento que não possa ser utilizado em uma oferenda. Contudo, devemos ter o cuidado para que estes elementos formem figuras geométricas (círculos, triângulos, pentagramas etc). Expliquemos melhor. Cada figura forma um símbolo. Este símbolo se comunica com o que denominamos de “os três lados da criação”, o lado espiritual, o lado natural e o lado divino. Elementos e símbolos atuam em conjunto facilitando o alcance do fim pretendido.



## REGULARIDADE DAS OFERENDAS

Tão importante quanto a fé e o ritual a ser seguido é a regularidade das oferendas. Infelizmente, vemos nossos irmãos umbandistas oferendarem de forma esporádica. Comumente para pedir algo ou para agradecer o que nos foi concedido. Contudo, oferendar os Orixás e as entidades que nos acompanham de forma regular traz firmeza na incorporação, boa comunicação mediúnica, fluidez na vida profissional, religiosa, familiar e afetiva dentre outros benefícios óbvios. A ausência de oferenda regular causa o distanciamento mediúnico para com as entidades, acúmulo de energias negativas provocando mal-estar sem justo motivo etc. O conceito é simples. Acompanhe conosco, irmão umbandista. Quando realizamos a oferenda recebemos, quase de imediato, os benefícios desta. Diante desta melhora momentânea, seguimos nossas vidas. Quando algo de ruim acontece ou nos damos conta da baixa fluidez de energia, corremos novamente para as matas ou para as cachoeiras realizar oferendas. O ciclo vicioso se estabelece. Se a oferenda se tornar um hábito, não precisaremos correr para nenhum lado. Estaremos sempre descarregados, desmagiados, protegidos, energizados, agradecidos e fortes para atender a quem nos procura.

Muitas vezes damos aos Orixás a culpa por nossos problemas alegando alguma forma de cobrança não paga. Talvez estejamos diante não de uma cobrança, mas de uma reação natural da ausência dos cumprimentos obrigacionais de oferta do ritual umbandista. Não são os Orixás que estão cobrando atenção, como é comum dizer. Os Orixás estão em seus lugares na criação como sempre estiveram e estarão. Continuam divindades irradiantes e



absorvedoras. É o próprio umbandista que não procedeu com suas mínimas obrigações ritualísticas.

O leitor deve estar indagando; “Então, o melhor é não ser umbandista. Fico livre e não tenho estes problemas”. O umbandista que encara sua religião e seus rituais com este tipo de pensamento não serve para ser umbandista.

## O PADÊ

A oferenda ritual para Exu é o Padê ou Apadê.<sup>17</sup> O dicionário online de português Michaelis<sup>18</sup> dá os seguintes significados:

**Padê** - pa.dê

*sm (ioruba padê)* **1** Cerimônia em honra a Exu, e que antecede as festas do candomblé. **2 Reg** (Bahia) *Folc* Homenagem a Exu, antes de qualquer cerimônia do candomblé, para que ele não estrague a festa. *P. de exu*: desjejum que se oferece ao Exu, antes do início das cerimônias nos candomblés; é constituído de pipoca com azeite de dendê, seu alimento preferido (*grifo nosso*).

A tradução literal de padê é perto. A tradução literal de Ipade (ver nota de rodapé) é reunião. De qualquer modo, quando falamos em padê estamos nos referindo a uma farofa constituída basicamente de farinha de mandioca e azeite de dendê. Estes são os ingredientes básicos do padê, já que a introdução

---

<sup>17</sup> Nos cultos de candomblé, a cerimônia realizada antes do culto em si é chamada de Ipade. Nesta cerimônia específica do candomblé, o Babalorixá ou Yalorixá, fica no centro do barracão cantando e louvando Exu enquanto que, uma pessoa designada, pega o Padê e sai para oferecer Exu fora do barracão. Após a entrega, esta pessoa leva uma quartinha de água e um copo de cachaça e entrega também a Exu.

<sup>18</sup> Acesso em 14/01/2015. [http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/definicao/pade%20\\_1014306.html](http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/definicao/pade%20_1014306.html)



de outros elementos como cebola roxa, ovos cozidos, bife, substituição do dendê por mel, adição de sal e outras fórmulas rituais para a constituição do padê varia de terreiro para terreiro e de acordo com suas especificidades. Por exemplo, na definição do dicionário acima, o padê contém pipoca.

A farofa é o elemento ligado à raiz da planta, que está dentro da terra. O dendê é sangue vegetal portador de energia, de axé.

### EXPLICAÇÕES A SEREM DADAS ANTES DOS EXEMPLOS DE OFERENDAS E SEUS PREPAROS

Está no imaginário popular que nossos irmãos candomblecistas possuem mais fundamentos do que nós, umbandistas. Até mesmo entre alguns irmãos este fato é tido como verdadeiro. O conceito de superioridade do candomblé sobre a umbanda não é real. A Umbanda possui grande conteúdo doutrinário de diversas escolas.

Por exemplo, somente o autor Rubens Saraceni possui mais de 80 livros já publicados e mais outros em seu arquivo pessoal. Ademir Barbosa Junior já publicou mais de 15 livros sobre nossa religião. Temos Alexandre Cumino, Pai Ronaldo Linares, Diamantino Trindade, Rivas Neto, Roberto Peixoto dentre muitos outros. Há muita doutrina disponível e há inúmeros sacerdotes competentes para transmitir estes ensinamentos, cada um a seu modo. Todos estes livros são ensinamentos das entidades. Consideramos equivocada a afirmação de que os grandes escritores de nossa religião estão mais voltados aos livros do que às palavras dos guias, dos Orixás e das entidades. Entendemos que os livros são e continuarão sendo a própria palavra escrita destas



entidades. Quando citamos um autor sacerdote não citamos apenas o seu nome. Citamos também a sua linhagem espiritual. A sua raiz. O sistema jurídico mundial, obviamente, não reconhece a existência de entidades espirituais para que sejam considerados cidadãos e assim, deter as condições necessárias para figurar frente às propriedades intelectuais produzidas. Hoje, o detentor dos direitos e obrigações destes livros são seus médiuns, verdadeiros procuradores das entidades.

Sobre o preparo. Ao falarmos do preparo de uma oferenda estamos nos relacionando com “comida de santo”, com os alimentos sagrados. Seu preparo deve obedecer as regras de respeito, seriedade, concentração e fé. Preparar uma oferenda é um ritual de Umbanda. A cozinha, portanto, sendo dentro da residência do sacerdote ou à parte dentro do próprio terreiro, no momento do preparo das oferendas, transforma-se no próprio chão do terreiro. A cozinha, quando usada para o preparo da comida ritualística é local sagrado! Não é lugar para conversa, não é local para distrações. O umbandista responsável pelo manejo da comida deve estar autorizado pelas entidades guias chefes do terreiro a executar tal tarefa, já que as responsabilidades pelas consequências das ações de uma casa de Umbanda recaem sobre os ombros destes guias, que cobram de seus dirigentes a correção dos erros cometidos. Mesmo que o próprio sacerdote seja o responsável, é recomendável que tenha autorização. Fica a critério das entidades guias chefes do terreiro a necessidade de consagrar “as mãos espirituais” do(s) cozinheiro(s) de axé. Como diz o ponto cantado: “Na comida de santo ninguém põe a mão. Ela é sagrada, meu Pai,



abençoada"! Deve o umbandista estar de branco e com seus preceitos cumpridos.

### EXEMPLO DE PADÊ

**ELEMENTOS:** farinha de mandioca crua, azeite de dendê, sal e folha de mamona.

**PREPARO:** misturar a farinha de mandioca crua com o azeite de dendê e uma pitada de sal em um alguidar (pode ser pequeno – o tamanho do alguidar não é indicativo do tamanho da fé do umbandista) e com suas próprias mãos, mantendo uma postura religiosa de respeito, humildade, diligência e fé perante os poderes de Exu. Ao atingir uma mistura consistente, colocar o alguidar em cima da folha de mamona e oferecer à Exu.

### EXEMPLO DE FIRMEZA<sup>19</sup> PARA EXU

#### ELEMENTOS:

01 pacote de farinha de milho amarela

01 vidro de azeite de dendê

01 cebola grande

01 bife

---

<sup>19</sup> O conceito de firmeza e assentamento encontra-se no texto “Tronqueira, firmezas e assentamentos” disposto dentro do material deste curso Mistérios de Exu.



01 charuto

01 caixa de fósforos

01 garrafa de aguardente

07 pimentas vermelhas

03 velas pretas

01 vela branca

### **PREPARO:**

Faça o padê, ou seja, em um alguidar coloque a farinha de milho e um pouco de dendê, com as mãos faça uma farofa bem fofa e consistente sempre com pensamento religioso firme (atento) e respeitoso.

Corte a cebola em rodela e refogue ligeiramente no dendê. Faça o mesmo com o bife. Cubra o padê com as rodela de cebola e no centro coloque o bife, “enfeite” (circule) com as sete pimentas. Ofereça a Exu incluindo os charutos, a água ardente e as velas. Lembre-se do que dissemos anteriormente. Os elementos devem formar símbolos geométricos.

Com esse mesmo preparo pode-se oferecer Exu em seu ponto de força ou na tronqueira.

Por fim, quando oferecermos a nossa Esquerda (Exu, Pombagira, Exu Mirim, Pombagira Mirim) é aconselhável forrar o solo com um pano vermelho, um pano preto ou os dois. Essa prática se faz para limitar o acesso de outros Exus e Pombagiras à oferenda destinada aos oferendados. O tecido formará



um “campo de força” pelo qual somente as entidades ou Orixás oferendados terão acesso. Certamente, dê esta determinação no momento em que estiver oferendendo e muito cuidado com a segurança. Esteja atento a possíveis incêndios por conta das velas e dos tecidos.

### EXEMPLO DE ORAÇÃO AO ORIXÁ EXU PARA SUA OFERENDA

Exu Orixá, estamos aqui hoje reunidos para louvá-lo e oferendá-lo. Pedimos, neste momento, que vós se manifeste espiritualmente e traga todos os nossos Exus e Pombagiras para nos dar firmeza e proteção, desencante todas as energias negativas nestas quatro paredes e, as que estiverem impregnadas em nossa aura espiritual, pedimos que abra os caminhos espirituais e vá até os nossos sagrados Orixás levar a nossa mensagem de pedidos de bênção, agradecimento e submissão às suas sagradas forças, peça-lhes que nos enviem suas irradiações divinas imantando nosso terreiro, purificando todos os médiuns, para que haja firmeza nestes trabalhos.

Orixá Exu, pedimos também que, com suas forças, prepare neste terreiro tanto no campo espiritual quanto no material, para que, com a permissão de Oxalá, os caboclos e caboclas possam se fazer presentes preparando seus cavalos para receberem as bênçãos de seus Orixás.

Orixá Exu, agradecemos a sua presença e pedimos humildemente que aceite nossa oferenda.



Laroyê, Exu. Exu é mojuba. Bater palmas três vezes (bater paô)<sup>20</sup>.

Laroyê, Exu. Exu é mojuba. Bater palmas três vezes.

Laroyê, Exu. Exu é mojuba. Bater palmas três vezes.

### EXEMPLOS DE OFERENDAS PARA EXU DE TRABALHO

**Exu Quebra Ossos** (pedindo cura para doenças nos ossos e corte de demandas)

3 ossos grandes de boi

1 alguidar ou 1 gamela

1 garrafa de pinga

1 charuto

1 caixa de fósforo

7 velas pretas

**PROCEDIMENTO:** Dirigir-se ao fundo do cemitério, colocar os ossos no alguidar ou gamela de modo que eles fiquem cada um com uma ponta para fora do recipiente, enfeitar com rodela de tomate e cebola, acender em volta as 7 velas formando um círculo (princípio da forma geométrica), abrir a garrafa, fazer um círculo com pinga por fora das velas e assentá-la dentro do círculo, acender o charuto, dar três baforadas para cima fazendo os pedidos, assentar o charuto em cima da caixa de fósforos dentro do círculo.

---

<sup>20</sup> Paô ou paó significa palmas na língua ioruba. Em nossa Umbanda representa e abre os portais para interação dos três estados da criação, espiritual, natural e divino. O som é propagador de axé, de energia. Bater palmas, tocar atabaque e cantar são poderosas emissões energéticas.



### Exu Tranca Ruas (para abrir caminhos)

1 alguidar

1 garrafa de whisky

7 velas (3 pretas, 3 vermelhas e 1 branca)

1 padê (utilizar dendê)

1 bife

7 cadeados pequenos

Ir a uma encruza, arrume no alguidar o padê, o bife no centro e em volta os 7 cadeados abertos. Ofereça as velas e a garrada de whisky e faça seus pedidos.

### Exu (.....) – serve como exemplo geral

1 alguidar

1 garrafa de pinga

7 velas (3 pretas, 3 vermelhas e 1 branca)

1 bife cru grande

1 charuto

1 caixa de fósforo

dendê



7 pimentas dedo de moça

Ir a um ponto de força, coloque o bife dentro do alguidar, regue com dendê, “enfeitar” o alguidar com as pimentas, acender as velas em círculo, circular a pinga por fora das velas, assentar dentro do círculo, acender o charuto, dar três baforadas para cima e ofereça ao seu Exu.

### **ELEMENTOS PARA OFERENDA AO ORIXÁ EXU**

Toalhas ou panos preto e vermelho

Velas preta e vermelha

Fitas preta e vermelha

Linhas preta e vermelha

Pemba preta e vermelha

Flores (cravos vermelhos)

Frutas (manga, mamão, limão)

Bebidas (aguardente de cana-de-açúcar, whisky, conhaque)

Comidas (farofa com carne bovina ou com miúdos de frango, bifés de carne ou de fígado bovino fritos em azeite de dendê e com cebolas, bifés de carne ou fígado bovino temperado com azeite de dendê e pimenta ardida)



### TRONQUEIRA

Nos terreiros de Umbanda há um local em separado e exclusivo para a instalação e manutenção dos poderes do Orixá Exu e a toda Linha da Esquerda<sup>22</sup>. Este local é chamado de tronqueira ou casa de Exu. A partir deste ponto, chamaremos de tronqueira.

A tronqueira é o universo sagrado em separado e exclusivo de Exu e suas hierarquias. Independentemente do local em que a tronqueira se encontra, esta, será sempre o reinado exclusivo de Exu. É importante fazermos uma pausa reflexiva neste ponto.

Há terreiros que não possuem quintal. Há apartamentos que não possuem sacadas. Será que estas pessoas e estes terreiros estão proibidos pela Lei Divina de possuírem uma tronqueira? Acreditamos que não. A Lei de Olorum é justa, é equilibrada. O “lado de fora” é um conceito filosófico religioso que está em plena transformação e adaptação às mudanças trazidas pelo novo mundo. Em uma sociedade plenamente rural, o “lado de fora” estava claro e delimitado. Era para fora do barracão, mas ainda dentro dos limites da propriedade rural. Assim, Exu ficava e ainda fica, ao mesmo tempo, do lado de fora e do lado de dentro. Fica fora do chão em que pisam os demais Orixás e entidades e dentro dos domínios daquele grupo religioso (dentro da

---

<sup>21</sup> Sacerdote de Umbanda do Templo Sete Montanhas do Brasil. Advogado. Bacharel em Direito pela Unisantia. Pós-graduado em Direito e Processo do Trabalho pela ESA.

<sup>22</sup> Termo comum no meio umbandista que designa um grupo de entidades e divindades, a saber: Orixá Exu, Orixá Pombagira (Umbanda Sagrada), Orixá Exu Mirim (Umbanda Sagrada), Exus, Pombagiras, Exus Mirins e Pombagiras Mirins.



propriedade rural). Com o advento das cidades e a diminuição dos espaços destinados à ocupação do ser humano, o “lado de fora” de Exu precisou ser reformulado. Apartamentos minúsculos e até mesmo galpões não tem o seu “lado de fora”. Este lugar está todo debaixo do mesmo teto e dentro da mesma estrutura de construção. O “lado de fora” passou a ser reformulado e novas soluções foram encontradas pelos sacerdotes de Umbanda em comunhão com as entidades guias chefe dos terreiros. Assim, encontraremos tronqueiras em sacadas, debaixo de churrasqueiras, nos cavaletes de água, atrás dos congás, ao lado dos congás etc. Cada sacerdote é conhecedor de suas limitações e, com a ajuda dos guias chefes do terreiro, devem encontrar o melhor meio para a definição e construção de sua tronqueira.

Contudo, mesmo que este conceito esteja se transformando, a tronqueira estará sempre isolada do local de trabalho ritualístico por algum tipo de barreira (divisórias, paredes, blocos, armários). Isto é correto? Melhor do que discutir o correto ou o incorreto, que são questões relativas, é saber que isto é necessário. Vemos que estas tronqueiras nunca são construídas sem cuidado e sem o prévio planejamento. Os sacerdotes não edificam suas tronqueiras de qualquer modo ou com displicência. Executam esta tarefa primordial ao andamento ritualístico com muito esmero e preocupação. Temos certeza que, todos os sacerdotes que precisaram reinventar seus conceitos de fora e dentro gostariam logicamente de possuir um local ao ar livre, amplo o suficiente para incluir assentamentos, firmezas, oferendas e caminhar por entre estes elementos, gostariam que fosse do lado de fora do terreiro e de preferência ao lado esquerdo de quem entra. Não é uma questão de rebeldia,



falta de tradição ou respeito. Trata-se da necessidade de prosseguir com a vida da forma como esta é apresentada a nós. Adaptação e sobrevivência, como diria Darwin. A espécie que sobrevive é aquela melhor adaptada às mudanças que o meio ambiente produz.

## COMPOSIÇÃO DE UMA TRONQUEIRA

Temos dois tipos básicos de tronqueiras. A do médium e a do pai de santo (sacerdote)/mãe de santo (sacerdotisa).

A tronqueira de um pai de santo deve conter, no mínimo, o assentamento de Exu mais as firmezas de seu Exu de Trabalho, de sua Pombagira e do Exu Mirim. Certamente o mesmo é válido para as mães de santo (sacerdotisas).

## ASSENTAMENTO E FIRMEZA

O que são firmezas e o que são assentamentos?

Podemos dizer que as forças provêm do espírito, já os poderes provêm das divindades. O poder é permanente é só necessita de Olorum para existir. A força é transitória e depende do poder para existir. A força é o poder absorvido e retransmitido<sup>23</sup>. “A divindade é o poder e o espírito é a força”.

O assentamento é algo abrangente e envolve todo um poder e seus mistérios.

---

<sup>23</sup> SARACENI, Rubens. Rituais Umbandistas: oferendas, firmezas e assentamentos. São Paulo: Madras, 2013, p.79s.



Uma firmeza é algo limitado e concentra-se em uma entidade, seja ela divina, natural ou espiritual.

O assentamento é tão abrangente que é capaz de dar sustentação a todo o terreiro.

A firmeza abrange um Orixá, um ser da natureza ou um espírito.

As forças e os poderes de um terreiro provêm das entidades, dos guias e dos Orixás desta casa, contudo são seus assentamentos e suas firmezas que estabelecem ancoragem energética para a execução de um trabalho espiritual. É por meio destes fundamentos que atuam as forças e os poderes amparadores, sustentadores e defensores do terreiro umbandista. Sem firmezas e assentamentos não há como sustentar uma casa de Umbanda, seus médiuns e sua consulência. O fluxo de energia é constante, diverso e exigente. As entidades utilizam as firmezas e os assentamentos para equilibrar este fluxo energético (positivo e negativo) extraindo dali os meios necessários para executarem seus trabalhos caritativos.

O que podemos assentar? Podemos assentar tanto entidades ou guias espirituais quanto Orixás.

Assentam-se tanto forças quanto poderes. Os assentamentos criam vórtices de ação e as firmezas de outros guias e Orixás dotam-no de um maior poder de realização.

Normalmente se assentam o guia-chefe e o Orixá regente da coroa espiritual do dirigente e também seu o Exu Guardiã e/ou sua Pombagira Guardiã.



Assentamentos só devem ser edificados quando existe um terreiro no local. Os médiuns de uma corrente mediúnica não precisam de assentamento de Exu.

O assentamento deve ser iluminado permanentemente. A firmeza pode ser iluminada periodicamente. A firmeza é uma simplificação do assentamento.

É mais comum firmar as entidades mais ligadas à casa ou ao médium.

## Kimbanda e Quimbanda

Por Edmundo Pellizari

Kimbanda significa algo como “curandeiro” em kimbundu, um idioma bantu falado em Angola. O kimbanda é uma espécie de xamã africano.

O ofício do kimbanda é chamado de “umbanda”...

Todos já ouvimos essa palavra por aqui.

Quimbanda é um culto afro-brasileiro com forte influência bantu e muito influenciado pela magia negra europeia.

Kimbanda e Quimbanda se confundem, mas são cultos distintos e com objetivos diferentes.

O kimbandeiro é um membro ativo de sua comunidade, um doutor dos pobres e intérprete dos espíritos da Natureza. Ético, ele sempre trabalha para o bem, a paz e a harmonia.



O quimbandeiro é um feiticeiro. Normalmente vive afastado, não se envolve socialmente. Na África, o kimbandeiro faz a ponte entre os Makungu (ancestrais divinizados), os Minkizes (espíritos sagrados da Natureza) e os seres humanos.

Ele entra em transe profundo, incorpora os seres invisíveis que consultam os necessitados e os aconselham na resolução dos problemas. Os espíritos no corpo do kimbanda falam, fumam e bebem.

Como autêntico xamã, ele sabe que a mata é um ser vivo que respira, come e sente. Ela é densamente habitada por diversos tipos de entidades, que transmitem seu conhecimento aos sacerdotes eleitos.

Alguns destes seres se parecem a “duendes”. Eles tem uma perna só, um olhos só ou falta algum braço. Moram dentro da mata e podem cruzar o caminho de algum caçador. Um Ponto Cantado para os exus na Umbanda, diz:

*“Eu fui no mato,*

*oh ganga!*

*Cortar cipó,*

*oh ganga!*

*Eu vi um bicho,*

*oh ganga!*

*De um olho só,*

*oh ganga!”*

Ganga vem de Nganga, um dos nomes pelo qual o kimbanda é conhecido.

Nosso querido Saci Pererê é um deles.



Ele usa o filá (gorro) vermelho dos kimbandas, o cachimbo dos pretos velhos e o tabaco dos caboclos!

O quimbandeiro centra seu trabalho na figura de Exu, que é um Orixá yoruba e não um Nkizi bantu.

A entidade que se assemelha a Exu entre os bantu é chamada de Aluvaiá, Nkuvu-Unana, Jini, Chiruwi, Mangabagabana e Kitunusi dependendo do dialeto e da região.

Aluvaiá pode ser “homem” ou “mulher” e sua energia permeia tudo e todas as coisas. Ele se adapta muito bem à noção umbandista de exu (entidade masculina) e pomba gira (entidade feminina).

O quimbandeiro também invoca e incorpora as entidades associadas ao culto do magnífico Orixá Exu, os exus e pombas giras. Pode haver sincretismo com nomes como Lúcifer, Asmodeus, Behemoth, Belzebu e Astaroth da Cultura Européia.

A visão das entidades também pode mudar... O kimbandeiro invoca as almas dos antigos Tatas (pais espirituais ou sacerdotes curandeiros) e Yayas (mães espirituais ou sacerdotisas curandeiras).

Estas almas transcenderam o limite da materialidade e da ignorância.

Elas possuem bondade, conhecimento e luminosidade. Algumas não precisam mais encarnar, pois, já evoluíram o suficiente neste mundo.

O quimbandeiro invoca almas de entidades que em vida foram feiticeiros, malandros, mercadores, homens ou mulheres comuns, etc...



Na África o sangue é um elemento sacrificial. O kimbandeiro oferece um animal a uma entidade, prepara a carne e entrega a primeira porção ao espírito. O resto do animal, que se tornou agora alimento, é compartilhado com a comunidade e isto acontece em data festiva.

O quimbandeiro, não está interessado em “sacrificar” (tornar sagrado), ele está preocupado com os poderes mágicos do sangue, vísceras e couro do animal. Portanto, teologicamente falando, ele não sacrifica.

As imagens utilizadas no culto do kimbandeiro são feitas de pedra, madeira e barro. Os artesãos procuram modelar as entidades da Natureza de forma natural e simples. A imagem é consagrada cerimonialmente e uma porção do espírito da entidade passa a habitar a efígie.

Na Quimbanda, na maioria das vezes, são utilizadas imagens de gesso que representam os espíritos aliados. Comumente estas imagens tem aspecto avermelhado, podendo ter chifres ou não.

O kimbandeiro é um agente social. Ele depende da comunidade e a comunidade depende dele. Quando aceita um pagamento para seu trabalho, ele retira do mesmo a sua sustentabilidade. Todo mundo sabe e pactua com isso. Não existe abuso. Trocas de mercadorias e favores podem substituir o dinheiro como pagamento. As pessoas empobrecidas são atendidas sem nada precisar dar em troca.

As vestes do xamã bantu são normais e naturais. Quando está trabalhando usa filá, guias de sementes, cinturão com amuletos e roupas sóbrias. Três são os pilares do kimbandeiro: amor, honra e caridade.



O universo da Kimbanda é composto por três mundos que se interpenetram:

- o mundo celeste onde moram os espíritos celestiais e originais (alguns Minkizis e ancestrais divinizados),
- o mundo natural habitado pelos homens e pelos espíritos da natureza (elementais)
- e o mundo subterrâneo da morte e dos ancestrais.

O médium na Kimbanda é um canal entre os espíritos e os que precisam dos espíritos. Ele é um instrumento mágico, um servidor da humanidade que pratica um transe profundo, pois, somente adormecendo o ego o divino pode fluir.

Os espíritos utilizam o médium com gentileza e cuidado, sem esgotar suas reservas de energia psíquica.

A Umbanda, certamente, bebeu das águas tradicionais da Kimbanda.

Os negros bantus trouxeram sua herança espiritual, legítima, luminosa, ecológica e antiquíssima. Oramos para que as antigas almas dos Tatas e Yayas nos ajudem a separar o trigo do joio.

Nzambi primeiro!

Nsala Malekun!

## ERVAS DE EXU

**Amendoeira:** Seus galhos são usados nos locais em que o homem exerce suas atividades lucrativas. Na medicina caseira, seus frutos são comestíveis, porém



em grande quantidades causam diarreia de sangue. Das sementes fabrica-se o óleo de amêndoas, muito usado para fazer sabonetes por ter efeitos emolientes, além de amaciar a pele.

**Amoreira:** Planta que armazena fluidos negativos e os solta ao entardecer; é usada pelos sacerdotes no culto a Eguns. Na medicina caseira, é usada para debelar as inflamações da boca e garganta.

**Angelim-amargoso:** Muito usado em marcenaria, por tratar-se de madeira de lei. Nos rituais, suas folhas e flores são utilizadas nos abô dos filhos de Nanã, e as cascas são utilizadas em banhos fortes com a finalidade de destruir os fluidos negativos que possam haver, realizando um excelente descarrego nos filhos de Exu. A medicina caseira indica o pó de suas sementes contra vermes. Mas cuidado! Deve ser usada em doses pequenas.

**Aroeira:** Nos terreiros de Candomblé este vegetal pertence a Exu e tem aplicação nas obrigações de cabeça, nos sacudimentos, nos banhos fortes de descarrego e nas purificações de pedras. É usada como adstringente na medicina caseira, apressa a cura de feridas e úlceras, e resolve casos de inflamações do aparelho genital. Também é de grande eficácia nas lavagens genitais.

**Arrebenta Cavalo :** No uso ritualístico esta erva é empregada em banhos fortes do pescoço para baixo, em hora aberta. É também usado em magias para atrair simpatia. Não é usada na medicina caseira.



**Arruda:** Planta aromática usada nos rituais porque Exu a indica contra maus fluidos e olho-grande. Suas folhas miúdas são aplicadas nos ebori, banhos de limpeza ou descarrego, o que é fácil de perceber, pois se o ambiente estiver realmente carregado a arruda morre. Ela é também usada como amuleto para proteger do mau-olhado. Seu uso restringe-se à Umbanda. Em seu uso caseiro é aplicada contra a verminose e reumatismos, além de seu sumo curar feridas.

**Avelós – Figueira-do-diabo:** Seu uso se restringe a purificação das pedras do orixá antes de serem levadas ao assentamento; é usada socada. A medicina caseira indica esta erva para combater úlceras e resolver tumores.

**Azevinho:** Muito utilizada na magia branca ou negra, ela é empregada nos pactos com entidades. Não é usada na medicina popular.

**Bardana:** Aplicada nos banhos fortes, para livrar o sacerdote das ondas negativas e eguns. O povo utiliza sua raiz cozida no tratamento de sarnas, tumores e doenças venéreas.

**Beladona :** Nas cerimônias litúrgicas só tem emprego nos sacudimentos domiciliares ou de locais onde o homem exerça atividades lucrativas. Trabalhos feitos com os galhos desta planta também provocam grande poder de atração. Pouco usada pelo povo devido ao alto princípio ativo que nela existe. Este princípio dilata a pupila e diminui as secreções sudorais, salivares, pancreáticas e lácteas.

**Beldroega:** Usada na purificação das pedras de Exu. O povo utiliza suas folhas, socadas, para apressar cicatrizações de feridas.



**Brinco-de-princesa:** É planta sagrada de Exu. Seu uso se restringe a banhos fortes para proteger os filhos deste orixá. Não possui uso popular.

**Cabeça-de-nego:** No ritual a rama é empregada nos banhos de limpeza e o bulbo nos banhos fortes de descarrego. Esta batata combate reumatismo, menstruações difíceis, flores brancas e inflamações vaginais e uterinas.

**Cajueiro:** Suas folhas são utilizadas pelo axogun para o sacrifício ritual de animais quadrúpedes. Em seu uso caseiro, ele combate corrimentos e flores brancas. Põe fim a diabetes. Cozinhar as cascas em um litro e meio de água por cinco minutos e depois fazer gargarejos, põe fim ao mau hálito.

**Cana-de-açúcar:** Suas folhas secas e bagaços são usadas em defumações para purificar o ambiente antes dos trabalhos ritualísticos, pois essa defumação destrói eguns. Não possui uso na medicina caseira.

**Cardo-santo:** Essa planta afugenta os males, propicia o aparecimento do perdido e faz cair os vermes do corpo dos animais. Na medicina caseira suas folhas são empregadas em oftalmias crônicas, enquanto as raízes e hastes são empregadas contra inflamações da bexiga.

**Catingueira:** É muito empregada nos banhos de descarrego. Seu sumo serve para fazer a purificação das pedras. Entretanto, não deve fazer parte do axé de Exu onde se depositam pequenos pedaços dos axé das aves ou bichos de quatro patas. Na medicina caseira ela é indicada para menstruações difíceis.

**Cebola-cencém:** Essa cebola é de Exu e nos rituais seu bulbo é usado para os sacudimentos domiciliares. É empregada da seguinte maneira : corta-se a



cebola em pedaços miúdos e, sob os cânticos de Exu, espalha-se pelos cantos dos cômodos e embaixo dos móveis; a seguir, entoe o canto de Ogum e despache para Exu. Este trabalho auxilia na descoberta de falsidades e objetos perdidos. O povo utiliza suas folhas cozidas como emoliente.

**Cunanã:** Seu uso restringe-se aos banhos de descarrego e limpeza. Substituiu em parte, os sacrifícios a Exu. A medicina caseira indica os galhos novos desta planta para curar úlceras.

**Erva-preá:** Empregada nos banhos de limpeza, descarrego, sacudimentos pessoais e domiciliares. O povo usa o chá desta erva como aromatizante e excitante. Banhos quentes deste chá melhoram as dores nas articulações, causadas pelo artritismo.

**Facheiro-Preto:** Aplicada somente nos banhos fortes de limpeza e descarrego. Na medicina caseira, ela é utilizada nas afecções renais e nas diarreias.

**Fedegoso Crista-de-galo:** Esta erva é utilizada em banhos fortes, de descarrego, pois é eficaz na destruição de Eguns e causadores de enfermidades e doenças. Seus galhos envolvem os ebó de defesa. Com flores e sementes desta planta é feito um pó, o qual é aplicado sobre as pessoas e em locais; é denominado “o pó que faz bem”. Na medicina caseira atua com excelente regulador feminino. Além de agir com grande eficácia sobre erisipelas e males do fígado. É usada pelo povo, fazendo o chá com toda erva e bebendo a cada duas horas uma xícara.



**Fedegoso:** Misturada a outras ervas pertencentes a Exu, o fedegoso realiza os sacudimentos domiciliares. É de grande utilidade para limpar o solo onde foram riscados os pontos de Exu e locais de despacho pertencentes ao deus da liberdade.

**Figo Benjamim:** Erva usada na purificação de pedras ou ferramentas e na preparação do fetiche de Exu. É empregada também em banhos fortes nas pessoas obsediadas. No uso popular, suas folhas são cozidas para tratar feridas rebeldes e debelar o reumatismo.

**Figo do Inferno:** Somente as folhas pertencentes a este vegetal são de Exu. Na liturgia, ela é o ponto de concentração de Exu. Não possui uso na medicina popular.

**Folha da Fortuna:** É empregada em todas as obrigações de cabeça, em banhos de limpeza ou descarrego e nos abôs de quaisquer filhos-de-santo. Na medicina caseira é consagrada por sua eficácia, curando cortes, acelerando a cura nas cicatrizações, contusões e escoriações, usando as folhas socadas sobre os ferimentos. O suco desta erva, puro ou misturado ao leite, ameniza as conseqüências de tombos e quedas.

**Juá – Juazeiro:** É usada para complementar banhos fortes e raramente está incluída nos banhos de limpeza e descarrego. Seus galhos são usados para cobrir o ebó de defesa. A medicina caseira a indica nas doenças do peito, nos ferimentos e contusões, aplicando as cascas, por natureza, amargas.



**Jurema Preta:** Tanto na Umbanda quanto no Candomblé, a Jurema Preta é usada nos banhos de descarrego e nos ebó de defesa. O povo a indica no combate a úlceras e cancrios, usando o chá das cascas.

**Jurubeba:** Utilizada em banhos preparatórios de filhos recolhidos ao ariaxé. Na medicina caseira, o chá de suas folhas e frutos propiciam um melhor funcionamento do baço e fígado. É poderoso desobstruente e tônico, além de prevenir e debelar hepatites. Banhos de assentos mornos com essa erva propiciam melhores às articulações das pernas.

**Lanterna Chinesa:** Utilizada em banhos fortes para descarregar os filhos atacados por eguns. Suas flores enfeitam a casa de Exu. Popularmente, é usada como adstringente e a infusão das flores é indicada para inflamação dos olhos.

**Laranjeira do Mato:** Seu uso se restringe a banhos fortes, de limpeza e descarrego. Na medicina caseira ela atua com grande eficácia sobre as cólicas abdominais e também menstruais.

**Mamão Bravo:** Planta utilizada nos banhos de limpeza, descarrego e nos banhos fortes. Além de ser muito empregada nos ebó de defesa, sendo substituída de três em três dias, porque o orixá exige que a erva esteja sempre nova. O povo a utiliza para curar feridas.

**Maminha de Porca:** Somente seus galhos são usados no ritual e em sacudimentos domiciliares. O povo a indica como restaurador orgânico e tonificador do organismo. Sua casca cozida tem grande eficácia sobre as mordeduras de cobra.



**Mamona:** Suas folhas servem como recipiente para arriar o ebó de Exu. Suas sementes socadas vão servir para purificar o otá de Exu. Não tem uso na medicina popular.

**Mangue Cebola:** No ritual, a cebola é usada nos sacudimentos domiciliares. Corte a cebola em pedaços miúdos e, entoando em voz alta o canto de Exu, a espalhe pela casa, nos cantos e sob os móveis. Na medicina caseira, a cebola do mangue esmagada cura feridas rebeldes.

**Mangueira:** É aplicada nos banhos fortes e nas obrigações de ori, misturada com aroeira, pinhão-roxo, cajueiro e vassourinha-de-relógio, do pescoço para baixo. Ao terminar, vista uma roupa limpa. As folhas servem para cobrir o terreiro em dias de abaçá. Na medicina caseira é indicada para debelar diarreias rebeldes e asma. O cozimento das folhas, em lavagens vaginais, põe fim ao corrimento.

**Manjerioba:** Utilizada nos banhos fortes, nos descarregos, nas limpezas pessoais e domiciliares e nos sacudimentos pessoais, sempre do pescoço para baixo. O povo a indica como regulador menstrual, beneficiando os órgãos genitais. Utiliza-se o chá em cozimento.

**Maria Mole:** Aplicada nos banhos de limpeza e descarrego, muito procurada para sacudimentos domiciliares. O povo a indica em cozimento nas dispepsias e como excelente adstringente.

**Mata Cabras:** Muito utilizado para afugentar eguns e destruir larvas astrais. As pessoas que a usam não devem tocá-la sem cobrir as mãos com pano ou papel,



para depois despachá-la na encruzilhada. O povo indica o cozimento de suas folhas e caules para tirar dores dos pés e pernas, com banho morno.

**Mata Pasto:** Seus galhos são muito utilizados nos banhos de limpeza, descarrego, nos sacudimentos pessoais e domiciliares. O povo a indica contra febres malignas e incômodos digestivos.

**Mussambê de Cinco Folhas:** Obs.: Sejam eles de sete, cinco, ou três folhas, todos possuem o mesmo efeito, tanto nos trabalhos rituais, quanto na medicina caseira. Esta erva é utilizada por seus efeitos positivos e por serem bem aceitas por Exu no ritual de boas vindas. Na medicina caseira é excelente para curar feridas.

**Ora-pro-nobis:** É erva integrante do banho forte. Usada nos banhos de descarrego e limpeza. É destruidora de eguns e larvas negativas, além de entrar nos assentamentos dos mensageiros Exus. No uso caseiro, suas folhas atuam como emolientes.

**Palmeira Africana:** Suas folhas são aplicadas nos banhos de descarrego ou de limpeza. Não possui uso na medicina caseira.

**Pau D'algo:** Os galhos dessa erva são utilizados nos sacudimentos domiciliares e em banhos fortes, feitos nas encruzilhadas, misturadas com aroeira, pinhão branco ou roxo. Na encruzilhada em que tomar o banho, arrie um mi-ami-ami, oferecido a Exu, de preferência em uma encruzilhada tranqüila. Na medicina caseira ela é usada para exterminar abscessos e tumores. Usa-se socando bem



as folhas e colocando-as sobre os tumores. O cozimento de suas folhas, em banhos quentes e demorados, é excelente para o reumatismo e hemorróidas.

**Picão da Praia:** Não possui uso ritualístico. A medicina caseira o indica como diurético e de grande eficácia nos males da bexiga. Para isso utilize-o sob a forma de chá.

**Pimenta Darda:** “Aplicada em banhos fortes e nos assentamentos de Exu. Na medicina caseira, suas sementes em infusão são anti-helmínticas, destruindo até ameiba.

**Pinhão Branco:** Aplicada em banhos fortes misturadas com aroeira. Esta planta possui o grande valor de quebrar encantos e em algumas ocasiões substitui o sacrifício de Exu. Suas sementes são usadas pelo povo como purgativo. O leite encontrado por dentro dos galhos é de grande eficácia colocado sobre a erisipela. Porém, deve-se Ter cuidado, pois esse leite contém uma terrível nódoa que inutiliza as roupas.

**Pinhão Coral:** Erva integrante nos banhos fortes e usadas nos de limpeza e descarrego e nos ebó de defesa. Na medicina caseira o pinhão coral trata feridas rebeldes e úlceras malignas.

**Pinhão Roxo:** No ritual tem as mesmas aplicações descritas para o pinhão branco. É poderoso nos banhos de limpeza e descarrego, e também nos sacudimentos domiciliares, usando-se os galhos. Não possui uso na medicina popular.



**Pixirica – Tapixirica:** No ritual faz parte do axé de Exu e Egun. Dela se faz um excelente pó de mudança que propicia a solução de problemas. O pó feito de suas folhas é usado na magia maléfica. Na medicina caseira ela é indicada para as palpitações do coração, para a melhoria do aparelho genital feminino e nas doenças das vias urinárias.

**Quixambeira:** É aplicada em banhos de descarrego e limpeza para a destruição de eguns e ao pé desta planta são arriadas obrigações a Exu e a Egun. Na medicina caseira, com suas cascas em cozimento, atua como energético adstringente. Lavando as feridas, ela apressa a cicatrização.

**Tajujá – Tayuya:** É usada em banhos fortes, de limpeza ou descarrego. A rama do tajujá é utilizada para circundar o ebó de defesa. O povo a indica como forte purgativo.

**Tamiaranga:** É destinada aos banhos fortes, banhos de descarrego e limpeza. É usada nos ebó de defesa. O povo a indica para tratar úlceras e feridas malignas.

**Tintureira:** Utilizada nos banhos fortes, de limpeza ou descarrego. Bem próximo ao seu tronco são arriadas as obrigações destinadas a Exu. O povo utiliza o cozimento de suas folhas como um energético desinflamatório.

**Tiririca:** Esta plantinha de escasso crescimento apresenta umas pequeninas batatas aromáticas. Estas são levadas ao fogo e, em seguida, reduzida a pó, o qual funciona como pó de mudança no ritual. Serve para desocupar casas e, colocadas embaixo da língua, desodoriza o hálito e afasta eguns.



**Urtiga Branca:** É empregada nos banhos fortes, nos de descarrego e limpeza e nos ebó de defesa. Faz parte nos assentamentos. O povo a indica contra as hemorragias pulmonares e brônquicas.

**Urtiga Vermelha:** Participa em quase todas as preparações do ritual, pois entra nos banhos fortes, de descarrego e limpeza. É axé dos assentamentos de Exu e utilizada nos ebó de defesa. Esta planta socada e reduzida a pó, produz um pó benfazejo. O povo indica o cozimento das raízes e folhas em chá como diurético.

**Vassourinha de Botão:** Muito empregada nos sacudimentos pessoais e domiciliares. Não possui uso na medicina popular.

**Vassourinha de Relógio:** Ela somente participa nos sacudimentos domiciliares. Não possui uso na medicina caseira.

**Xiquexique:** Participa nos banhos fortes, de limpeza ou descarrego. São axé nos assentamentos de Exu e circundam os ebó de defesa. O povo indica esta erva para os males dos rins.

## CROWTHER E SUA LIVRE TRADUÇÃO DE EXU PARA DIABO NA BÍBLIA SAGRADA EM IORUBA

Adérito Serafim Simões França<sup>24</sup>

---

\* Sacerdote de Umbanda do Templo Sete Montanhas do Brasil. Advogado. Bacharel em Direito pela Unisanta. Pós-graduado em Direito e Processo do Trabalho pela ESA.



RESUMO: O presente artigo tem o objetivo de demonstrar ao estudante umbandista a existência de tradução livre da palavra e do conceito do Orixá Exu (Èṣù), na Bíblia Sagrada traduzida do inglês para a língua ioruba, para a palavra e para o conceito de diabo católico. A importância do tema para o estudo desta associação provém de seu tradutor, o nigeriano Samuel Ajayi Crowther, o primeiro bispo negro. Esta livre tradução solidificou dentro do clero a associação de Exu com o diabo. Utilizou-se a pesquisa bibliográfica para a construção do tema.

Palavras-chave: Samuel Ajayi Crowther. Exu. Diabo. Bíblia Sagrada. Tradução.

ABSTRACT: This article aims to demonstrate to the theology student the existence of free translation of the word and the concept of the Orisha Eshu (Èṣù), in the Holy Bible translated from English to Yoruba language, to the word and the concept of devil Catholic. The importance of the subject for the study of this association comes from his translator, Samuel Ajayi Crowther nigerian, the first black bishop. This free translation solidified within the clergy association of Exu with the devil. We used the literature to build the theme.



Keywords: Samuel Ajayi Crowther . Eshu . Devil. Holy Bible.

Translation.

## Sumário

RESUMO .....	116
Palavras-chave .....	116
INTRODUÇÃO .....	117
ANÁLISE HISTÓRIA DA VIDA DE CROWTHER .....	119
CONCLUSÃO .....	123
LISTA DE FIGURAS .....	125
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>130</b>

## INTRODUÇÃO

A palavra exu, por si só, dita entre um grupo de amigos no trabalho ou até mesmo nos programas de televisão gera rápida associação com algo ruim, seja maligno ou simplesmente não desejado. É comum encontrar uma pessoa não ligada à religião Umbanda dizer: “Sai exu! Chuta que é macumba”!



Contudo, mesmo que os adeptos da religião Umbanda e também das religiões afro-brasileiras insistam com seus interlocutores que exu não é algo maligno alguns destes religiosos não conseguem expor com exatidão porque exu possui esta forte conotação pejorativa. A explicação corriqueira é seguida de frases como: “Exu fala na cara e a verdade dói. Por isso, o povo fala que exu não presta”; “Dizem que exu é o diabo porque não conhecem a religião. Se conhecessem, não diriam isso. Exu é Guardiã”. Afirmações deste tipo não nos esclarece o motivo e, talvez, a origem de tão reforçada vinculação de exu, orixá ou entidade de trabalho, como dizem os praticantes de Umbanda, com o diabo católico. A analogia entre exu e o diabo católico possui raízes mais profundas do que imaginamos. Por conta da análise histórica do bispo anglicano Crowther revelamos que o fato também é gerado dentro da sociedade iorubana há séculos.

Uma informação muito importante aos irmãos de fé que ainda não estão cientes desta funcionalidade. O *google* tradutor<sup>27</sup> possui a língua ioruba como opção. Sim, podemos acessar o *google* tradutor, digitar uma palavra em ioruba, por exemplo, *ori*, que teremos como tradução em português: cabeça. Contudo, digitando a palavra Esù (grafia mais aproximada do ioruba)

---

<sup>27</sup> <https://translate.google.com.br/>



teremos a tradução: diabo<sup>28</sup>. Tentaremos explicar ao irmão um dos fatos fundamentais que levou e ainda leva grande parte da população a relacionar Exu com o diabo católico.

## ANÁLISE HISTÓRIA DA VIDA DE CROWTHER<sup>29</sup>

Não existe um fato isolado na história da humanidade que vincule a imagem de exu ao diabo católico. Podemos dizer que uma sucessão de acontecimentos gerou esta associação. Entretanto, um fato histórico documentado é de extrema importância para o estudo da origem associativa de exu com o diabo. Neste artigo, quando dizemos exu estamos nos referindo ao Orixá Exu, divindade mensageira e primordial junto ao grupo etnolinguístico africano de nome ioruba (PRANDI, 2001, p.20) e também nos referimos às suas demais associações em outros meios religiosos como, por exemplo, as manifestações em transe mediúnico de entidades espirituais denominadas como Linhas de Trabalho de Esquerda para algumas escolas umbandistas e de Quimbanda para outras (LINARES, 2009, p.111s), que são chamadas também pelo nome de exu. Para isto, precisamos estudar a história de um nigeriano chamado Samuel Ajayi Crowther.

---

<sup>28</sup> Pesquisa realizada em 13 de janeiro de 2015 na referida ferramenta.

<sup>29</sup> *Texts of Henry Martyn Lectures*. Acessado em 13 de janeiro de 2015.

<http://www.martynmission.cam.ac.uk/media/documents/HMC%20Lectures/1999%20Lecture%20II%20Crowther%20and%20Language%20in%20the%20Yoruba%20Mission.pdf>



Samuel Ajayi Crowther nasceu no ano de 1809 na Nigéria, povoado de Oxogun que, na época chamava-se Iorubalândia. Aos 13 anos de idade, sua cidade foi invadida por caçadores de escravos. Acredita-se que estes caçadores eram de origem Fulani e Oyos que se converteram ao islamismo, fato muito comum na África. A conversão para o catolicismo, protestantismo e islamismo é muito grande até os dias de hoje. A invasão, contou Crowther em suas memórias, foi brutal. Incendiaram casas, perseguiram os cidadãos que eram parados por meio de pancadas e conduzidas por meio de correntes presas ao pescoço. Disse ainda que, os incapazes eram mortos aumentando o desespero, tendo em vista que as famílias eram dizimadas e os vínculos perdidos. De uma hora para outra, parte de sua família e amigos eram açoitados e mortos deixando crianças sem pais para serem vendidas e utilizadas como mão-de-obra escrava do outro lado do oceano. Na época, era uma vida sem volta. Só havia sofrimento e dor.

Comercializado por seis vezes, foi entregue a um grupo de portugueses que praticavam o tráfico de escravos intercontinental. Estes traficantes colocaram seu grupo de escravos africanos dentro de seu navio negreiro e partiram rumo ao continente americano. Possivelmente, Brasil. Contudo, este navio negreiro foi interceptado pela marinha britânica em abril de 1822 e conduzido



à região de Serra Leoa, região muito distante de sua terra natal. Os africanos integrantes do grupo resgatado viram-se desorientados por aportar em região desconhecida, mesmo estando no mesmo continente. Em Serra Leoa, Crowther deu início a uma nova vida. Não por opção, mas por necessidade. Era uma questão de sobrevivência.

Passados três anos em Freetown (África), converteu-se ao cristianismo. Sobre esta experiência, escreveu: *"sobre o terceiro ano da minha libertação da escravidão do homem, eu estava convencido de outro estado pior de escravidão, ou seja, a do pecado e de Satanás. Aproveite ao Senhor abrir meu coração(...) Eu foi admitido na Igreja visível de Cristo aqui na terra como um soldado para lutar bravamente sob sua bandeira contra nossos inimigos espirituais."*

Podemos notar facilmente que Crowther enxergava-se como um religioso que tinha uma grande missão, lutar bravamente sob a bandeira do Senhor contra nossos inimigos espirituais.

Em 11 de dezembro de 1825, Ajayi foi batizado pelo Reverendo John Rahan, integrante da Sociedade Missionária Anglicana. Depois do batismo, adotou o nome Samuel Crowther em homenagem a uma grande figura desta mesma sociedade religiosa e que usava o mesmo nome. Passou alguns anos em Serra



Leoa estudando inglês e ganhou destaque entre os missionários recebendo o cargo de inspetor de alunos.

Não podemos negar que Crowther era inteligente, esforçado e dedicado à sua religião. Mesmo não estando o clero britânica em concordância com esta situação, Crowther tornou-se o primeiro bispo negro no ano de 1864. Neste mesmo ano, Crowther concluiu seu doutorado pela Universidade de Oxford.

Antes de Crowther, a língua ioruba não tinha grande importância para os ingleses. O intuito era ensinar o inglês. Contudo, tal abordagem não se mostrara tão eficaz quanto a de Crowther que, com grande esforço, catalogava e traduzia os ensinamentos da igreja para as línguas locais. Logo, o ioruba passou a ser a língua mais falada em Serra Leoa. Juntamente com o reverendo Rahan, Crowther publicou três livros sobre o ioruba. Em 1843 publicou um livro intitulado Vocabulário ioruba com o estudo gramatical da língua e sua estrutura.

Durante toda sua vida como religioso cristão, Crowther dedicou à tradução da Bíblia para a língua ioruba. A Bíblia em ioruba, *Bibeli Mimá*, foi publicada na década de 1880. Assim, meus irmãos, chegamos ao ponto do trabalho de Crowther que nos influencia até os dias de hoje.



Crowther, para que os iorubanos entendessem a religião cristã e seu novo testamento forçou algumas analogias. Podemos notar no evangelho de Mateus, cuja reprodução encontra-se no material em anexo, capítulo 4 (na Bíblia em ioruba consta como ori 4), versículo 1 (primeira frase) consta:

“Nigba naa ni a dari Jesu si ijú lati ọwọ Ẹmi lati dan an wò lọwọ Èṣù”.

“Em seguida, foi Jesus levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo”.

Crowther torna oficial a tradução de Exu para diabo, sataná. Todo o povo ioruba que manteve contato com as obras dele, bem como todo o clero da Igreja Anglicana, passa a utiliza a palavra Exu para designar o diabo. Havia um homem, Crowther, bispo anglicano e com doutorado em Oxford que fundamentava esta associação.

## CONCLUSÃO

Sabemos que a tradução de um livro extenso como a Bíblia exige um certo número de pessoas. De certo, Crowther possuía



colegas de trabalho ou ajudantes com o qual mantinha constante diálogo e troca de opiniões sobre as palavras corretas a serem utilizadas para compor a tradução de um livro tão sagrado quanto a Bíblia. Para um bispo, a subversão dos ensinamentos de Deus era um sacrilégio. Assim, Crowther agiu de acordo com suas crenças, de acordo com suas lembranças e nunca saberemos o real motivo desta indicação.

Não sabemos com exatidão se utilizou o sincretismo porque considerava Exu o diabo ou porque esta era a única solução que encontrou para demonstrar ao povo ioruba a essência do que estava ali escrito. Por exemplo, Crowther traduziu Deus como Olorum. Contudo, não traduziu Jesus como Oxalá. Manteve aquilo que lhe era sagrado intacto e transformou os demais conceitos em material compreensível ao povo ioruba. O sincretismo de Exu com o diabo, neste caso, ocorreu de fora da religião para dentro.

Finalizaremos com uma indagação. Será que a Bíblia que nos é apresentada hoje, após inúmeras traduções realizadas das diversas línguas originais de seus textos, é fidedigna? Cremos que não. O que foi perdido ou subvertido? Deixamos ao leitor a procura destas respostas.



## LISTA DE FIGURAS



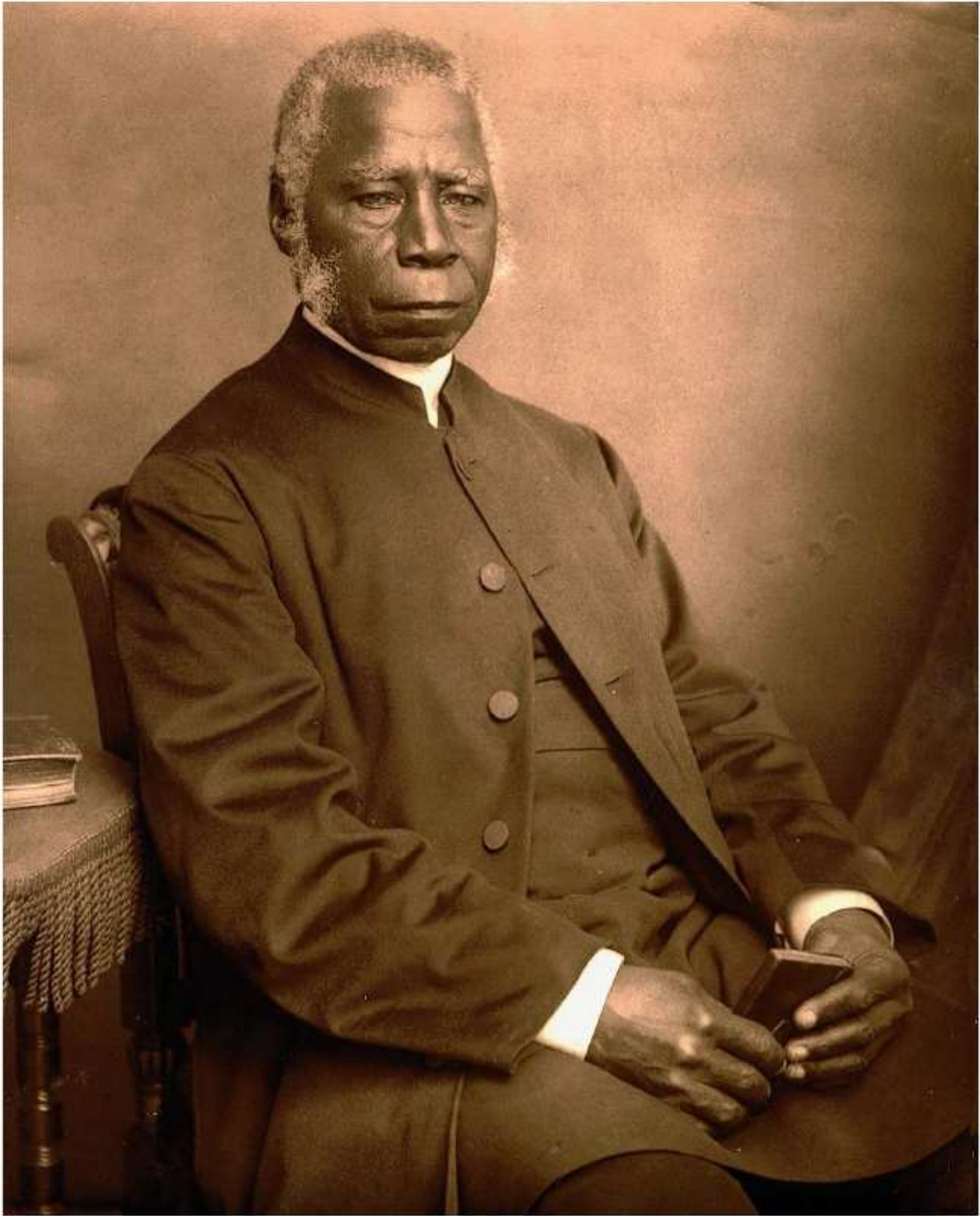
*Figura 2 Crowther e seus ministros nativos da África*





*Figura 3 Crowther*





*Figura 4 Bispo Samuel Ajayi Crowther*





*Figura 5 Bispo Samuel Ajayi Crowther*



kilò fun un ni ojú àlá, o yipada, si apá Galilí. (esé 12; Matt 3:13; Luk 2:39.)

23. Nigba ti o si wá, o ngbè ni ilu kan ti a npè ni Nasarèti; ki èyí ti a ti so lati enu woli lè sè, pe, "A o pè é ni ara Nasarèti." (Luk 1:26; Isa 11:1; Mk 1:24.)

## ORI 3.

**Iṣe iránsé Johannu Onitèbomi. (Mk 1:1-8; Luk 3:2-17; Jhn 1:6-8, 19-28.)**

**N**I awon ojò wonyii ni Johannu Onitèbomi wá, o nwaasu ni ijú Judea.

2. O nwi pe, "E ronupiwada; nitori ijoba orun kù si dèdè." (Dan 2:44; Matt 4:7; 10:7.)

3. Nitori eyi ni èni tí woli Isaiah so orò rẹ, pe, "Ohùn ènikan ti nkigbe ni ijú, E tún ọna Oluwa sè, ẹ sè ojú-òná rẹ tó." (Isa 40:3; Mk 1:3; Luk 3:4; Jhn 1:23; Luk 1:76.)

4. Aṣo Johannu naa si jé ti irun ibakasi, o si di àmùrè awo si ẹgbẹ rẹ; ounjẹ rẹ ni eesú ati oyin igán (1 A.Ọba 1:8; Sek 13:4; Lef 11:22.)

5. Nigba naa ni awon ara Jerusalemu, ati gbogbo Judea, ati gbogbo èkùn apa Jordani yiká jade tó ó wá,

6. A si nbaptisti won loḍo rẹ ni odò Jordani, won njewo ẹsẹ won. (A.A. 19:4,18.)

7. Sugbon nigba ti o ri ọpọ awon Farisi ati Sadusi nbọ wá si baptisumu rẹ, o wi fun won pe, "Eyin omọ paramólẹ, tani o kilò fun yin lati sá kuro ninu ibinu ti nbọ? (Matt 12:34; 23:33; Rom 5:9; 1 Tess 1:10.)

8. Nitori naa, ẹ so ẹso ti o yẹ fun ironupiwada: (A.A. 26:20.)

9. Ki ẹ má si sè lérò rẹ ninu ara yin, pé, "Awa ni Abrahamu ni haba!" emi wi fun yin, Ọlorun lè yọ omọ jade wá lati inu okuta wonyii fun Abrahamu. (Jhn 8:33,39; A.A. 13:26; Rom 4:1, 11,16.)

10. Ati nisinsinyii pélu, a ti fi aaké lé gbòngbò igi naa; nitori naa gbogbo

igi ti kò bá so ẹso rere, a o gé e lulẹ, a o si wọ o jú sinu ina. (Matt 7:19.)

11. Lootọ ni emi nfi omi baptisi yin fun ironupiwada; sugbon ènikan ti o pọjù mi lo nbọ lehin mi, bata èni ti emi kò tó gbé; oun ni yoo fi Èmi Mimo ati ina baptisi yin. (A.A. 1:5; 11:16; 19:4; Isa 4:4; A.A. 2:3,4.)

12. Èni ti àtẹ-amúga igbálẹ rẹ nbe ni ọwọ rẹ, yoo si gbá ilẹ ipaka rẹ mó tótó, yoo si kó alikama rẹ sinu abà, sugbon iyàngbo ni yoo fi iná àjókú sun." (Mal 3:3; Matt 13:30.)

**A sè iribomi fun Jesu. (Mk 1:9-11; Luk 3:21,22.)**

13. Nigba naa ni Jesu ti Galilí wa si Jordani soḍo Johannu lati baptisi loḍo rẹ. (Jhn 1:31-34.)

14. Sugbon Johannu kò fun un, pe, "Emi ni à bá baptisi loḍo rẹ, iwọ si tó mi wá?"

15. Jesu si dahun, o wi fun un pe, "Jowo rẹ beẹ ná: nitori beẹ ni o yẹ fun wa lati mu gbogbo ododo sè." O si gbá beẹ.

16. Nigba ti a si baptisi Jesu tan, o gòkè jade wá lójúkan naa lati inu omi; si wo o, orun sí silẹ, o si ri Èmi Ọlorun nsokalẹ bi adaba, o si bà le e: (Isa 11:2; 42:1; Jhn 1:32.)

17. Si kiyesi i ohùn kan lati orun wá, nwi pe, "Eyiyii ni ayanfẹ omọ mi, èni ti inu mi dùn si gidigidi." (Psm 2:7; Matt 12:18; 17:5; Mk 9:7; Luk 9:35.)

## ORI 4.

**Eṣu dan Jesu wò ni Aginju. (Mk 1:12,13; Luk 4:1-13.)**

**N**IGBA naa ni a dari Jesu si ijú lati ọwọ Emi lati dan an wò loḍo Eṣu.

2. Nigba ti o si ti gbaawẹ ni ogoji ọsán ati ogóji ọru, lehin-igbà yii ni ebi npa á. (Eks 34:28; 1 A.Ọba 19:8.)

3. Oludánwò si de ọḍọ rẹ, o wí pe, "Bi iwọ bá jé omọ Ọlorun, paṣe ki okuta wonyii di àkàrà."

4. Sugbon o dahun pe, "A ti koḍo pé, Eniyan ki yoo wá láàyè nipa akara ni-

Figura 6 Livro de Mateus em iorubá



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*Lecture I Philanthropy in Sierra Leone. Texts of Henry Martyn Lectures.* Acessado em 13 de janeiro de 2015.

<http://www.martynmission.cam.ac.uk/media/documents/HMC%20Lectures/1999%20Lecture%20II%20Crowther%20and%20Language%20in%20the%20Yoruba%20Mission.pdf>

*Lecture III Crowther and Trade on the Niger.* Acessado em 13 de janeiro de 2015.

<http://www.martynmission.cam.ac.uk/media/documents/HMC%20Lectures/1999%20Lecture%20III%20Crowther%20and%20Trade%20on%20the%20Niger.pdf>

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, 591 p.

SARACENI, Rubens. *Orixá Exu: fundamentação do mistério: Exu na Umbanda*. São Paulo: Madras, 2011.

TRINDADE, Diamantino Fernandes. *Você sabe o que é Macumba? Você sabe o que é Exu?* 1ª ed. São Paulo: Ícone, 2013.

*Do Kimbanda à Quimbanda:*

encontros e desencontros

*Mario Teixeira de Sá Junior\**



RESUMO: Este artigo trata da transformação pela qual passaram os sacerdotes africanos participantes das religiões de culto aos antepassados, das regiões de Angola e do Congo, chamados de Kimbanda e Nganga, respectivamente. O contato com os colonizadores europeus, que traziam no seu imaginário os conceitos de feitiçaria e práticas mágicas, acabou por ressignificar os seus costumes religiosos. De sacerdotes desses cultos, acabaram sendo vistos como feiticeiros e praticantes de magias negras. Ao lado desse rótulo externo, os cultos, dirigidos pelo Kimbanda e Nganga, foram se transformando, através de uma dinâmica cultural com as religiões e religiosidades europeias e indígenas, gerando cultos como a cabula, o calundu e a macumba, que no século XX, formaram matrizes religiosas como a Umbanda. Palavras-chave: Religiosidade afro-brasileira; Umbanda; Quimbanda

ABSTRACT: This article treats of the transformation for the which you/they passed the priests African participants of the cult religions to the ancestors, of the areas of Angola and of Congo, calls of Kimbanda and Nganga, respectively. The contact with the European settlers, that you/they brought in his/her imaginary one the sorcery concepts and magic practices, it ended for ressignificar



their religious habits. Of priests of those cults, they ended being seen as sorcerers and apprentices of black magics. To the side of that external label, the cults, driven by Kimbanda and Nganga, they were if transforming, through a cultural dynamics with the religions and European and indigenous religiosities, generating cults as it cuts her, the calundu and the macumba, that in the century XX, formed religious head offices as the Umbanda.

Key word: Afro-Brazilian religiosity; Umbanda; Macumba ceremony

## ENTRE O KIMBANDA E A QUIMBANDA

Quimbanda é uma palavra da Língua Portuguesa originada do Quimbundo *kimbanda*, língua do tronco lingüístico Banto. Segundo Lopes (2003, p.187) significa “uma linha ritual da Umbanda” ou “sacerdote do culto de origem banta”. O termo corresponde ao *nganga*, da língua Quicongo. O dicionarista Aurélio (FERREIRA, 1985, p.1174) concorda, em parte, com essa definição. No entanto, para ele, o seu significado, além de indicar o sacerdote e o médico, indica também o feiticeiro. Indo além, ele a identifica com o ritual de Macumba. Essa palavra, por sua vez, em seu dicionário, vem associada à idéia de bruxaria e magia negra (FERREIRA, 1985, p.863).



Para o autor do dicionário Banto o significado de feiticeiro, na língua Quimbundo, seria outro: *mujoli* e na Quicongo seria *ndoki*. O quimbando seria apenas o sacerdote ou o médico ritual. Em Lopes, *kimbanda* não aparece associada ao léxico Macumba. O autor chega a afirmar que “estranhamente, no Brasil, a quimbando é tida como linha de prática maléfica” (LOPES, 2003, p.187). Procurando em um dicionário umbandista o significado se aproxima mais de Holanda que de Lopes. Segundo ele a quimbando seria “a mesma coisa que magia negra” (PINTO, [1970], p.159).

Em pesquisas realizadas pelo autor (SÁ JUNIOR, 2003) em casas religiosas - terreiros - de Umbanda das cidades do Rio de Janeiro – RJ e Dourados – MS, e outras realizadas por outros intelectuais acadêmicos (BRUMANA & MARTÍNEZ, 1991; NEGRÃO, 1996) é possível constatar que no discurso dos adeptos dos terreiros a palavra quimbando significa ora uma expressão ligada à feitiçaria ou a magia negra, ora a uma gira – seção – realizada dentro da própria Umbanda.

Essa é a visão do líder espiritual do terreiro, Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá, Sebastião, em Dourados - MS. Segundo ele, “trabalhar na quimbando é fazer uma gira de exu”, o que ocorre normalmente em seu terreiro de Umbanda aproximadamente de dois e dois meses. Ele também reconhece que a palavra sugere fazer o mal, mas que, como é comum no



discurso dos adeptos da Umbanda, afirma não realizar tais práticas em seus terreiros.

Assim, a quimbanda aparece no discurso umbandista ora como prática inserida na própria Umbanda, através de uma gira de exu, ora como categoria de acusação, onde membros de um terreiro acusam a outros participantes ou terreiros de praticante da magia negra. É possível percebê-la ainda, como trabalhos realizados para diversos fins que chegam a envolver práticas do Vodou como os envoltamentos (utilização de bonecos em forma humana em substituição ao corpo da pessoa que deseja atingir). Essas últimas, são práticas religiosas – trabalhos – normalmente pagos por aqueles que desejam se utilizar das prerrogativas da magia negra para obter fins materiais, espirituais ou afetivos.

A princípio pode parecer que as diversidades de informações religiosas, aqui apresentadas, sejam elementos distintos ou contraditórios; ledo engano, parafraseando Brumana e Martínez ao se referirem ao universo umbandista, elas exprimem um “microcosmo da sociedade brasileira” e, “não dizem pouco” sobre o mesmo (BRUMANA & MARTÍNEZ, 1991, p. 143). Elas expressam um pouco da história, dos conflitos e combinações (VIANNA, 2000), representações e apropriações (CHARTIER, 1986) das matrizes geradoras da cultura brasileira, de seus hibridismos e sua dinâmica (CANCLINI, 1998; BHABA, 1998). Mergulhar nesse universo histórico-cultural acaba por oferecer elementos maiores que o



entendimento das práticas afro-brasileiras. Permite conhecer um pouco da história do Brasil.

## AS ORIGENS DA FEITIÇARIA E PRÁTICAS MÁGICAS E SEU APORTE NO BRASIL

Laura de Mello e Souza afirma que “a feitiçaria abarca práticas mágicas e rituais em praticamente todas as sociedades”. No que diz respeito à sociedade ocidental é possível perceber a presença da feitiçaria nos atos da Circe de Homero, na Canídia de Horácio ou nas feiticeiras medievais. Em comum, os exemplos citados possuem a idéia de *maleficium*, ou seja, “atos rituais que visam lesar pessoas ou propriedades”, realizados, normalmente através de um ato individual de um feiticeiro (SOUZA, 1988, p. 30).

Ao final da Idade Média e início da Moderna esse discurso religioso ganha substância com os manuais dos inquisidores e de livros como o escrito, em 1486, pelos dominicanos Jacob Sprenger e Henrich Kramer, intitulado *Malleus Meleficarum*. Nesses trabalhos as idéias de feitiçaria e bruxaria vão ganhando significantes diferentes. Ainda segundo Laura “alguns especialistas enfatizam o caráter individual da feitiçaria e o caráter coletivo da bruxaria” (SOUZA, 1988, p. 32). A feiticeira seria a pessoa que invocaria as forças do mal enquanto a bruxaria seria a personificação do próprio mal<sup>[1]</sup>.



Por sua vez, o universo africano, extremamente plural, também convivia e dava destaque as práticas da feitiçaria. Ao se referir à cosmogonia dos bacongos Marina de mello e Souza escreve sobre o papel de dois líderes religiosos: os *itomi* e o *nganga*. Ao primeiro cabia o papel de se relacionar diretamente com as forças naturais; ao segundo o papel de serviços privados e trabalhavam “objetos mágicos indispensáveis a execução dos mitos religiosos ...”(SOUZA, 2002, p.65). Demonstrando a complexidade do papel desses feiticeiros, essa sociedade ainda possuía um outro tipo: o *ndoki*; esse um feiticeiro especializado “em ajudar seus clientes e prejudicar o próximo” (SOUZA, 2002, p.66). A importância desses líderes religiosos, em diversos grupos étnicos africanos, é referendada por Alberto da Costa e Silva em seu magistral livro *A manilha e o libambo* (2002).

Quando o *velho mundo* entra em contato com os *novos* – África, Ásia e América – o imaginário europeu já estava repleto das imagens de bruxas e feiticeiras. O monolitismo do catolicismo europeu estava longe de se configurar em uma realidade. Apesar de tentativas, como a do Concílio de Trento (1545), a uniformidade da Igreja não chegou a ser obtida. Ainda no século XVII “duas religiões diversas coabitavam na cristandade europeia: a dos teólogos e a dos crentes...”(SOUZA, 1986, p.88). Os processos do tribunal do Santo Ofício, são ricos em informações que comprovam essa heterogeneidade religiosa.



Ao aportar no Brasil, os teóricos da feitiçaria e da demonologia européia irão identificar essas práticas com os modelos religiosos indígenas e africanos. Às práticas do Xamanismo tupi, Nóbrega chamou de feitiçaria (SOUZA, 1993, p.28). As práticas mágicas também se fazem presentes. “A desordem demoníaca está presente, por exemplo, nas descrições feitas pelos jesuítas Luís de Grã e Fernão Cardim dos hábitos que envolviam a alimentação e a moradia entre os tupis do Brasil” (SOUZA, 1993, p.34). Ao lado da feitiçaria e das práticas mágicas européias e indígenas se incorporariam as de matrizes africanas. As visitas do Santo Ofício ao Brasil registram, de forma crescente, desde o final do século XVI, essas atividades. Muitos escravos serão denunciados por essas práticas.

## FEITIÇARIA: ENTRE A SALVAÇÃO DO CORPO E A DANAÇÃO DA ALMA

Esse não é um mundo onde a feitiçaria e as práticas mágicas são sempre execradas. “No cotidiano da colônia, céu e inferno, sagrado e profano, práticas mágicas primitivas e européias ora se aproximavam, ora se apartavam violentamente” (Souza, 1986, p.149). Entre um extremo e outro, um universo a ser vivido e aproveitado.



Em uma correspondência do Governador do Rio de Janeiro ao Conselho Ultramarino (1725-1728), respondendo à sugestão do Rei em mandar escravos angola para a região das minas, ele coloca que além dos escravos minas serem mais fortes e robustos eles eram *afeitos à feitiçaria*, o que auxiliaria na descoberta de ouro. Indo além, o governador relata que *não há mineiro que possa viver sem uma negra mina, dizendo que só com elas tem fortuna* (LARA, 2000). Aqui, a feitiçaria é vista, sem parcimônia, como algo positivo na procura do ouro<sup>[2]</sup>.

Esse tipo de postura também ocorre na metrópole portuguesa. Ao pesquisar processos inquisitoriais sobre as negras africanas, em Portugal, Pantoja percebe a ambigüidade das possibilidades de um(a) feiticeiro (a). Segundo ela

Um reconhecimento público por ser bruxa, feiticeira, ou de se entender com o diabo, podia resultar em severa punição pelo Santo Ofício, até mesmo a morte”. No entanto, “algumas vezes poderia significar uma vida razoável com pagamentos do seus préstimos e um certo prestígio social (2000, p. 6).

Esse espaço, entre a salvação do corpo e a danação da alma, possuía local, dia e hora para acontecer na colônia. E não pareciam



tão secretos assim. Um documento do ANTT, apresenta uma denúncia registrada em 1760, na Vila de Itaubira, em Minas Gerais onde é possível se perceber que as reuniões de feiticeiro(a)s e eram conhecidas.

“...A negra Angela Maria Gomes, da nação Courana, forra, enfamada de ser mestre feiticeira, foi surpreendida com outras mulheres desenterrando um defunto no adro da Igreja de Nossa Senhor da Boa Viagem, e utilizando, além dos restos mortais, morcego e bode na confecção de seus feitiços, reunindo muita gente em sua casa, para os batuques que se realizavam todas as terças e sextas feiras, religiosamente”(apud MOTT, 1996, p.115)

Em uma visita ao Mato Grosso Bruno Pinna (s.d.[1785], p.16) registra uma denúncia em que

João Pedroso de Almeida homem branco ouviu dizer Antonio Reinol escravo do Alferes Joaquim Jose da Gama que um seu parceiro que assiste nas Lavras do Cristal chamado Antonio mina escravo do mesmo Alferes Joaquim José é feiticeiro, e que com seus malefícios danificara a



outro escravo do mesmo Alferes chamado José o qual ficou enfermo distando pela boca carvão, agulhas e outras imundices, que o irmão dele testemunha chamado Ignacio de Almeida Lobo viu deitar e que ouviu dizer que o tal feiticeiro se presava de o ser.

A denúncia, além de relatar a composição de práticas mágicas, a princípio européias, em rituais de escravos africanos, afirma que o feiticeiro “presava de o ser”.

Mott (1999, p. 2), registra em um texto seiscentista, que a palavra quimbanda é associada ao homossexualismo.

Há entre o gentio de Angola muita sodomia, tendo uns com os outros suas imundícies e sujidades, vestindo como mulheres. Eles chamam pelo nome da terra: *quimbandas*, os quais, no distrito ou terras onde os há, têm comunicação uns com os outros. E alguns deles são finos feiticeiros para terem tudo mau e todo o mais gentio os respeita e os não ofendem em coisa alguma.

Apesar de se obter mais um significante para a palavra quimbanda, o que, para fins desse artigo merece destaque na



citação é que mesmo sendo o quimbanda um homossexual, o que era reprimido pela moral cristã, ele era respeitado por ser feiticeiro. Esse fragmento proporciona uma visão de que as perseguições realizadas pelos órgãos oficiais da Igreja não transformavam as práticas de feitiçaria em algo não aceito por parte sociedade colonial brasileira.

Não é difícil se perceber, se partirmos de um imaginário tão afeito a essas práticas, que o ser feiticeiro poderia gerar um capital, simbólico e/ou material, para os seus praticantes, conforme o demonstrado com os casos acima citados. Os praticantes da feitiçaria transformavam os seus *poderes* em *moeda de troca*, numa sociedade que se lhe mostrava tão adversa, benefícios que, por certo, seriam utilizados por outros grupos sociais, não escravos.

A tolerância por parte dos senhores de escravos e mesmo de clérigos em relação as suas manifestações culturais foi uma prática no Brasil escravista. Antonil afirma que

Negar-lhes totalmente os seus folguedos, que são o único alívio do seu cativeiro, é querê-los desconsolados e melancólicos, de pouca vida e saúde. Portanto, não lhes estranhem os senhores o criarem seus reis, cantar e bailar por algumas horas honestamente em alguns dias do ano, e o alegrarem-se inocentemente à tarde



depois de terem feito pela manhã suas festas de Nossa Senhora do Rosário, de São Benedito, e do orago da Capela do Engenho (s.d.[1711], p.161).

Benci (1977) e Pereira (1929), no século XVIII, vão além. Eles denunciam que alguns senhores de engenho não apenas toleravam os encontros religiosos, como por vezes os estimulavam. Num universo onde se aproximar ou se apartear, combinar ou divergir faz parte da mesma realidade, negros, como os *kimbandas* e os *ngangas*, sofreram perseguições, mas também puderam utilizar seus conhecimentos religiosos visando uma melhor participação no corpo social.

Em alguns casos, mais que tolerar e encorajar alguns homens de outros segmentos sociais acabavam por participar das práticas da feitiçaria. Em uma Postura Municipal da primeira metade do século XIX, se encontra o registro de que

Todo indivíduo, branco ou preto forro, que em sua casa fizer ajuntamento de pretos que dizem feitiçarias ou Bangalez, ainda mesmo que consista em sua casa desamparada por esta forma de seus senhores, incorrerá em pena de



15 dias de prisão e dez mil-réis de condenações pagos na cadeia (POSTURAS, 1831).

Em uma outra de 1845, se afirma que

Todo o que a título de curar feitiços, ou de adivinhar, se introduzir em qualquer casa, ou receber na sua algum para fazer semelhantes curas por meios supersticiosos e bebidas desconhecidas, ou para fazer adivinhar e outros embustes será multado, assim como o dono da casa (POSTURAS, 1845).

Ora, as leis, historicamente criadas para *por no lugar* o que está fora de ordem, nesse caso denunciam a participação de homens brancos. Elas não se remetem especificamente aos escravos ou negros forros. O feiticeiro negro se tornava, pouco a pouco, de todas as cores.

#### FEITICEIRO: UM MESTIÇO DE CORPO E ALMA

O contato entre os imaginários europeu, americano e africano não se furtou em realizar trocas, ressignificações e apropriações. Em momentos específicos uma das identidades do



feiticeiro poderia ser privilegiada. Um cucumbi registrado por Melo Morais Filho, na segunda metade do século XIX, teatraliza a luta entre um caboclo brasileiro e um feiticeiro negro. Nele, Mameto, o filho da rainha – provavelmente a famosa nzinga dos angolas – é morto pelo caboclo. O feiticeiro é chamado e, demonstrando o seu poder, ressuscita Mameto e vence o caboclo brasileiro (KARASCH, 2000, p. 334). Aqui a identidade apresentada é do feiticeiro africano contra o brasileiro, aqui representado na figura do caboclo<sup>[3]</sup>. Mas, a identidade do feiticeiro é cada vez mais plural, resultado de um longo diálogo cultural.

Em depoimento ao Santo Ofício a escrava Joana Pereira de Abreu relata uma experiência, que se pode dizer, sabática (*apud*: MOTT, 1997, p. 209). Ela relata que era transportada misteriosamente e

[...] logo se achavam no campo do enforcado donde está já como superiora de todo o Congresso a Mestra Cecília, sentada em um banco ou tripeça. [...] O Congresso é numero de mulheres trazidas, como suponho, da mesma sorte de várias partes de terras distantes, mas eu as não conheço, não lhes sei os nomes. No Congresso há mulheres de todas as cores e castas. Também aparecem homens: mas estes,



julgo não serem homens, mas demônios em figura humana. Não nos falamos mais que estas palavras que nos dizemos umas às outras: Camaradas, nós vimos os nossos amores. Depois de assim juntas nesse Congresso e cada uma com o seu, se fazem as cerimônias, as adorações e arrenegações etc., depois de a Mestra Cecília dizer em voz alta para todo o Congresso estas palavras; acabou-se a nossa Vida Nova, bem nós podemos ir embora. Logo desandava eu com as três colegas as sessenta ou setenta léguas e nos achávamos logo nas cajazeiras.(ANTT, IL, Caderno do Promotor n 121, 27/4/1758)

Esse relato muito se aproxima do descrito por Ginsburg (1991, p, 9) onde

Bruxas e feiticeiros reuniam-se à noite, geralmente em lugares solitários, no campo ou na montanha. Às vezes, chegavam voando, depois de ter untado o corpo com unguento, montando bastões ou cabos de vassouras; em outras ocasiões, apareciam em garupas de animais ou então transformados eles próprios



em bicho. [...] Seguiam-se banquetes, danças, orgias sexuais. Antes de voltar para casa, bruxas e feiticeiros recebiam unguentos maléficos, produzidos com gordura de criança e outros ingredientes.

Sem desqualificar o papel formatador de depoimentos, realizados pelos membros dos tribunais que inquiriam os denunciados, é possível perceber um conhecimento do imaginário europeu pela escrava. Uma especificidade do seu discurso chama a atenção: a presença de mulheres de todas as cores e castas. Esse não é um depoimento isolado. A presença de vários grupos étnicos e sociais no universo das práticas mágicas é registrada em vários outros tipos de documentos e em séculos também variados.

Esses documentos permitem confirmar que essas aproximações não se dão apenas no campo étnico-social. As combinações, reinterpretações e apropriações são também realizadas no campo das religiosidades. O *kimbanda* de Angola, o *Nganga* do Congo, dentre outros feiticeiros de origem africana, compõe com matrizes da feitiçaria e práticas mágicas indígenas e européias. Desse hibridismo cultural (CANCLINI, 1998) são forjadas práticas religiosas que vão se distanciando de suas origens e produzindo novas identidades, modelos ímpares e brasileiros.



Assim, Maria Padilha, dos autos da inquisição espanhola, desembarca no Brasil e se torna rainha das giras de exu, das macumbas cariocas (MEYER, 1993). E, com ela, o nosso feiticeiro negro, Kimbanda ou Nganga, se amasia, sob as bençãos de Iara. Desse encontro, são gestados verdadeiros macunaímas, que contribuem para a formação do “povo brasileiro”; povo esse, que no dizer de Romero “é um mestiço, se não no sangue nas idéias” (ROMERO, 1949:85). Indo além, pode-se dizer que é um mestiço, no sangue, nas idéias e na alma: essa é a receita de ser brasileiro.

Respeitando as especificidades do Brasil colonial e de suas práticas mágicas, é possível percebermos a continuidade do discurso mágico no Império e na nascente República. Nina Rodrigues, o pioneiro nos estudos da religiosidade afro-brasileira, registra, em relação à sociedade baiana que

[...] todas as classes, mesmo a dita superior, estão aptas a se tornarem negras. O número de brancos, mulatos e indivíduos de todas as cores e matizes que vão consultar os negros feiticeiros nas suas aflições, nas suas desgraças, dos que crêem publicamente no poder sobrenatural dos talismãs e feitiços, dos que em muito maior número, zombam deles em público, mas



ocultamente os ouvem, os consultam, esse número seria incalculável... (1935:186).

Um contemporâneo de Nina, o cronista João do Rio diz, se referindo à sociedade do Rio de Janeiro, que “é provável que muita gente não acredite nem nas bruxas, nem nos magos, mas não há ninguém cuja vida tivesse decorrido no Rio sem uma entrada nas casas sujas onde se enrosca a indolência malandra dos negros” (RIO, 1951, p. 34). Ou ainda:

Eu vi senhoras de alta posição saltando, às escondidas, de carros de praça, como nos folhetins de romances, para correr, tapando a cara com véus espessos, a essas casas; eu vi sessões em que mãos enluvadas tiravam das carteiras ricas notas e aos gritos dos negros malcriados que bradavam (RIO, 1951, p. 41).

Sobre o poder das práticas de feitiçaria na sociedade carioca, bastante comuns nas religiões de possessão, é ainda João do Rio que oferta uma pérola, ao dizer que

Vivemos na dependência do Feitiço, dessa caterva de negros e negras de *babaloxás e yauô*,



somos nós que lhes asseguramos a existência, com o carinho de um negociante por uma amante atriz. O Feitiço é o nosso vício, o nosso gozo, a degeneração. Exige, damos-lhe; explora, deixamo-nos explorar e, seja ele *maitre-chanteur*, assassino, larápio, fica sempre impune e forte pela vida que lhe empresta o nosso dinheiro (RIO, 1951, p.35).

A crença no feitiço extrapola o campo da religiosidade. Se antecipando à Constituição de 1891, - que em seu Art.72, parágrafo 3 afirma que “todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer pública e livremente o seu culto, associando-se para esse fim e adquirindo bens, observadas as disposições do direito comum” -, o Código Penal de 1890 assim se refere sobre essas questões:

Art. 156 – Exercer a medicina em qualquer dos seus ramos e a arte dentária ou farmácia: praticar a homeopatia, a dosimetria, o hipnotismo ou o magnetismo animal, sem estar habilitado segundo as leis e regulamentos.

Art. 157 – Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar talismãs e cartomancias para



despertar sentimentos de ódio e amor, inculcar cura de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim para facilitar e subjugar a credulidade pública.

Art. 158 – Ministar, ou simplesmente prescrever, como meio curativo para uso interno ou externo e sob qualquer forma preparada, substância de qualquer dos reinos da natureza, fazendo, ou exercendo assim, o ofício denominado de curandeiro.

Segundo Maggie, “ao serem instituídos, os artigos revelaram, da parte dos autores, temor dos malefícios e necessidade de se criar modos e instituições para o combate” (1992, p.22). As leis republicanas referendavam a existência do feitiço e dos feiticeiros, lhes reconhecendo os poderes, a tal ponto, que era preciso criar uma jurisprudência que pudesse combatê-los.

## A CONSTRUÇÃO DA ALVA NAÇÃO BRASILEIRA

Nessa dinâmica cultural o *kimbanda*, da língua quimbundo, sai de cena, nas transformações históricas entre a Colônia e a República. Em seu lugar surge a quimbanda. Essa, representando uma das sínteses do imaginário brasileiro, no que diz respeito às



práticas mágicas, da feitiçaria e da medicina natural, tendo por base os cultos de origem africana.

Contudo, a capacidade camaleônica do feiticeiro continuava a ser observada pelo olho do poder. Enquanto o país vivia o *espetáculo das raças*, o sonho de se produzir uma sociedade branca, seguindo os modelos europeus, foi ganhando forma a partir da segunda metade do século XIX. Cientificismo, superioridade racial, evolucionismo e civilização (SCHWARCZ, 1993) eram expressões que se opunham à permanência do mundo do feitiço.

Seguindo esse modelo, vozes dissonantes se fizeram presentes dentro do próprio movimento da religiosidade afro-brasileira. Oriundos de setores médios da sociedade brasileira, participantes dos cultos afro-brasileiros, iniciaram a construção de um discurso que visava afastar o passado africano da religião, aproximando-o de um outro discurso, o proposto pelo mundo do poder (SÁ JUNIOR, 2004).

Esse, foi forjado tendo por base teorias como o evolucionismo social, o positivismo, o naturalismo e o darwinismo social, provindas do cientificismo e geradas na Europa. Realizando, sobre as mesmas, leituras específicas, muitas vezes empobrecendo os seus conteúdos, outras vezes adaptando-as à nossa realidade social, esses intelectuais procuram construir uma história para o



Brasil seguindo as propostas eugenistas, de embranquecimento racial (SCHWARCZ, 1993).

Os discursos desses religiosos passam a ser produzidos nos estatutos de centros, federações e confederações, e em livros. Esse fenômeno ganha impulso principalmente após o Primeiro Congresso Umbandista de 1941. Neles se buscava seguir o modelo de embranquecimento, agora em sua própria religiosidade. A quimbanda, possuidora das críticas seculares, agora devia ser excluída do discurso religioso, ocupando um papel, já proposto pelo imaginário social: o demoníaco.

Para substituí-la os escritores umbandistas tentaram, em um primeiro momento a palavra espiritismo, logo rechaçada pelos adeptos da Doutrina Espírita – kardecista – de matriz europeia. Em relação à essa tentativa Isaia afirma que:

A aproximação tentada pelos primeiros umbandistas com o kardecismo no Brasil, contou com enérgica oposição dos círculos espíritas do centro do país. Esses não admitiam a ligação entre o kardecismo, que se credenciava à sociedade com uma identidade próxima aos valores consentidos pela elite e a Umbanda,



ainda presa a conteúdos imagéticos que a confinavam aos subterrâneos sociais. (2003, p. 5)

A solução foi adotar a expressão Umbanda que, como quimbanda e macumba, já faziam parte do discurso dos seus religiosos. Carneiro oferece um registro dessa questão ao escrever que

O grão-sacerdote de Angola, o Quimbanda, passou ao Brasil com os nomes de Quibanda, Quimbanda, umbanda, embanda e banda (do mesmo radical mbanda), significando ora feiticeiro ou sacerdote, ora lugar da macumba ou o próprio processo ritual.

A palavra Umbanda, que é derivada de Kimbanda, merece um registro especial, pois tomou no Brasil o significado geral da própria religião dos negros do Rio de Janeiro (CARNEIRO, s.d., p. 285).

Escritores que participaram do congresso citado e seus seguidores, passaram a produzir uma literatura que afastasse a expressão Umbanda, que era colocada como a magia branca, da quimbanda e da macumba, vistas como magia negra<sup>[4]</sup>. Obras



como *Umbanda (magia branca)* e *Quimbanda (magia negra)*, de Lourenço Braga passaram a ser produzidas no Brasil. Nela a Quimbanda teria reforçado o seu lado demoníaco pois

Lúcifer ou Maioral de Quimbanda, que é o seu supremo chefe, é um espírito que possui luz vermelha forte, luz essa, cujos raios se estendem a uns cem metros. É de aspecto agradável e bonito, é moreno claro, usa bigode pequeno, possui pequeninos chifres, tem olhos brilhantes, é bem feito de corpo, sua altura aparente ser de 1,80, usa uma espada dourada, usa botas e uma capa prateada de fundo vermelho e tem sobre os olhos uma máscara (BRAGA, 1961, p.26)

.Matta e Silva, um dos escritores de maior vendagem no mercado editorial religioso umbandista, corroborando na construção do discurso acima, afirma que “a palavra Umbanda foi revelada (e não criada pelos humanos) (1995, p.23)”. Em outra obra ele atribui o surgimento das macumbas, catimbós, quimbandas e magia negra à degeneração do candomblé de caboclo. Afirma que os “terreiros de macumbas, [...] aos quais damos as denominações de quimbanda ou magia negra” representavam na década de 1960, cerca de trinta por cento da



totalidade dos terreiros (1977, p.20). Esse é um discurso onde outros terreiros, que não se enquadram no conceito de Umbanda do autor, são vistos como de Quimbanda. Esta é, nitidamente, uma utilização da expressão Quimbanda como categoria de acusação<sup>[5]</sup>.

Outro inimigo das práticas mágicas e de feitiçaria foi a Igreja Católica, que volta o seu olhar para a Umbanda por volta da segunda metade do século XX, com o processo de *romanização*<sup>[6]</sup>. O maior representante para esses assuntos e algoz dos praticantes da Macumba é o Frei Boaventura Kloppenburg. Através de artigos publicados em jornais ou livros como *A Umbanda no Brasil* realizará os seus ataques. O campo preferido pelo Frei é o da medicina. Seguindo a lógica de Nina Rodrigues, ele verá nas manifestações mediúnicas uma demonstração de anomalias psíquicas. Os médiuns são enquadrados no campo das doenças psicossomáticas. A utilização do argumento de práticas demoníacas, utilizadas contra os kardecistas, tão comuns na primeira metade do século XX, cede lugar às explicações mais racionais e científicas para o fenômeno.

Para referendar o discurso médico, Kloppenburg elabora em 1953 um questionário, dirigido aos psiquiatras do Rio de Janeiro sobre a questão mediúnica. O resultado não poderia ser menos óbvio. As críticas sobre o fenômeno mediúnico serão contundentes e baseadas em explicações da medicina psiquiátrica.



[...] tornam-se médiuns autênticos os neuróticos de certa classe, - histéricos e obsessivos, que possuíam suficiente sugestibilidade para crer e deixarem-se induzir, e certos dons volitivos, para resistirem às práticas monótonas e exaustivas, ensinamentos e execução do ritual espiritista. Os doentes que tenham uma psicose manifesta ou latente deixam-se identificar como tais e não levam a termo o “desenvolvimento”; todavia o seu delírio toma o colorido e a linguagem ou gíria espiritista do candomblé ou macumba” (ISAIA, 2001, p. 77-8).

Merece destaque nesse texto, além do linguajar médico-psiquiátrico, a utilização do termo *macumba* como categoria de acusação. Esta expressão, tão comum nos discursos dos adversários da Macumba, foi fundamental para a substituição dessa designação pelo termo Umbanda que, apesar de também perseguida, encontrava nos departamentos jurídicos de suas federações e confederações um instrumento legal para sua defesa.

Enquanto leis, forças policiais, religiosas e discursos eugenistas procuravam dar um fim às práticas de feitiçaria e magia, os terreiros se mantiveram como porta-vozes dessa práticas seculares.



Em *O segredo da macumba*, os autores procuraram destacar a luta entre Umbanda e Quimbanda, representando, respectivamente, o mundo da ordem e o da desordem. A pesquisa, dentro de uma ótica da contra-cultura, revela a existência de um espaço de resistência do mundo da desordem ao mundo da ordem nos terreiros de macumba. Nela

A quimbanda exprime sempre o desejo total de libertação, o sonho de uma República negra – [onde] a libertação do homem oprimido e escravo será total ou inexistente.

Por outro lado a Umbanda conta a história da repressão sangrenta deste desejo, isto é, a submissão a “Oxalá” senhor do céu e da terra, o rei de Portugal e seu aparato colonial de repressão (Lapassade e Luz, 1972, p. xi).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Kimbanda, em contato com as matrizes religiosas européias e indígenas, acabou se transformando na Quimbanda e recebendo três significados. O primeiro, como parte da própria Umbanda; uma gira que transcorre dentro dos terreiros de Umbanda, realizadas através dos Exus. A



segunda, uma categoria de acusação, onde, absorvendo as críticas europeias sobre a feitiçaria, acabam acusando terreiros, ou pessoas de realizarem a magia negra. Essa, propiciou uma terceira que passou a ser aproveitada por religiosos que utilizam as “possibilidades” da Quimbanda para realizarem feitiços como o de separar ou unir casais, atingir a um desafeto de seu cliente e, dentre outras coisas, desfazer o mal que outro quimbandeiro teria realizado. A produção do capital aqui transcende ao simbólico, tornando-se monetário, através de pagamentos feitos pela realização dos trabalhos.

A visão de que, grosso modo, a Quimbanda é, hoje, parte da Umbanda, é compartilhada por pesquisadores, como Reginaldo Prandi (1996, p.3), onde, segundo ele,

A umbanda se divide numa linha da direita, voltada para a prática do bem e que trata com entidades "desenvolvidas", e numa linha da "esquerda", a parte que pode trabalhar para o "mal", também chamada quimbanda, e cujas divindades, "atrasadas" ou demoníacas, sincretizam-se com aquelas do inferno católico ou delas são tributárias. Esta divisão, contudo, pode ser meramente formal, como uma orientação classificatória



estritamente ritual e com frouxa importância ética. Na prática, não há quimbanda sem umbanda nem quimbandeiro sem umbandista, pois são duas faces de uma mesma concepção religiosa.

Análise similar possuem Brumana & Martínez ao se referirem aos trabalhos de quimbanda realizados pela religiosa pesquisada. Eles afirmam que Os rituais [ditos de Quimbanda] que se desenvolviam em sua casa [da Índia] se diferenciavam muito pouco dos que podem ser vistos em qualquer terreiro umbandista (1991, p. 408).

Parte do discurso sobre o uso da feitiçaria é explicado através de uma lógica de defesa. Ela é usada para responder a um mal que um cliente ou filho de santo da casa recebe. Nesse caso, os trabalhos de quimbanda se apresentam não como a realização de um feitiço e sim de um contra-feitiço, uma resposta ao mal recebido.

Em uma sociedade onde, historicamente, as possibilidades de serviços essenciais, como os de saúde e trabalho, são de difícil acesso para a maioria pobre, onde as discriminações de caráter étnico e social reduzem as possibilidades de uma mobilidade social, os serviços mágicos religiosos acabam por ser muito bem vindo. O feitiço e o feiticeiro são hoje partes integrantes da nossa



sociedade, colaborando com os “sonhos de realizações” da nossa gente. Geertz em *A interpretação da Cultura*, chama a atenção para o papel da religiosidade como papel explicador e possibilitador da vida. Segundo ele

o esforço [da religião] não é para negar o inegável – que existam acontecimentos inexplicados, que a vida machuca ou que a chuva cai sobre o injusto – mas para negar que existam acontecimentos inexplicáveis, que a vida é insuportável e que a justiça é uma miragem (GEERTZ, 1978, p.123).

Por que “onde olho não enxerga a umbanda é quem vê, vá buscar toda demanda [conflito, problema] que é p’ra na terra descer”<sup>[7]</sup>.

Resistindo, combinado, resignificando, apropriando, realizando hibridismos em uma dinâmica cultural; por mais que se apliquem conceitos explicativos, eles serão poucos para açambarcar um universo tão multivocal e polissêmico. Por certo entre o *kimbanda* e a *quimbanda* existe uma das muitas possíveis histórias do Brasil.

BIBLIOGRAFIA:



ANTONIL, André João. *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas (1711), introdução e notas de Alice P. Canabrava, São Paulo, Companhia Editora Nacional, s.d.*

ARAÚJO, José Carlos Souza. *Igreja Católica no Brasil: um estudo de mentalidade ideológica.* São Paulo: Paulinas, 1986.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura.* Belo Horizonte, Ed. Da UFMG, 1998.

BENCI, Jorge. *Economia cristã dos senhores no governo dos escravos (1700),* São Paulo, Grijalbo, 1977.

BRUMANA, Fernando G. & MARTINEZ, Elda G. *Marginália Sagrada.* Campinas: Ed. da Unicamp. 1991.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas,* São Paulo: EDUSP, 1998.

CARNEIRO, Édison. *Antologia do Negro Brasileiro.* Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.p.

CHARTIER, R. *A História Cultural - Entre Práticas e Representações.* Lisboa: Memória e Sociedade, 1986.

BRUMANA, Fernando G. & MARTINEZ, Elda G. *Marginália Sagrada.* Campinas. Ed. da Unicamp. 1991.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo dicionário da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação da cultura.* Rio de Janeiro: Zahar, 1978.



GINSBURG, Carlo. *História noturna: decifrando o sabá*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

ISAIA, Artur César. *A Umbanda: as imagens do inimigo no discurso católico de meados do século XX*. In: [www.imaginario.com.br/artigo/a0031\\_a0060/a0056-01.shtml](http://www.imaginario.com.br/artigo/a0031_a0060/a0056-01.shtml), capturado em 09/10/2003.

\_\_\_\_\_. *Hierarquia católica e religiões mediúnicas no Brasil da primeira metade do século XX*. In: Revista de Ciências humanas, Florianópolis: EDUFSC, n.30, p.67-80, outubro de 2001.

KARASCH, Mary. *A Vida dos Escravos no Rio de Janeiro 1808/1850*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2000.

LAPASSADE, Georges. LUZ, Marco Aurélio. *O Segredo da Macumba*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

LARA, Sílvia Hunold. "*Os Mina em Minas: linguagem, domínio senhorial e etnicidade*", CIENTÍFICO NACIONAL, História: Fronteiras. Anais do XX Simpósio Nacional da ANPUH, Vol. 1, pp.681-688, Florianópolis, RS, BRASIL, 2000

LOPES, Nei. *Novo dicionário Banto do Brasil*. Rio de Janeiro, Pallas, 2003.

MAGGIE, Yvonne. *Medo de Feitiço: Relações entre magia e poder no Brasil*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

MEYER, Marlyse. *Maria Padilha e toda a sua quadrilha: de amante de um rei de Castela a pomba-gira de Umbanda*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.



MOTT, Luiz. Dedo de Anjo e Osso de Defunto - os restos mortais na feitiçaria afro-luso-brasileira. In: *Revista USP- Dossiê Magia*. São Paulo: USP, nº31, set, out. nov., 1996. P.115.

\_\_\_\_\_. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In:\_\_\_\_\_. SOUZA, Laura de Mello e (org.). *História da Vida Privada no Brasil 1 - cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 155-220.

\_\_\_\_\_. Sodomia na Bahia: o amor que não ousava dizer o nome. In: *Revista Inquice*, no. 0, Julho de 1999.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Entre a Cruz e a Encruzilhada*. São Paulo, EDUSP, 1996.

PANTOJA, Selma. *Negras em terras de brancas: as africanas na rede da Inquisição*. In: Primeiro Simpósio Internacional “O Desafio da diferença: articulando gênero, raça e classe. Salvador, Bahia: Universidade Federal da Bahia, 09 a 12 de abril de 2000. Site: <http://www.desafio.ufba.br>, capturado em 14/3/2003.

PEREIRA, Nuno Marques. *Compêndio narrativo do peregrino da América (1728)*, Rio de Janeiro: Publicação da Academia Brasileira, 1929.

PINNA, Bruno. Devassa da Visita Geral da Comarca Eclesiástica de Cuiabá, ano de 1785, Arquivo da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro. Série: Visitas Pastorais, Notação VP3.

POSTURAS MUNICIPAIS, 1831, APMT.

POSTURAS MUNICIPAIS, 1845, APMT.



PRANDI, Reginaldo, *Herdeiras do Axé*. São Paulo, Hucitec, 1996.

RIO, João do. *As Religiões do Rio*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1951.

RODRIGUES, R. Nina. *O Animismo Fetichista dos Negros Baianos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

ROMERO, Sílvio. *História da Literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio (coleção Documentos Brasileiros), 1949.

SÁ JUNIOR, Mario Teixeira de. *Baianos e malandros: a sacralização do humano no panteão umbandista do século XX*, 2003, mimeo.

\_\_\_\_\_. *A invenção da alva nação umbandista: a relação entre a produção historiográfica brasileira e a sua influência na produção dos intelectuais da Umbanda (1840-1960)*, Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, UFMS – Câmpus Dourado, para a obtenção do título de Mestre em História, 2004, mimeo.

SILVA, Alberto da Costa e. *A manilha e o libambo: a África e a escravidão, de 1500 a 1700*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Biblioteca Nacional, 2002.

SOUZA, Laura de Mello e. *Feitiços e bruxarias no Brasil colonial*. In: Revista Ciência Hoje, volume 7, n.º 40. março de 1988.

\_\_\_\_\_. *O Diabo na terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.

\_\_\_\_\_. *Inferno atlântico: demonologia e colonização, séculos XVI-XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.



SOUZA, Marina de Mello e. *Reis negros no Brasil escravista: história da festa da coroação de rei congo*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

VIANNA, Hermano. *O mistério do Samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.: Ed. UFRJ, 2002.

## MITOS DO ORIXÁ EXU

Seguirão adiante alguns mitos relativos ao Orixá Exu extraídos do livro *Mitologia dos Orixás* do Prof. Reginaldo Prandi.

### EXÚ GANHA O PODER SOBRE AS ENCRUZILHADAS

Exú não tinha riqueza, não tinha fazenda, não tinha rio, não tinha profissão, nem artes, nem missão.

Exú vagabundeava pelo mundo sem paradeiro.

Então um dia, Exú passou a ir à casa de Oxalá.

la à casa de Oxalá todos os dias.

Na casa de Oxalá, Exú se distraía, vendo o velho fabricando os seres humanos.



Muitos e muitos também vinham visitar Oxalá, mas ali ficavam pouco, quatro dias, oito dias e nada aprendiam.

Traziam oferendas, viam o velho Orixá, apreciavam sua obra e partiam.

Exú ficou na casa de Oxalá dezesseis anos.

Exú prestava muita atenção na modelagem e aprendeu como Oxalá fabricava as mãos, os pés, a boca, os olhos, o pênis dos homens, as mãos, os pés, a boca, os olhos, a vagina das mulheres.

Durante dezesseis anos ali ficou ajudando o velho Orixá.

Exú não perguntava.

Exú observava.

Exú prestava atenção.

Exú aprendeu tudo

Um dia Oxalá disse a Exú para ir postar-se na encruzilhada por onde passavam os que vinham à sua casa.

Para ficar ali e não deixar passar quem não trouxesse uma oferenda para Oxalá.

Cada vez mais havia mais humanos para Oxalá fazer.

Oxalá não queria perder tempo recolhendo os presentes que todos ofereciam.

Oxalá nem tinha tempo para as visitas.

Exú tinha aprendido tudo e agora podia ajudar Oxalá.

Exú coletava os ebós para Oxalá.



Exú recebia as oferendas e as entregava a Oxalá.

Exú fazia bem o seu trabalho e Oxalá decidiu recompensá-lo.

Assim, quem viesse à casa de Oxalá teria que pagar também alguma coisa a Exú.

Quem estivesse voltando da casa de Oxalá também pagaria alguma coisa a Exú.

Exú mantinha-se sempre a postos guardando a casa de Oxalá.

Armado de um *ogó*, poderoso porrete, afastava os indesejáveis e punia quem tentasse burlar sua vigilância.

Exú trabalhava demais e fez ali sua casa, ali na encruzilhada.

Ganhou uma rendosa profissão, ganhou seu lugar, sua casa.

Exú ficou rico e poderoso.

Ninguém pode mais passar pela encruzilhada sem pagar alguma coisa a Exú.

*Fonte: PRANDI, Reginaldo, Mitologia dos Orixás - São Paulo: Companhia das Letras, 2001.*

## EXU GANHA O PRIVILÉGIO DE COMER PRIMEIRO

Exu era o filho caçula de Iemanjá e Orunmilá, irmão de Ogum, Xangô e Oxóssi.

Exu comia de tudo e sua fome era incontrollável.



Comeu todos os animais da aldeia em que vivia. Comeu os de quatro pés e comeu os de pena. Comeu os cereais, as frutas, os inhames, as pimentas. Bebeu toda a cerveja, toda a aguardente, todo o vinho. Ingeriu todo o azeite-de-dendê e todos os *obis*.

Quanto mais comia, mais fome sentia Exu.

Primeiro comeu tudo o que mais gostava, depois começou a devorar as árvores, os pastos, e já ameaçava engolir o mar.

Furioso com a situação, Orunmilá compreendeu que Exu não pararia e acabaria por devorar até mesmo o Céu. Então pediu a Ogum que detivesse o irmão, a todo custo. Para preservar a Terra, os seres humanos e até mesmo os Orixás, Ogum teve que matar o próprio irmão.

Mas a morte, entretanto, não aplacou a fome de Exu.

Mesmo depois de morto, podia-se sentir sua presença devoradora, sua fome sem tamanho.

Assim, os pastos, os mares, os poucos animais que restavam, todas as colheitas e até mesmo os peixes foram sendo consumidos. Os homens, sem ter o que comer foram definhando, e de fome foram morrendo, um a um.

Um sacerdote da aldeia consultou Ifá, e alertou a Orunmilá que: "Exu, mesmo em espírito, estava aclamando por sua atenção. Era preciso dar atenção a Exu, era preciso aplacar sua fome, Exu queria comer".

Orunmilá obedecendo o Oráculo, ordenou:



"Daqui por diante, para que Exu não provoque mais catástrofes, sempre que fizerem oferendas aos Orixás, deverão em primeiro lugar servir comida a ele".

Para haver paz e tranquilidade entre os homens, é preciso dar de comer a Exu, em primeiro lugar.

*Reginaldo Prandi*

### EXU VINGA-SE POR CAUSA DE EBÓ FEITO COM DISPLICÊNCIA

Alumã era um lavrador que precisava de chuvas, pois seus campos estavam secos e a plantação toda ia se perder. Alumã ofereceu um ebó para Exu mandar chuva.

Ofereceu a Exu pedaços de carne de bode.

Como a comida estava muito apimentada, Exu ficou com muita sede.

Exu procurava água para matar a sede implacável, mas água não havia, estava tudo seco no lugar. Exu então abriu a torneira da chuva.

Ela jorrou como nunca, fazendo com que o povo se regozijasse com Alumã. As colheitas estavam salvas!

Mas a chuva não cessou.



Alumã percebeu dias depois que já bastava de chuva. Já chovera em excesso e as colheitas corriam perigo, agora era água em demasia; uma inundação.

Alumã tornou a oferecer a Exu carne de bode, mas agora cuidou que a pimenta estivesse no ponto certo. Exu aceitou o ebó e estancou a chuva. Exu é justo, cantou Alumã.

*Reginaldo Prandi*

#### **EXU RECEBE EBO E SALVA UM HOMEM DOENTE.**

Havia um homem que tinha muitos discípulos. Um dia quando este homem adoeceu, mandou seus discípulos a todas as partes do mundo em busca de quem pudesse cura-lo.

Mas, mesmo tendo feito o ebó como lhe indicaram, todos o abandonaram.

Exu, porém, que recebera o ebó, disse-lhe: "Levanta-te e segue adiante de mim, que vou te escorando por detrás, até chegar aos pés de quem possa te salvar nesta emergência".

E assim Exu o ajudou a chegar até Orunmila, que nao o desprezou no pior momento de sua vida e o curou.

*Reginaldo Prandi*



## EXU CORTA O NARIZ DO ARTESÃO QUE NÃO FEZ O EBÓ PROMETIDO

Era uma vez um marceneiro muito competente no ofício, mas que não tinha jeito de arranjar trabalho.

O artesão teve um sonho com um negrinho que disse que ele ia ter muito serviço e ia ganhar um bom dinheiro.

O negrinho do sonho, com seu barrete vermelho, disse ao marceneiro que após completar o primeiro serviço ele tinha que fazer um ebó para Exu.

Devia providenciar um galo preto, sete tocos de lenha, fósforos e uma vela, um pouco de azeite-de-dendê, sete ecôs, fumo picado e muitos búzios.

Que fosse para o mato fechado. Acendesse a vela, passasse o galo no corpo, fizesse a fogueira com a lenha e o fósforo. Que matasse o galo e cozinhasse com os temperos estipulados e oferecesse os búzios.

Era assim o ebó que Exu queria. Se ele não fizesse o ebó, ameaçou, Exu tomaria o seu nariz.

No sonho o artesão concordou com tudo. Quando acordou, porém, não deu a menor importância ao que sonhara.

No mesmo dia apareceu um grande serviço, que o marceneiro fez com capricho e rapidez, e ganhou um bom dinheiro.



E depois outro e mais outro e assim foi ele ficando de bem com a vida. Mas para Exu, nada.

Ele nunca se preocupou em cumprir a obrigação.

Um dia, trabalhava sob o sol alisando as tábuas, quando o negrinho do sonho apareceu e disse:

Olha, não vais cortar o nariz com esse enxó?

Ele respondeu?

Como é que eu posso cortar o nariz com este enxó?

E fez um gesto aproximando o instrumento do rosto. E sem querer decepou o seu nariz com a

lâmina do enxó. Aí o moleque disse:

Te lembras da promessa do ebó? Exu deu-te trabalho e dinheiro.

Não deste nada para Exu, então vim buscar o teu nariz.

Pegou o nariz que caíra no chão, deu as costas para o marceneiro que sangrava horrivelmente e foi-se embora levando o nariz do artesão.

## **EXU LEVA AOS HOMENS O ORÁCULO DE IFÁ**

Em épocas remotas os deuses passaram fome.

Às vezes, por longos períodos, eles não recebiam bastante comida de seus filhos que viviam na Terra.

Os deuses cada vez mais se indispunham uns com os outros e lutavam entre si guerras assombrosas.



Os descendentes dos deuses não pensavam mais neles e os deuses se perguntavam o que poderiam fazer. Como ser novamente alimentados pelos homens?

Os homens não faziam mais oferendas e os deuses tinham fome. Sem a proteção dos deuses, a desgraça tinha se abatido sobre a Terra e os homens viviam doentes, pobres, infelizes.

Um dia Exu pegou a estrada e foi em busca de solução.

Exu foi até Iemanjá em busca de algo que pudesse recuperar a boa vontade dos homens.

Iemanjá lhe disse: "Nada conseguirás. Xapanã já tentou afligir os homens com doenças, mas eles não vieram lhe oferecer sacrifícios".

Iemanjá disse: "Exu matará todos os homens, mas eles não lhe darão o que comer. Xangô já lançou muitos raios e já matou muitos homens, mas eles nem se preocupam com ele. Então é melhor que procures solução em outra direção. Os homens não tem medo de morrer. Em vez de ameaçá-los com a morte, mostra a eles alguma coisa que seja tão boa que eles sintam vontade de tê-la. E que, para tanto, desejem continuar vivos".

Exu retornou o seu caminho e foi procurar Orungã. Orungã lhe disse: "Eu sei por que vieste. Os dezesseis deuses tem fome. É preciso dar aos homens alguma coisa de que eles gostem, alguma coisa que os satisfaça.. Eu conheço algo que pode fazer isso. É uma grande coisa que é feita com dezesseis caroços de dendê. Arranja



os cocos da palmeira e entenda seu significado. Assim poderás conquistar os homens".

Exu foi ao local onde havia palmeiras e conseguiu ganhar dos macacos dezesseis cocos.

Exu pensou e pensou, mas não atinava no que fazer com eles. Os macacos então lhe disseram: "Exu, não sabes o que fazer com os dezesseis cocos de palmeira? Vai andando pelo mundo e em cada lugar pergunta o que significam esses cocos de palmeira. Deves ir a dezesseis lugares para saber o que significam esses cocos de palmeira. Em cada um desses lugares recolheras dezesseis odus. Recolherás dezesseis histórias, dezesseis oráculos. Cada história tem a sua sabedorias, conselhos que podem ajudar os homens. Vai juntando os odus e ao final de um ano terás aprendido o suficiente. Aprenderás dezesseis vezes dezesseis odus. Então volta para onde moram os deuses. Ensina aos homens o que terás aprendido e os homens irão cuidar de Exu de novo".

Exu fez o que lhe foi dito e retornou ao Orun, o Céu dos Orixás.

Exu mostrou aos deuses os odus que havia aprendido e os deuses disseram: "Isso é muito bom".

Os deuses, então, ensinaram o novo saber aos seus descendentes, os homens.

Os homens então puderam saber todos os dias os desígnios dos deuses e os acontecimentos do porvir.



Quando jogavam os dezesseis cocos de dendê e interpretavam o odu que eles indicavam, sabiam da grande quantidade de mal que havia no futuro.

Eles aprenderam a fazer sacrifícios aos Orixás para afastar os males que os ameaçavam.

Eles recomeçavam a sacrificar animais e a cozinhar suas carnes para os deuses.

Os Orixás estavam satisfeitos e felizes.

Foi assim que Exu trouxe aos homens o Ifá.

*Reginaldo Prandi*

### **EXÚ AJUDA UM MENDIGO A ENRIQUECER**

Era uma vez um homem pobre e peregrino.

Um dia, ele consultou gente competente

E fez como lhe fora dito.

Preparou um ebó com muita dificuldade.

Exu, então, vendo todo aquele esforço,

Quis muito ajudar aquele homem.

Uma vez, quando o mendigo e um milionário

Caminhavam pela mesma rua, Exu preparou

A estratégia para mudar a sua vida e o instrui.

A ridicularizar sem parar o milionário.

Em voz bem alta devia o mendigo dizer

Que ali não havia ninguém importante,



Senão ele mesmo, o mendigo.  
Enquanto isso, Exu instigava o milionário, dizendo:  
Não tolero esse tipo de gente, esses pobres.  
Muda-o com força da tua fortuna, vamos.  
Como o milionário se sentisse de fato  
Ofendido com a petulância do pobre,  
Resolveu ajuda-lo para mostrar quão rico era.  
O rico tomou o pobre pelo braço e pôs-se  
A passear junto com ele aqui e ali, demonstrando  
Terem a maior intimidade.  
Todos viram aquilo e tiraram a mesma conclusão.  
Se o rico lhe dava o braço, rico também seria ele.  
Assim , em todo o comércio, todos ofereceram  
Crédito para tudo o que o mendigo quisesse.  
Tendo assim tanto crédito, pôde ele fazer muitos  
Negócios e com cada negócio mais crédito lhe era oferecido.  
Até que enriqueceu.  
Assim o pobre ficou rico graças à artimanha de Exu.

*Reginaldo Prandi*

**Por que Exu é o primeiro?**



Reginaldo Prandi

[autor de *Mitologia dos orixás*]

Para que os seres humanos possam viver bem neste mundo, é preciso estar bem com os deuses. Por isso os homens propiciam os orixás, oferecendo-lhes um pouco de tudo o que produzem e que é essencial à vida. As oferendas dos homens aos orixás devem ser transportadas até o mundo dos deuses, o *Orum*. O orixá Exu tem esse encargo de transportador. Também é preciso saber se os orixás estão satisfeitos com a atenção a eles dispensada pelos seus descendentes, os seres humanos. Exu propicia essa comunicação, traz suas mensagens, é o mensageiro. É fundamental para a sobrevivência dos mortais receber as determinações e os conselhos que os orixás enviam do *Aiê*. Exu é o portador das orientações e ordens, é o porta-voz dos deuses e entre os deuses. Exu faz a ponte entre este mundo e o mundo dos orixás, especialmente nas consultas oraculares. Como os orixás interferem em tudo o que ocorre neste mundo, incluindo o cotidiano dos viventes e os fenômenos da própria natureza, nada acontece sem o trabalho de intermediário do mensageiro e transportador Exu. Nada se faz sem ele, nenhuma mudança, nem mesmo uma repetição. Sua presença está consignada até mesmo



no primeiro ato da Criação: sem Exu, nada é possível. O poder de Exu, portanto, é incomensurável.

O sacrifício é o meio através do qual os humanos se dirigem aos orixás, e o sacrifício significa a reafirmação dos laços de lealdade, solidariedade e retribuição entre os habitantes do *Aiê* e os habitantes do *Orum*. Sempre que um orixá é interpelado, Exu também o é, pois a interpelação de todos se faz através dele. É preciso que ele receba a oferenda, sem a qual a comunicação não se realiza. A relação homem-orixá tem como fundamento a materialidade do sacrifício, a concretude da oferenda. Isso é uma definição religiosa, um ponto de partida essencial na concepção africana do sagrado. A própria possibilidade do homem professar a sua religião de orixás — seja na África, no Brasil, ou noutro lugar — depende, pois, do trabalho de Exu.

Como mensageiro dos deuses, Exu tudo sabe; não há segredos para ele, tudo ele ouve e tudo ele transmite. E pode quase tudo, pois conhece todas as receitas, todas as fórmulas, todas as magias. Exu trabalha para todos, não faz distinção entre aqueles a quem deve prestar serviço por imposição de seu cargo, o que inclui todas as divindades, mais os antepassados e os humanos. Exu não pode ter preferência por esse ou aquele. Mas talvez o que o distingue de todos os outros deuses é seu caráter de transformador: Exu é aquele que tem o poder de quebrar a tradição, pôr as regras em questão, romper a norma e promover a



mudança. Não é, pois, de se estranhar que seja temido e considerado perigoso, posto que se trata daquele que é o próprio princípio do movimento, que tudo transforma, que não respeita limites. Assim, tudo o que contraria as normas sociais que regulam o cotidiano passa a ser atributo seu. Exu carrega qualificações morais e intelectuais próprias do responsável pela manutenção e funcionamento do *status quo*, inclusive representando o princípio da continuidade garantida pela sexualidade e reprodução humana, mas ao mesmo tempo ele é o inovador que fere as tradições, um ente portanto nada confiável, que se imagina, por conseguinte, ser dotado de caráter instável, duvidoso, interesseiro, turbulento e arrivista.

Para um iorubá ou outro africano tradicional, nada é mais importante do que ter uma prole numerosa, e para garanti-la é preciso ter muitas esposas e uma vida sexual regular e profícua. É preciso gerar muitos filhos, de modo que, nessas culturas antigas, o sexo tem um sentido social que envolve a própria idéia de garantia da sobrevivência coletiva e perpetuação das linhagens, clãs e cidades. Exu é o patrono da cópula, que gera filhos e garante a continuidade do povo e a eternidade do homem. Nenhum homem ou mulher pode se sentir realizado e feliz sem uma numerosa prole, e a atividade sexual é decisiva para isso. É da relação íntima com a reprodução e a sexualidade, tão explicitadas pelos símbolos fálicos que o representam, que decorre a



construção mítica do gênio libidinoso, lascivo, carnal e desregrado de Exu-Elegbara.

Isso tudo contribuiu enormemente para modelar sua imagem estereotipada de orixá difícil e perigoso, que os cristãos, erroneamente, reconheceram como demoníaca. Quando a religião dos orixás veio a ser praticada no Brasil do século XIX por negros que eram também católicos, todo o sistema cristão de pensar o mundo em termos do bem e do mal deu um novo formato à religião africana, no qual Exu veio a desempenhar outro papel. A visão “cristã” dos orixás confundiu Oxalá com Jesus, Iemanjá com Nossa Senhora, e outros santos católicos com os demais orixás. Para completar o panteão afro-católico, sobrou para Exu ser confundido com o Diabo. Foi, portanto, o sincretismo católico que deu a Exu a identidade de um demônio. Mas essa identidade destorcida sempre foi católica, cristã, sincrética. Não tem nada de africana.

Pensam os que se acostumaram a ver os orixás numa perspectiva cristã (imposta pelo catolicismo e hoje reforçada pelo evangelismo) que Exu deve ser homenageado em primeiro lugar para não provocar confusão, para não bagunçar a cerimônia, como se ele fosse um simples e oportunista arruaceiro. É uma visão bem simplista e demasiadamente falsa. Ora, Exu é antes de tudo movimento e nada pode acontecer sem ele, nem mesmo em pensamento, sem movimento. Nada pode, portanto, se dar sem a interferência de Exu. Por isso ele é sempre o primeiro a ser



homenageado: é preciso permitir o movimento para que o evento, seja ele qual for, se realize, seja para o bem ou para o mal. Esse movimento não é dotado de moralidade, nem poderia ser, pois se assim fosse o mundo ficaria paralisado. A vida é um pulsar permanente, e em cada passo, em cada avanço ou retrocesso, em cada mudança, enfim, Exu está presente. Tudo começa por ele; por isso ele será sempre o primeiro.

## Bibliografia

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

PRANDI, Reginaldo. *Segredos guardados: orixás na alma brasileira*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

SANTOS, Juana Elbein dos. *Os nagô e a morte*. Petrópolis, Vozes, 1976.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo*. 5ª edição. Salvador, Corrupio, 1997.



Reginaldo Prandi é professor de Sociologia da Universidade de São Paulo e autor, entre outros livros, de *Mitologia dos orixás*, *Segredos guardados*, *Os príncipes do destino*, *Ifá o adivinho*, *Morte nos búzios*.

[Texto extraído e modificado do livro *Segredos Guardados*, de Reginaldo Prandi, Companhia das Letras, 2005.]

